

Revista

UNIFAC
Associação de Ensino de Botucatu



Reticências

Ano 1. nº. 1 Agosto-2019 / Maio – 2020

Da sustentabilidade ao afeto na aprendizagem





FIB's – FACULDADES INTEGRADAS DE BOTUCATU/UNIFAC
Profa. Cecília B. Pires Tavares Anderlini (Diretora Geral)
Arqta. Daniela de Anderlini (Diretora Administrativa)

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
Prof. Dr. Rodrigo Casali (Coordenador)

NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS
Profa. Dra. Elen F. B. Carrega (Coordenadora)

Divisão de Biblioteca e Documentação das Faculdades Integradas de
Botucatu/UNIFAC

Graduação em Pedagogia/Núcleo de Estudos Integrador (da) Faculdades
Integradas de Botucatu. – Ano 1, n.1 (ago. 2019 / mai. 2020)-. Botucatu :
Faculdades Integradas de Botucatu/UNIFAC, 2019- semestral.

1. Processos de Aprendizagem I. Faculdades Integradas de Botucatu/UNIFAC II.
Núcleo de Estudos Integrados



Revista

Reticências



Ano 1. nº. 1 Agosto-2019 / Maio – 2020

REVISTA RETICÊNCIAS
Número 01 – agosto-2019/maio-2020
ISSN –
Site: <https://www.unifac.edu.br/>
E-mail: pedagogia@unifac.com.br

EDITOR RESPONSÁVEL
Rodrigo Casali

EDITORA ADJUNTA
Elen F. B. Carrega

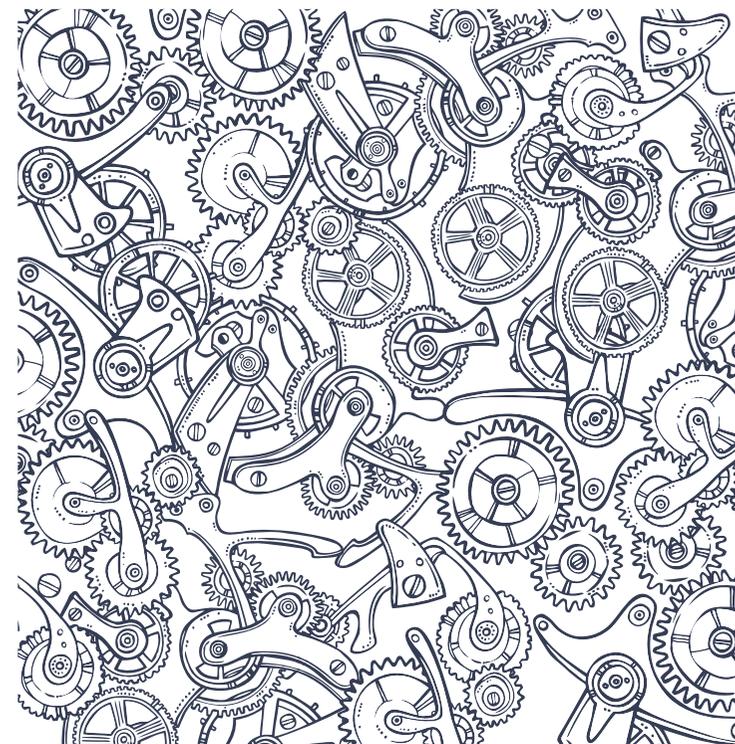
CONSELHO EDITORIAL
Ana Lúcia de Mello
Elcy Dutra Calvi
Vania Teresa Araujo Silva
Elenice Aparecida Vaz de Lima Severino
Geanie Thabata Godoy da Silva
Magali Ferreira
Neli Antunes de Oliveira
Patricia Angelica Secani Turri Costa
Wagner Codello
Werr Lucilaine Nunes de Assis
Marcia Aparecida Gomes Garcia
Thadeo Augusto Rocha de Azambuja

CAPA: Douglas Hernandez Villar
ARTE DA CAPA: Douglas Hernandez Villar
PROJETO GRÁFICO: Douglas Hernandez Villar
DIAGRAMAÇÃO: Douglas Hernandez Villar



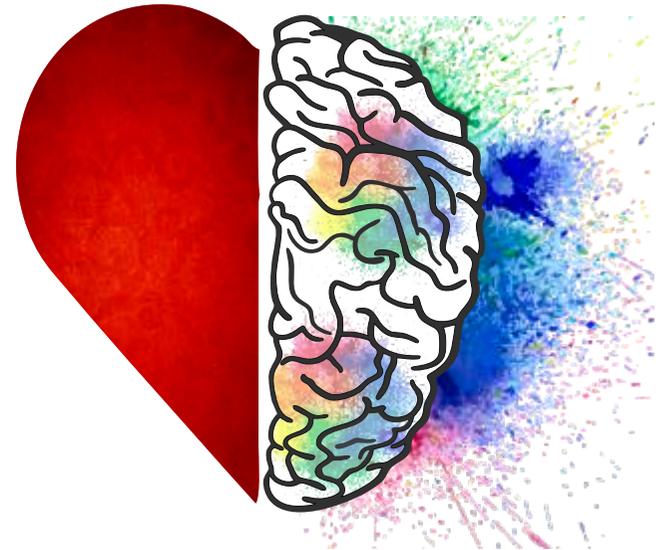
Revista

Reticências





UNIFAC
Associação de Ensino de Botucatu





Sumário

11. Apresentação

12. Editorial

Da sustentabilidade ao afeto na aprendizagem

13. Editorial

14. A Importância Do Lúdico No Processo Da Alfabetização

25. Artes Com Enfoque No Desenho Na Educação Infantil

34. Avanço Do Sobrepeso E Obesidade Infantil No Brasil

55. Educação Hospitalar

62. A Escolarização Do Autista No Ensino Regular

75. Formação Para Professores Na Educação Especial

87. Hiperatividade

**96. A Importância Da Presença Dos Pais Na Vida
Escolar Dos Filhos**

106. Reflexões Acerca Do Transtorno De Déficit De Atenção

**120. As Contribuições De Uma Brinquedoteca No Aprendizado
Das Crianças**

**126. Consumismo Infantil E As Consequências No
Desenvolvimento**

143. Sustentabilidade Na Educação

**155. Carência Afetiva E Os Impactos No Processo De Ensino
Aprendizagem**





Apresentação

É

honra e um grande prazer apresentar ao público a REVISTA RETICÊNCIAS, de caráter científico, composta de trabalhos elaborados pelos alunos do Curso de Pedagogia das FIB's – Faculdades Integradas de Botucatu/UNIFAC. São produtos refletidos e pensados ao longo do Curso, do esforço conjunto dos participantes do Núcleo de Estudos Integradores, que foram transformados em artigos acadêmicos.

A sociedade pelas suas demandas exerce forte pressão nos níveis e modalidades de educação e ensino (educação superior), a mudar conteúdos e formas de ensinar, na construção de competências e habilidades em um fio condutor do processo de aprendizagem – o aluno como construtor do conhecimento.

Depreendemos da leitura dos artigos acadêmicos da Revista que sua elaboração constituiu-se em uma aprendizagem do 'bem pensar' do conjunto professores-alunos, uma racionalidade técnica, um colorido de 'reflexão-na-ação', em seu todo organizacional. Assim foram desenvolvidos os temas atuais, como Inclusão, Obesidade Infantil, Afeto, Sustentabilidade, Lúdico na Aprendizagem e Brinquedoteca.

O Núcleo de Estudos Integrados é interdisciplinar, logo, todos os professores do Curso tiveram sua parcela de participação, face à diversidade de temas abordados.

O espaço curricular do Núcleo é teórico-prático, daí a produção da REVISTA RETICÊNCIAS mostrando o empenho mobilizador dos organizadores, identificados com uma educação integral.

Com aplausos e satisfação

Prof. Waldemar Sartori
Coordenador pedagógico das
FIB's/UNIFAC





Editorial

O

que falar da Revista que em seu nome já diz a que veio?

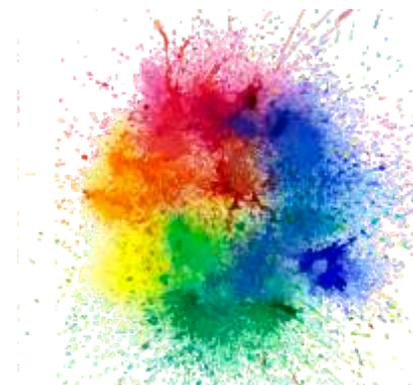
Reticências traz um caráter de continuidade, carregado de bagagem emocional, que exemplifica um sonho colocado em prática, que se realizará a cada edição, dentro de cada artigo, pelos olhos de todos os autores e leitores.

Reticências nasceu do desafio aceito pelos alunos do curso de Pedagogia da UNIFAC, que encontraram coragem para vencer suas próprias inseguranças ao se inserirem no meio acadêmico como protagonistas, autores, que são capazes de coletar informações e transformá-las com cuidado e carinho em artigos que servirão de subsídio para outros acadêmicos.

E afirmo... Desafios não são fáceis de serem vencidos, a insegurança se tornou parceiro diário, as horas de trabalho, as infinitas correções e versões, hoje chegam ao seu ponto final, se tornaram palpáveis e dignas da apreciação dos senhores.

Convido-os a Conhecer Reticências, perceber suas múltiplas identidades, seus mais variados assuntos e se identificar com autores que nasceram junto com ela.

Prof. Dra. Elen F. B. Carrega
Professora da disciplina de Núcleo de
Estudos Integrados



A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO

THE IMPORTANCE OF PLAYERS IN THE LITERACY PROCESS

ALMEIDA, Carolina

BARROS, Vanessa Cristina de

RESUMO: O presente trabalho acadêmico tem como objetivo coletar dados que demonstrem a importância das atividades lúdicas na alfabetização, visto que jogos e brincadeiras são essenciais no processo da alfabetização e qualquer fase escolar. Pretende-se comprovar que a utilização de jogos e brincadeiras contribui para formação social dos mesmos, podendo-se ser trabalhado a cooperação, a relação social e a interação, auxiliando na construção do conhecimento e no desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Lúdico – alfabetização – jogos - brincadeiras

ABSTRACT: The present academic work aims to collect data that demonstrate the importance of playful activities in literacy, since games and play are essential in the process of literacy and any school phase. It is intended to prove that the use of games and games contributes to their social formation, and cooperation, social relationship and interaction can be worked on, helping in the construction of knowledge and development.

KEYWORDS: Playful - literacy - games - play

1. INTRODUÇÃO

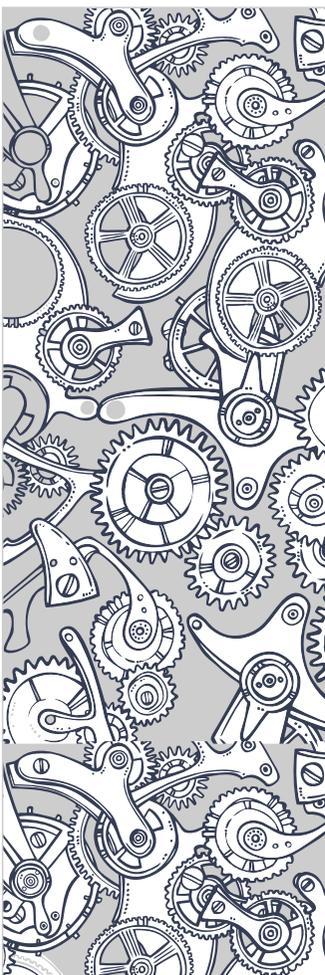
O lúdico é uma ferramenta de extrema importância que deve ser utilizada pelos professores de educação infantil como técnicas metodológicas na aprendizagem. Com a utilização do lúdico, os alunos poderão se alfabetizar de forma mais prazerosa, proporcionando a criança o seu desenvolvimento físico, motor, emocional, social, social e cognitivo, então o estudo passará a não ser um fardo, culminando em uma educação de qualidade e eficaz, facilitando o processo e o trabalho do professor, já que tão novas as crianças precisam estar alfabetizadas.

A escolha do tema é verificar a importância do lúdico dentro do processo da alfabetização e letramento. O lúdico que antes era uma opção dentro da didática de grandes educadores do passado, hoje é visto como uma necessidade e algo indispensável nesse processo, visto que as crianças precisam se alfabetizar ainda na Educação Infantil, para assim, terem um bom rendimento no ensino fundamental que entrarão no ano seguinte (1º ano).

O presente trabalho acadêmico tem como objetivo coletar dados que demonstrem a importância das atividades lúdicas na alfabetização, visto que jogos e brincadeiras são essenciais no processo da alfabetização e qualquer fase escolar. Pretende-se comprovar que a utilização de jogos e brincadeiras contribui para formação social dos mesmos, podendo-se ser trabalhado a cooperação, a relação social e a interação, auxiliando na construção do conhecimento e no desenvolvimento. Portanto, mostrar o quanto o processo da alfabetização pode ser algo prazeroso, fácil e dinâmico, podendo contribuir de forma positivamente para as crianças na hora de se alfabetizarem.

2. O DESENVOLVIMENTO LÚDICO AO LONGO DA HISTÓRIA

A palavra lúdica tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo". O termo lúdico se refere ao jogar, brincar, ao movimento espontâneo.



¹ Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

² Alunas do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

(Antunes 2005, p33).

O lúdico é definido como parte fundamental do comportamento humano. Sua definição não é somente como o jogo. Antunes (2005, p.33) retrata o lúdico: “as implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo”. Dessa forma, podemos concluir que o lúdico apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana, na infância e na adolescência a finalidade é essencialmente pedagógica. De acordo com Neves (2009, p.45), “a criança e mesmo o jovem colocam obstáculo quando o assunto é escola ou ensino, porque acima de tudo ela não é lúdica, não costuma ser prazerosa”. Assim, é possível dizer que a cultura lúdica é produzida pelas pessoas no qual se constrói a todo tempo, através das brincadeiras que a criança conhece desde cedo.

A concepção da cultura lúdica é uma noção historicamente construída ao longo do tempo e, conseqüentemente, foi mudando conforme as sociedades, não se mantendo da mesma forma dentro das sociedades e épocas. Portanto, o lúdico se expressa desde os primitivos nas atividades de dança, caça, pesca, lutas. (ANTUNES 2005, p34).

Segundo Antunes (2005) na Grécia antiga, Platão afirmava que a infância das crianças deveria ser ocupada por jogos e brincadeiras. Percebe-se então a importância dos jogos e brincadeiras nesse período, partindo de uma valorização na Grécia Antiga para algo insignificante com o cristianismo. Ainda segundo o mesmo autor (2005, p.57) “a cultura lúdica é historicamente construída”. O autor ainda segue dizendo (p.58) que “foi a partir do século XVI, que começaram a valorizar novamente o jogo educativo, percebendo a importância do processo lúdico na formação da criança”.

Portanto, a ludicidade, é uma ferramenta de extrema importância para a saúde mental do ser humano, e merece total atenção dos pais e educadores, pois

é direito de toda a criança ter uma relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos. O lúdico auxilia no bem-estar, e na relação da criança com toda a sociedade.

Com o uso de atividades lúdicas e os jogos, a criança forma conceitos, seleciona ideias, estabelece relações lógicas, cria a percepção sobre o desenvolvimento humano e, por meio dele vai se socializando com as demais crianças. Pode-se ressaltar que a educação lúdica esteve presente várias épocas, povos e contextos e hoje forma uma grande rede de conhecimento no campo da Educação.

3. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Sabe-se que o lúdico faz parte do cotidiano da criança, uma vez, que ela passa praticamente o maior tempo de sua infância brincando. De acordo com Gusso & Schuartz (2005) Apud Lima e Cardoso (2016), o lúdico está presente no dia a dia da criança em diferentes espaços, entendendo-se assim que a criança tem a necessidade do brincar para se expressar e interagir com o outro, visto que, a ação do lúdico colabora também em seu desenvolvimento físico, motor, cognitivo, afetivo e social.

O Ato de brincar e as brincadeiras são indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual, são a essência da criança e sempre estiveram presentes desde ao longo do tempo. Através deles, a criança desenvolve a linguagem, a imaginação, a socialização e a confiança em si própria, ela aprende a brincar brincando e brinca aprendendo, além de aprender a lidar com as suas emoções durante conflitos, tendo a sua individualidade. Nesse sentido, Vygostki (1998, p.127) resalta que com o auxílio das brincadeiras, a criança cria uma situação imaginária, isto é, é por meio dela que a criança cria o seu próprio desenvolvimento o no processo educativo. Segundo Piaget (1998, p.62) Apud Zopelari (2010) “o brinquedo não pode ser visto apenas como divertimento ou

brincadeira para gastar energia, mas sim como grande ferramenta que favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”. Através dele se faz a construção de conhecimento, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório.

De uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar. Para manter-se em harmonia consigo mesma e com os demais a sua volta, a criança precisa brincar, inventar e reinventar o mundo (CHATEAU, 1987, p.14).

Tanto para Vygotsky (1984) como para Piaget (1975), o desenvolvimento é evolutivo e nesse trajeto, a imigração se desenvolve. Uma vez que a criança brinca ela desenvolve seus conhecimentos, e dificilmente perde esta capacidade depois. É com a formação de conceitos que se dá a verdadeira aprendizagem e é no brincar que está um dos maiores espaços para a formação de conceitos. Negrine (1994, p.19) Apud Brito (2018), sustenta que os benefícios das atividades lúdicas indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão integralmente ligadas: a inteligência, a afetividade e a sociabilidade. Essas qualidades são inseparáveis: sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral e intelectual da criança.

As brincadeiras são primordiais para o desenvolvimento infantil, pois a criança necessita brincar, jogar, imaginar e expandir suas ideias de mundo. A importância da utilização dos brinquedos, jogos e brincadeiras como metodologia pedagógica é ferramenta indispensável no cotidiano do professor. Com os jogos e brincadeiras, o educador encontra mais facilidade para lidar com as dificuldades de aprendizagem, proporcionando melhor relação com os alunos na hora de ensinar. Os professores precisam estar cientes de que a brincadeira é necessária e que traz enormes contribuições para o desenvolvimento da habilidade de aprender e ensinar. (Campos 2011)

4. O LÚDICO NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO

As atividades lúdicas na alfabetização e letramento fazem com que as crianças se desenvolvam com mais facilidade e naturalidade neste processo. Durante a brincadeira, a mesma desenvolve a sua imaginação, sua fantasia, cria novas possibilidades de aprendizagens, fazendo com que interaja cada vez mais com o mundo a sua volta.

Entre as questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, entende-se que na prática docente é primordial, porém necessita de um planejamento e uma atenção para a realização das atividades, para que tal processo ocorra positivamente e traga bons resultados, também é de importante a maneira como desenvolvem e trabalham os diferentes temas e conhecimentos, bem como o envolvimento dos alunos nesse processo.

O educador pode desenvolver atividades que sejam divertidas e que sobretudo ensine os alunos a discernir valores éticos e morais, formando cidadãos conscientes dos seus deveres e de suas responsabilidades, além de proporcionar situações que haja interação maior entre educador e aluno, trazendo uma aula diferente e criativa, sem ser rotineira.

Nesse sentido Marinho et al (2007, p.86) Apud Santos(2014) ressalta:

O educador em sua ação, na educação infantil é nas séries iniciais do ensino fundamental, deve considerar essas questões ao refletir sobre a prática pedagógica. A ludicidade deve ser um dos principais eixos norteadores do processo de ensino-aprendizagem, pois possibilita a organização dos diferentes conhecimentos numa abordagem metodológica com a utilização de estratégias desafiadoras. Assim, a criança fica mais motivada para aprender, pois tem mais prazer em descobrir e o aprendizado é permeado por um desafio constante.

Com o uso do lúdico na sala de aula, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a

vontade de participar e a alegria de conseguir realizar aquela conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e consegue prender a atenção e a concentração do aluno, fazendo com assimile os conteúdos com mais facilidades e naturalidade. (KISHIMOTO, 1994). apud Santos (2016).

A ludicidade pode ser utilizada como forma de sondar, introduzir ou reforçar os conteúdos na hora de alfabetizar, fundamentados que podem levar o aluno a sentir satisfação em descobrir um caminho interessante no aprendizado. Assim, o lúdico é uma ponte para auxiliar na melhoria dos resultados que os professores querem alcançar. (BRASIL, 2007).

Segundo Santos (2014, p.15) apud Chochel (2016), “a Ludoeeducação é uma tendência que busca nas atividades lúdicas uma forma de planejar atividade escolares que motivem os alunos para a construção do conhecimento”. A ludicidade é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois, a partir dela a criança pode aprender brincando.

Brainer e Teles (2012 apud BRASIL, 2012), completam dizendo que é o professor que desempenha o papel de tornar o jogo como um importante ajuda no processo de alfabetização dentro da sala de aula, que cabe somente a ele explorar o lúdico no momento mais oportuno dentro da sua aula.

Para Santos (2014), o educador é quem deverá organizar uma boa aula dando liberdade à criança, para que esta desenvolva suas múltiplas habilidades, por isso a atividade lúdica precisa ser desenvolvida pela criança com a mesma satisfação de como se ela estivesse livre. Estudar com prazer é muito mais gratificante, a criança é espontânea mesmo partindo de uma atividade que contenha regras, por isso cabe ao professor ser um estimulador desse conhecimento, trabalhando e organizando diferentes atividades.

Diante de tudo verifica-se de fato que o lúdico em muito contribui no processo de alfabetização e letramento, proporcionando à criança expectativas de vivenciar e ver o mundo da leitura e escrita, de forma espontânea, prazerosa

e com criticidade.

Ao utilizar os jogos no processo de alfabetização das crianças é possível alcançar inúmeras ações que possibilitam uma aprendizagem eficaz, como denotam as pesquisas de Queiroz (2003) o jogo pode ser extremamente interessante como instrumento pedagógico, pois incentiva a interação e desperta o interesse pelo tema estudado, além de fomentar o prazer e a curiosidade.

Assim, Marinho (2007) e Kishimoto (1994) afirmam, o lúdico é um dos principais eixos do processo educacional de aprendizagem, com ele o aluno desperta dentro de si a vontade de participar, criar, perdendo o medo de aprender e interagir durante as aulas, pois a aula se torna prazerosa, e divertida.

Brasil (2007) também reforça, dizendo que o lúdico pode ser utilizado como uma forma de reforçar os conteúdos, garantindo de fato que a aprendizagem ocorra, auxiliando as práticas e resultados estipulados pelos professores. Santos (2014) diz que para que o sucesso da aprendizagem ocorra, o professor é fundamental, pois ele irá aplicar e desenvolver os métodos, concordando com o pensamento de Brasil, que também diz que o mesmo é quem irá tornar possível todo o desenvolvimento e participação das crianças durante as atividades.

Desse modo, também características como a socialização da crianças, no estímulo a sua auto confiança e a garantia de minimizar os medos e receios, por parte das crianças de irem para a escola e ficarem várias horas dentro de uma sala de aula monótona, são abordagens estudadas e utilizadas pelos professores, para que possam fazer bom uso dela, e explorem as diversas formas de aprendizagem inseridas nas brincadeiras, para que haja um melhor desenvolvimento das crianças, pois, é nos primeiros anos escolares que a sua capacidade de percepção e raciocínio devem ser instigados, aumentando, assim, o seu nível de formação intelectual.

Ainda temos educadores que não perceberam a real importância do “brincar”, o quanto facilita o desenvolvimento pessoal, social e cultural. O

educador precisa entender a criança, o homem, a educação e fazer que o ensinar contribua positivamente na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostrou que é possível alcançar os objetivos da alfabetização e obter bons resultados com a utilização do lúdico durante as aulas.

As ideias expressas pelos autores levaram-nos a compreender que a criança é um cidadão, que tem o direito de brincar, sendo algo natural de sua fase, independentemente de sua história, de sua origem, de sua cultura e do meio social em que vive.

O lúdico desperta o interesse do aluno e os torna mais confiantes, pois o aprender brincando torna a compreensão mais fácil, prazerosa, onde o mesmo perde o medo de saber mais, podendo relacionar o conteúdo estudado a realidade à sua volta.

Propostas como essas devem fazer parte de um professor alfabetizador, sendo uma ferramenta indispensável dos seus planos de aulas, visando ser algo facilitador de compreensão dos conteúdos e tornando as crianças mais familiarizadas com toda aquela situação nova.

Considerando a formação do professor, entendemos que a utilização de tal prática requer um estudo contínuo, como forma de atualizar-se, não somente sobre o meio onde se insere, mas também como forma de entender a dinâmica evolutivo do próprio sistema de ensino. As inovações de ensino, cada vez mais, exigem que a sociedade passe por mudanças, tanto de métodos de aprendizagem, como de comportamento, de modo que ambos desenvolvam bons resultados com os alunos e alcancem melhorias.

Quanto mais o educador conviver com o lúdico, maior será o seu conhecimento, tornando-o mais competente, estimulando a construção do seu saber. A formação lúdica fará com que o adulto viva, conviva e resgate o prazer e a alegria do brincar, transmitindo tal experiência para o campo da educação.

Contudo, sugerimos que o educador reflita sobre sua postura em relação ao ensinar, aprender e ao avaliar o educando dentro da metodologia lúdica, uma vez que, cada um aprende mais, quando tem em vista matérias e métodos que fazem parte do repertório diário e quais mais se adequam a si.

6. Referências Bibliográficas

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências: os jogos e os parâmetros curriculares nacionais**. Campinas: Papyrus, 2005. 312 páginas.

BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, 2007.

BRITO, Elen Cristina da Silva. **O Lúdico na Educação: Práticas E Posições de Docentes do CEI A Mão Cooperadora II**. Itaituba- Pará .2018 Disponível em: <<http://www.faculdadedeitaituba.com.br/pdf.php?id=91&f=TCC%20ELEN%20PRA%20ENTREGAR.pdf>>. Acesso em 02 de Abril de 2019.

CAMPOS, M. C. R. M. **A importância do jogo no processo de aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID>> Acesso no dia 03 de Março de 2019.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1987.

Lima J , Cardoso M . **A importância do lúdico no processo ensino/aprendizagem**. Curitiba - Junho, 2016.

NEVES, Libéria Rodrigues. **O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2009. 128 páginas.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

SANTOS, S. M. P. dos. Brinquedoteca: sucata vira brinquedo. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANTOS, Fernanda Cristina Ribeiro. **A Ludicidade na Alfabetização: Perspectivas e Possibilidades de Novas Aprendizagens.** Medianeira, 2014. Disponível em <
http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5382/1/MD_EDUMTE_VII_2014_45.pdf> Acesso em 04 de Março de 2019.

SANTOS, Eliane Brito dos. **A Ludicidade na Educação Infantil: Perspectivas a partir de uma Escola de Lagoa de Dentro/PB.** João Pessoa/PB. 2016. Disponível em:<
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3406/1/EBS25112016.pdf>>.
Acesso em 11 de Abril de 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem, desenvolvimento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Ícone, 1998, p.127.

ZOPELARI, Lauri de Freitas Petilli. **A Influência do Lúdico para o Desenvolvimento da Aprendizagem de Crianças de 1 a 3 anos.** São Carlos-2010. Disponível em:
http://www.portaldosprofessores.ufscar.br/biblioteca/111/unicid_artigo_lauri_2010_1_.pdf. Acesso em : 03 de Março de 2019.



¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

ARTES COM ENFOQUE NO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ARTS WITH FOCUS ON DRAWING IN CHILD EDUCATION

MAIER, Alexia Eduarda de Campos Souza

RESUMO: A arte na Educação Infantil possui uma abrangente importância. Esta oferece diferentes meios para que a criança se desenvolva através de atividades significantes proporcionadas pelo professor em sala de aula. Com enfoque no desenho, tende a ser uma maneira lúdica de proporcionar benefícios para a criança que inicia sua vida escolar.

Palavras-chave: Educação Infantil, Artes Visuais, Desenho Livre

ABSTRACT: Art in early childhood education is of wide importance. This provides different means for the child to develop through meaningful activities provided by the classroom teacher. With a focus on drawing, it tends to be a playful way to provide benefits for the child who begins his or her school life.

Keyword: Early Education, Visual Arts, Free Design

1. INTRODUÇÃO

A arte na educação Infantil está além do que se possa imaginar, pois faz parte de um dos primeiros contatos da criança com a escola: Está em modelar uma massinha, em pintar um desenho, ou até mesmo dançar uma música. Mas não é só isso. A arte, além de possibilitar à criança expressividade, é

também uma forma de se estimular a imaginação e a criatividade. Para tanto, o professor, tendo isso em mente, deve sempre planejar atividades voltadas a artes com os estímulos adequados para que a criança possa ter o máximo de ganho, e que não sejam meras atividades prontas, assim, proporcionando experiências significativas para os pequenos.

Além de proporcionar a expressividade, o desenho ou rabisco em si, é o início da escrita, que, apesar de ainda não fazê-lo, é algo como um treino para a criança, pois os movimentos usados pelas mãos são parecidos com o que ela usará quando começar a escrever. Algumas crianças desenvolvem a escrita mais rapidamente que outras, ou ainda, possui uma caligrafia mais habilidosa, permitindo assim, uma maior legibilidade quanto a sua escrita a punho. O estímulo ao desenho pode ter influência quanto a isso, pois, sem dúvidas, permite a criança que iniciará brevemente o seu processo de escrita, uma prática motora quanto aos movimentos finos, podendo também favorecer práticas dos movimentos globais do mesmo.

Por meio da arte, ainda, como citado acima, a criança é capaz de expressar os seus sentimentos. Pois é uma maneira que ela encontra, inconscientemente, de colocar para fora coisas que a afetam positivamente e negativamente. Quando uma criança é colocada em uma sala com um psicólogo, por exemplo, muitas vezes este pedirá para que ela desenhe, e através do mesmo, o profissional a analisará.

Além disso, a arte também é capaz de transparecer a sensibilidade da criança. Se ela coloca no papel algum personagem ou até mesmo uma pessoa, significa que ela observou aquilo e se identificou, ou ainda, sente admiração por essa pessoa/personagem.

Por fim, a arte pode ser um meio para o ensino de matemática no ensino infantil. Pois, sabe-se que, já nos anos iniciais, além de uma breve introdução nos números de 0 a 9, as crianças aprendem sobre formas geométricas simples, como quadrado, triângulo, retângulo e círculo.

Entre outros pontos, faz-se indispensável à aplicabilidade das artes no Ensino Infantil de maneira significativa. Para tanto, através deste artigo, tentarei exemplificar a importância da mesma, com enfoque no desenho, através de estudo embasado em material bibliográfico pré-existente.

O objetivo é ler sobre o assunto escolhido, levantar dados e compreender a importância das Artes e mais precisamente do desenho no Ensino Infantil. Além disso, vale ressaltar que o objetivo da Arte e do desenho na Educação Infantil não deve ser a formação de desenhistas profissionais, e sim, de criar maneiras diferentes, lúdicas, por exemplo, que promovam um desenvolvimento significativo da criança no que se refere à motricidade e cognição, além de favorecer a expressão de cada um.

2. DESENVOLVIMENTO

A criança pequena obtém o seu desenvolvimento através de estímulos. Este se inicia já em casa, desde o nascimento, até antes mesmo de ingressar na escola, sendo estes estímulos, dever dos pais ou responsáveis. Após a entrada da criança na escola, essa responsabilidade passa a ser do professor, em sala de aula, através de atividades significativas que promovam a experiência do próprio aluno. Sendo assim, o desenho em sala de aula, além de promover tal desenvolvimento (motor e mental), deve também existir a presença do professor mediando e participando com o aluno:

Quando se trabalha com a primeira infância, arte não é algo que ocorra isoladamente. Ela engloba: controle corporal, coordenação, equilíbrio, motricidade, sentir, ver, ouvir, pensar, falar, ter segurança. É ter confiança, para que a criança possa se movimentar e experimentar. É que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, co-participando e não controlando (HOLM, 2007, p.12 apud OSTETTO, 2011, p.3).

Os benefícios motores também são importantes, por isso, vale à pena estimular a produção de artes na sala de aula.

A presença do adulto, como citado acima, é importante para que a sua produção se torne ainda mais rica. É importante também, que haja liberdade,

como menciona Printes (2018, p.179):

[...] a criança precisa de liberdade, mas ela não avança sem conhecer que há diferentes suportes [...] e posição de corpo; sem conhecer aquilo que já foi historicamente produzido sobre seu objeto de interesse; sem conhecer que existem técnicas e materiais diferenciados; sem compreender que há muitas formas de registros gráficos.

Desta forma, fica visível a relevância do adulto, ou seja, do professor no processo de criação das crianças. Estes ficam responsáveis por mostrar caminhos para que o objetivo seja atingido, mostrando aos pequenos diferentes materiais para a produção do desenho, como por exemplo, tinta guaxe e pincel ao invés de lápis de cor, ou ainda, giz de cera, comumente usado no dia a dia escolar. Pode haver a proposta de se desenhar em um local que não seja a folha, como por exemplo, o chão da quadra, ou a areia do “parquinho” se o mesmo houver na escola. Pode-se também, haver junções de artes com o intuito de estimular ainda mais as crianças. Uma delas seria trabalhar com música e desenho, incluindo mais de uma forma de arte e assim, enriquecendo ainda mais o momento de produção dos alunos. O professor pode colocar uma música podendo essa ser apenas instrumental, e deixar que a criança, através de seus sentidos e de sua sensibilidade, imagine e crie no papel, podendo surgir neste um ambiente ao ar livre, arvores, flores, folhas, ou ainda, um instrumento musical, ou apenas junções de riscos ou pinceladas ao longo do papel, ou seja, os desenhos que surgirão após uma variedade de estímulos.

Portanto, a arte na Educação Infantil, possui um leque de benefícios para a criança pequena, pois além de desenvolver habilidades já adquiridas, proporciona momentos de aprendizagem de forma lúdica, que para ela pode ser um momento de diversão, porém, sem perceber está também, aprendendo, através de determinada atividade ou participando de alguma brincadeira.

Além disso, a sala de aula pode ser um poderoso espaço de criação desta forma, vale verificar a possibilidade de se haver um lugar exclusivo para as produções, podendo ser um cantinho da própria sala de aula, da mesma maneira que há nas salas um “cantinho” destinado à leitura, pode existir também, um

mini ateliê determinado para as produções artísticas, sendo esta, uma forma de estimular o interesse por artes por parte dos alunos. Além deste espaço para produção, pode haver um espaço com obras produzidas pelos alunos, ou ainda por artistas reconhecidos, instigando também, o gosto pelas artes nas crianças, pois:

Apresentar para as crianças as obras de artistas da cidade onde moram, da comunidade onde vivem [...] pode ser muito rico, principalmente quando o contato pessoal com eles é uma real possibilidade. (KOLB-BERNARDES; OSTETTO, 2016, p.45)

Vale ressaltar, ainda, que quanto mais as crianças desenham, mais elas ganham experiência e tendem a desenhar cada vez melhor, pois:

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer. (DERDYK, 2004, p.56 apud HANAUER, 2013, p. 75.)

Por isso, é essencial que haja liberdade para que criem por si só, sem que o professor esteja a todo tempo aplicando atividades dirigidas. Observações sobre as cores, quando se é uma repreensão, como, por exemplo, dizer que o mar ou o céu são azuis e não da cor que a criança coloriu, também são dispensáveis. Pois deixá-la produzir da maneira que preferir, só haverá ganhado para a mesma: estimulando sua imaginação e criatividade:

[...] no que diz respeito ao desenho, o que terá de melhor a fazer o educador é apagar-se, deixar a criança desenhar o que quer, propondo-lhe temas sempre que ela necessita, sobretudo quando lhe pede, mas sem lhe impor e, sobretudo deixá-la desenhar como quer, a seu modo (LUQUET, 1969, p.230 apud GOBBI; LEITE, 2002, p.10).

Portanto, o desenho é uma das artes mais ricas que possa haver na primeira infância, dando ainda, abertura a análises que outras talvez não possam oferecer:

No cotidiano de algumas escolas (e também em consultórios de fonoaudiologia e psicopedagogia), ainda hoje afirmam que uma das formas de sabermos se uma criança está preparada para ser alfabetizada (chamam isso de prontidão) é verificar, entre outras coisas, se ela estabelece cenas em seus desenhos, provando

Assim, é perceptível a importância das artes, do estímulo ao desenho, do ato de colorir, para o desenvolvimento da criança. Por isso, o profissional presente em sala deve saber desempenhar devidamente o seu papel. Além disso, outra maneira de se trabalhar o desenho com as crianças, pode ser a seguinte: Junção de tintas e texturas, como as de fruta por exemplo. A escola pode solicitar que os alunos tragam as frutas de casa. Na folha em branco, carimba-se a fruta (ex: maçã, limão, laranja, morango, etc.) após a mesma ser mergulhada em tinta guaxe, ou ser pintada com o uso de pincel. A atividade também pode ser realizada com folhas de árvore. Enfim, o que não falta são materiais e recursos, que estão presentes no dia a dia escolar. Por isso, vale ressaltar, a importância dos estímulos por parte do professor através das atividades mencionadas.

Ainda, foi mencionado na introdução do presente trabalho, que arte também é cultura. A respeito disso, Wallon e Cols (1990 apud GRUBITS, 2003, p.98) afirma que: “[...] cada sociedade, cada grupo, exprime-se graficamente de maneira diferenciada e específica, sem excluir a existência de signos e de regras universais.”, ou seja, o desenho de uma criança estudante de uma escola rural em local afastado da cidade será específico e diferenciado, assim como de uma criança que vive no centro de uma cidade grande. Por exemplo, se for pedido para que ambas as crianças desenhem uma casa, a que mora no local afastado da cidade, desenhará uma casa simples, árvores, ou seja, aquilo que condiz à sua realidade. Ao passo que a casa que a criança do centro da cidade desenhará, será um prédio, pois esta reside em um apartamento, com várias lojas próximas, carros, enfim.

Por último, menciona-se sobre a matemática juntamente com as artes, Zago e Flores, (2010, p.346) ressaltam que “trabalhar com a arte e a matemática [...] pode estimular estudantes a identificar e exercitar os saberes matemáticos e

geométricos, aguçando o pensamento e a imaginação”.

As crianças possuem uma introdução às formas geométricas nos anos iniciais da escola, pelo fato de “matemática” ser um eixo do RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil). Uma possibilidade de trabalhar a matemática em artes, assim, aplicando duas matérias em apenas uma atividade, é usar essas simples formas para criar variedades de outros desenhos no espaço da folha. Pois, além de usar a Matemática juntamente com as artes, estará também estimulando: a criatividade, a imaginação, a descoberta, entre outros benefícios, pois, apesar de ser ótima para a criança a liberdade de criar, em algum momento, também é necessária a mediação do professor, como já foi mencionado.

Infelizmente alguns professores ainda trabalham com o desenho pronto na Educação Infantil. Em alguns momentos, estes podem ser úteis para a aplicabilidade de determinadas atividades. Na maioria das vezes estes são utilizados em momentos como “Dia do Índio”, “Dia do Circo”, etc. para que a criança apenas pinte a imagem. Porém, se analisarmos esta prática, chegamos à conclusão de que colorir não é o suficiente para que a criança se desenvolva plenamente, ou ao menos não o quanto poderia ser estimulada bastando apenas uma folha em branco e tintas. Colorir determinada figura acaba limitando a criança. Este, não deixa de oferecer contribuições, como por exemplo, contribui para a coordenação motora fina, concentração, e trabalha a noção de espaço, porém não estimulando o mais importante: a criatividade e a expressão do Desenho, que é o foco do presente Artigo. O “pronto”, ainda, faz com que exista um padrão, e assim, também corrompe a criatividade da criança, pois esta, não se sentirá segura quanto ao seu desenho, o que era pra ser algo livre de cópias, acaba virando para ela um desafio para que se chegue à determinada referência, algo que já existe. Pode se haver a demonstração de obras já produzidas, mas estes devem fugir de objetos, pessoas, bonecos, quadrinhos, ou seja, algo condizente com a realidade. Existindo a demonstração, esta deve

ficar clara para a criança sendo apenas algo para se inspirar, e não para se copiar. O desenho livre, ao contrário, é uma das linguagens pelas quais a criança mais se expressa, por isso, deve ser estimulada ao máximo pelo professor em sala de aula. Deve se haver um largo tempo destinado a essa prática no dia-a-dia escolar, para que a criança se aproprie das vantagens da prática através da experiência proporcionada pelo mesmo. Pois, mais que a expressão, ele, sem dúvidas contribui imensamente para o desenvolvimento da criança, como indivíduo pertencente à determinada cultura.

Enfim, o desenho pronto não é mais importante que o processo de desenhar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados pela revisão de literatura, sobre Artes e Desenho, foi possível perceber tamanha importância que os mesmos representam. E, além das impressões vistas ao decorrer do trabalho, pode haver ainda, outras diversas atividades possíveis de serem realizadas ao longo dos bimestres em que a criança frequenta a Educação Infantil, e mesmo depois dela.

Algo essencial e que grande parte das escolas de Ensino Infantil não possui, é o professor especializado na área de Artes, pois este estaria mais bem preparado no que se refere à bagagem, proporcionaria caminhos mais objetivos, por assim dizer, de aprendizagem para os pequenos. Sendo assim, o que pode ser feito a respeito é, incentivar a segunda graduação na área, embora haja a matéria referida na grade curricular de um curso de Pedagogia, esta seria uma maneira de contribuir com um maior ou pleno desenvolvimento das crianças no Ensino Infantil.

Enfim, é preciso que se inovem os olhares para o tema abordado no seguinte artigo, pois a visão de desenho para muitos profissionais da área, estes, na maioria das vezes bem experientes, infelizmente é muito limitada. O desenho na Educação Infantil não se resume a desenho livre para matar o

tempo, ou desenhos prontos para colorir. É muito mais: este deve proporcionar acima de tudo a expressão, pois o desenho não deixa de ser uma forma de linguagem. A sensibilidade, a liberdade, o movimento, o autoconhecimento de um ser humano no início de suas descobertas nos anos iniciais da escola.

5 . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOBBI, Márcia; LEITE, Maria Isabel. **O desenho da criança pequena: Distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação.** 2002. 52 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Ciências Sociais, Unicamp, Rio de Janeiro, 2002.

GRUBITS, Sonia. A casa: Cultura e Sociedade na expressão do desenho Infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n. 8 (especial), p.97-105, 2003.

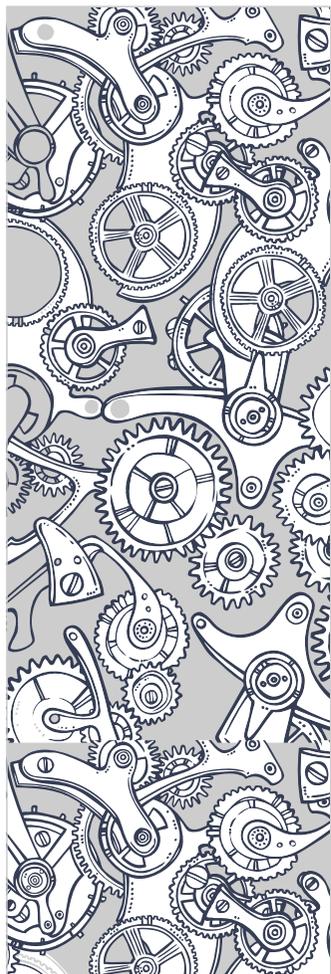
HANAUER, F. Riscos e Rabiscos – O desenho na Educação Infantil. **Revista do Ideau**, Rio Grande do Sul, v.37, n. 140, p.73,82, dezembro/2013.

KOLB-BERNARDES, Rosvitta; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Arte na Educação Infantil: pesquisa, experimentação e ampliação de repertórios. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v.7, n.2, p.40-52, mai/ago, 2016.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil e Arte: Sentidos e práticas possíveis.** 2011. 14 f., Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.

PRINTES, Jocicleia Souza. **O desenho na educação infantil: Perspectivas de formação de professores a partir da teoria histórico-cultural.** 2018. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

ZAGO, H. S. ;FLORES, C. R. Uma proposta para relacionar arte e educação matemática. **Revista Latinoamericana de Investigação em Matemática Educativa**, v. 13, f. 3: 337-354. Nov, 2010.



AVANÇO DO SOBREPESO E OBESIDADE INFANTIL NO BRASIL

ADVANCES OF OVERWEIGHT AND CHILDHOOD OBESITY IN BRAZIL

MONTANHA, Rafael

RESUMO: Este trabalho apresenta as principais características e fatores relevantes no agravamento do sobrepeso e da obesidade infantil, indo desde elementos físicos e genéticos à socioambientais. As orientações e discussões levantadas baseiam-se em dados coletados a partir de pesquisa de campo e visa corroborar os índices atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Sobrepeso, Obesidade, Sedentarismo, Alimentos.

ABSTRACT: This work presents the main characteristics and relevant factors in worsening overweight and infant obesity, from physical and genetic elements to socio-environmental. The raised guidelines and discussions were based on data collected from field research and aims to corroborate the current indexes.

KEYWORDS: Overweight, Obesity, Sedentaryism, Food.

1. INTRODUÇÃO

Obesidade e sobrepeso são termos que indicam a problemática do excesso de gordura e estar acima do peso ideal para a idade, altura e sexo, respectivamente. Atualmente, mesmo em países em

desenvolvimento, como é o caso do Brasil, é muito mais recorrente encontrar crianças e adolescentes nessas condições que até o século passado não era tão evidente.

As condições vistas na sociedade contemporânea facilitam essas condições. A obesidade já passa a ser considerada doença e pode causar danos irreparáveis para a saúde e o desenvolvimento cognitivo, social e físico da criança.

Crianças e jovens com sobrepeso e obesos tendem a se manter assim na fase adulta. Má alimentação é uma das principais causas do sobrepeso e da obesidade — embora haja outros fatores, como a genética, condições socioambientais, enfim — e está associada com a ingestão de alimentos pouco saudáveis e nutritivos, consumo de alimentos industrializados e ultraprocessados, que são muitas vezes muito calóricos.

Uma forma de descobrir se está acima do peso é fazer o IMC — Índice de Massa Corporal. Embora não seja completo, por não avaliar massa muscular, onde está localizada a gordura no corpo, além das diferenças sexuais entre homem e mulher, é um meio muito utilizado para averiguar quando uma pessoa precisa se preocupar com seu peso.

Nas escolas há iniciativas desse tipo, principalmente em aulas de educação física, para descobrir a aptidão física das crianças.

O sobrepeso, condição onde a criança apresenta um peso acima do ideal para sua idade pode provocar retidão emocional, depressão e até mesmo problemas no processo de ensino-aprendizagem.

A obesidade, também tem essas características, mas vai mais além. A criança pode apresentar problemas de saúde como hipertensão, fadiga durante a prática de exercícios físicos, diabete, colesterol alto e outros.

As escolas, tanto da rede pública como privada, contratam nutricionistas para fazer o cardápio das crianças, visando uma alimentação saudável, no entanto, embora seja um bom começo, não é suficiente, pois não

¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

abarca todo o contexto, como por exemplo: cada indivíduo tem um gasto energético diferente, alturas diferentes, disposições genéticas diversas e dieta extraescolar desigual.

O sobrepeso pode ser corrigido com mudanças alimentares, a adoção de uma dieta saudável, a prática de exercícios físicos e horas de sono adequadas. A obesidade, em graus mais avançados, é mais complicada e em alguns casos necessita de correção cirúrgica.

A partir das ideias apresentadas o objetivo é revisar o impacto que o sobrepeso tem em crianças e como a escola pode estar atuando na prevenção e controle desse problema.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para manter um peso ideal para a idade, altura e sexo é imprescindível manter uma dieta rica em alimentos pouco calóricos e de origem natural, evitando-se alimentos industrializados — por apresentarem corantes, conservantes, sódio em excesso, enfim — associando isso a prática de atividades físicas regulares.

Segundo Victor Maciel (2019) do Ministério da Saúde “para uma alimentação saudável, pais e cuidadores devem priorizar alimentos ricos em fontes de energia, frutas, água natural e preparações caseiras para a hora do recreio”. Para adotar uma dieta saudável é necessário que a criança adote hábitos alimentares diferentes e exige uma postura mais presencial dos pais.

É consenso que a obesidade infantil vem aumentando de forma significativa e que ela determina várias complicações na infância e na idade adulta. Na infância, o manejo pode ser ainda mais difícil do que na fase adulta, pois está relacionado a mudanças de hábitos e disponibilidade dos pais, além de uma falta de entendimento da criança quanto aos danos da obesidade (MELLO, LUFT, MEYER, 2003)

Famílias obesas tendem a ter filhos obesos ou com sobrepeso, isso porque há um hábito incorporado na rotina em que prevalecem alimentos

pouco saudáveis e práticas físicas pouco rotineiras, com o predomínio do sedentarismo.

No caso da família com problemas de obesidade, pode-se dizer que ela funciona em torno de uma *mesa alimentar* em descontrole. Dessa forma, o problema da obesidade é bem mais complexo, não se resumindo apenas a um problema individual, nem apenas ao âmbito familiar. Na família se identifica a cultura vigente, o gosto pelo comer, dificultando a prática limitante para a alimentação, porque ali iria apoiar-se uma forma de repressão, negativa sobre objetos de desejo comuns: o prazer. Ora, então tende-se a pensar que a família e a criança estão reproduzindo práticas às quais se sujeitam na sociedade contemporânea que são a contradição e a ambiguidade dos desejos (SANTOS, 2003).

A obesidade traz agravantes na vida da criança com o surgimento precoce de doenças crônicas ou nunca antes vistas para essa faixa etária.

Alimentos gordurosos e embalados podem aumentar a taxa de colesterol e provocar doenças cardiovasculares. Guloseimas e sobremesas são alimentos hipercalóricos e que contribuem para a alta taxa de glicose na corrente sanguínea.

O interesse na prevenção da obesidade infantil se justifica pelo aumento de sua prevalência com permanência na vida adulta, pela potencialidade enquanto fator de risco para as doenças crônico-degenerativas e, ainda mais recentemente pelo aparecimento de doenças como o Diabetes Mellitus tipo 2 em adolescentes obesos, antes predominante em adultos (SOUZALEÃO, et al. 2003).

Não olhando apenas as consequências físicas, mas se atentando, também, para os efeitos psicológicos da criança, que muitas vezes causam perturbações muito mais sérias, podendo levar a um quadro depressivo, nos deparamos a sintomas que podem afetar nitidamente o processo de aprendizagem do aluno. “A obesidade provoca efeitos psicológicos na criança

deixando marcas durante toda sua existência. A dificuldade nos esportes, apelidos, zombarias dos amigos, vergonha de se desnudar perante os outros promove sentimentos de inferiorização e desprezo por si mesmo” (SCHWARTZ & PUHL, 2003 apud MISHIMA; BARBIERI, 2009).

Em seu estudo, Mishima e Barbieri (2009) afirmam que “as crianças obesas demonstraram dificuldade em criar, em brincar, em deixar sua imaginação fluir. Esse prejuízo parece ter sido causado pela presença de uma família que não foi vista como acolhedora, que cuida, capaz de suprir afetivamente, mas como uma família formada por pais que usam de autoridade para dominar o filho, que tentam suprir as carências concretas (alimento) em detrimento das afetivas. Assim, não atenderam a dependência dos filhos para que eles fossem capazes de ter autonomia e segurança, mas os desiludiam precocemente, prejudicando a capacidade de criar.”

Só aí vemos mais efeitos que a retidão psicológica que a criança obesa sofre, a longo prazo, pode provocar um verdadeiro trauma, podendo se estender na fase adulta.

Uma das causas do sobrepeso e da obesidade é o sedentarismo — falta de exercícios físicos — e que facilita o acúmulo de gorduras e dificulta a queima de energia pelo corpo. Tecnologias como celulares, computadores e televisões vem para somar a essa estatística preocupante, onde crianças tem passado cada vez mais tempo diante as telas e cada vez menos se movimentando.

“A televisão, na atualidade, representa uma das principais formas de passatempo humano de todas as faixas etárias, inclusive crianças desde a mais tenra idade. Longos períodos em frente à TV podem conduzir ao sedentarismo, comportamento que contribui para a gênese da obesidade” (BORGES, et al. 2007).

Ainda em seu trabalho, Borges et al (2007) afirma que:

A presença dos pais no ambiente doméstico pode vir a minimizar

este comportamento. De fato, os dados demonstram que o número de horas dedicadas a assistir TV é menor nos finais de semana e feriados, onde se pressupõe uma maior presença dos pais nos lares. Entre as crianças obesas que destinam 4 horas diárias a este passatempo observa-se uma redução de 34,4%, durante a semana, para 21,9% nos finais de semana e feriados.

O sobrepeso e a obesidade já começam a se fazer visíveis nas primeiras fases da vida. Muitas vezes, pais ausentes compensam afeto com alimento e a consequência é que as crianças tendem a encontrar na alimentação uma porta de saída para esse problema, agravando ainda mais o quadro, que se torna na maioria dos casos hábito irreparável. Como nos alerta Coelho et al (2008) há “(...) prevalência de excesso de peso e de obesidade significativa em todos os grupos etários, mas particularmente importante na idade pré-escolar e nos alunos do primeiro ciclo de escolaridade”.

A escola e a família devem trabalhar juntas para controlar e prevenir os casos de sobrepeso e obesidade, indo contra as publicidades de guloseimas e alimentos transmitidos e divulgados pela mídia.

Seguindo por esse caminho Coelho et al (2008) conclui:

A Escola é sem dúvida um vetor primordial na prevenção da obesidade, intervindo a nível da educação alimentar e do gosto pela prática de exercício físico. Para que os resultados sejam alcançados de forma consistente, é essencial o envolvimento ativo da família e de toda a comunidade. Paralelamente, é urgente criar condições para que os comportamentos aprendidos na escola possam ser postos em prática. É difícil contrariar a máquina publicitária que promove o consumo de produtos alimentares pouco saudáveis; é pouco eficaz aprender a gostar de atividade física se não existirem espaços apropriados para o fazer...

Assumindo um papel extremamente importante, a escola deve criar iniciativas para conter esse avanço epidêmico que vem afetando nossas crianças. As aulas de educação física são, talvez, um dos únicos momentos do dia em que os alunos tem a oportunidade de praticar alguma atividade física. Mas não se deve expor atividades monótonas ou exercícios cansativos e

desestimulantes, mas a partir de informações adequadas criar uma rotina de atividades onde as crianças sintam-se cada vez mais estimuladas a praticar até mesmo em casa ou em horas de lazer.

No ambiente escolar, a aula de Educação Física é um dos momentos mais oportunos para enfatizar a relação existente entre a prática da atividade física e a alimentação com a saúde. Neste sentido, a Educação Física Escolar, apesar de sofrer influências de tendências que estão tornando as aulas menos práticas, deveria assumir o papel de cuidar da saúde dos alunos, uma vez que, podemos considerar como uma prerrogativa da disciplina o desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas e a conscientização sobre hábitos alimentares saudáveis e a importância da prática regular de atividades físicas por toda a vida. Isto tudo, tornar a Educação Física a disciplina mais completa do ambiente escolar, para prevenir e controlar a obesidade em crianças e adolescentes (ARAÚJO; BRITO; SILVA; 2010, p.6).

3. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa foi selecionada a escola EMEF Prefeito João Corulli, pertencente à rede pública municipal da cidade de Pardinho. Esta é uma instituição que é responsável pelo fundamental I, ou seja, do 1º ao 5º ano. Com uma construção idealizada à época do nascimento da cidade, ocupando um quarteirão inteiro. É uma edificação de alvenaria, de 2 andares, que possui sala de informática, biblioteca, refeitório e quadra esportiva. Com o aumento da população foi feito um aumento do espaço, com novas salas em um departamento à parte.

Na coleta de dados foi feito o uso de questionários quantitativos com 05 perguntas fechadas, direcionados aos pais dos alunos, com linguagem simples para fácil entendimento, uma vez que muitas perguntas podem se tornar cansativo e pouco intuitivo.

Assim sendo, foram selecionados alunos de duas salas — uma do

4º e outra do 5º ano — que estudam no período matutino; esse público foi selecionado como alvo da pesquisa já que é mais fácil constatar taxas de sobrepeso quando comparadas com anos letivos predecessores, além de ser mais fácil evidenciar hábitos alimentares e físicos inapropriados para uma vida saudável.

A comparação dos dados dos questionários dos pais dos alunos do 4º e 5º ano se faz necessário, para com a análise dos dados ser possível encontrar choques ou contradições nas respostas que possa ir contra a pesquisa — dados falhos.

Os questionários têm a intenção de identificar se há ou não uma alimentação saudável, práticas de exercícios físicos regulares, horas de sono equilibradas para a idade, consumismo e o objetivo de uma vida não sedentária.

Os questionários foram formulados com o auxílio de computador, pelo programa Microsoft Office Word.

O teor das perguntas dos questionários aborda questões relativas à frequência, durante a semana, na quantidade de ingestão de alimentos específicos, quantidade de horas de sono, frequência de práticas físicas, quantidade de refeições diárias e o costume de se levar lanche na escola.

Fui até a coordenação da escola no dia 19 de fevereiro para a entrega do ofício. Com a autorização concedida e com data agendada, no dia 18 de março fui até a escola para a entrega dos questionários aos alunos. No dia seguinte fui recolher os questionários, mas como os alunos estavam em aula extraescolar tive que retornar no dia seguinte para a coleta.

Na contabilização dos dados para a montagem dos gráficos, foram contadas todas as alternativas, ou seja, o quanto a mesma resposta foi dada em todos os questionários. Em seguida foi feita a transformação dos resultados (números) obtidos em amostragem para os gráficos, considerando a quantidade de questionários — total de 50 — pela quantidade de respostas emitidas da mesma alternativa da mesma pergunta.

Alguns dados foram inconclusivos e, portanto, não foram contabilizados, havendo dois questionários (perguntas específicas destes) que foram desconsiderados. Alguns questionários não foram aplicados por falta de alunos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, será analisada a quantidade específica de ingestão de alimentos variados (referência da pirâmide alimentar) para verificar a carência ou abuso de determinados alimentos e sua influência no sobrepeso averiguado atualmente. Foi selecionada uma lista de alimentos (vide gráfico 1), principais fontes de carboidratos, proteínas, vitaminas, sais minerais e lipídios –nutrientes essenciais para o perfeito funcionamento do organismo humano.

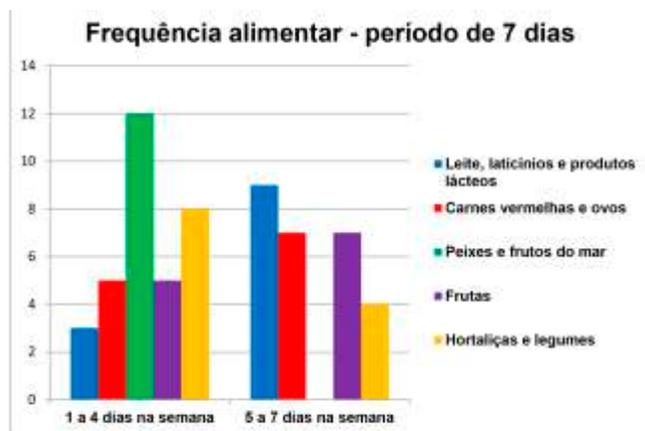


Gráfico 1: Ingestão de alimentos específicos durante a semana (4º ano). Fonte: MONTANHA, 2019

Esses são os alimentos mais comuns na mesa do brasileiro e que são as principais fontes de nutrientes encontradas em supermercados e feiras, estando disponíveis para consumo.

Uma observação importante é que a ingestão de peixes e frutos do mar ainda é muito baixa se comparada ao consumo dos demais alimentos. Isso

pode estar associado ao preço elevado de tal alimento ou então o não hábito de consumo.

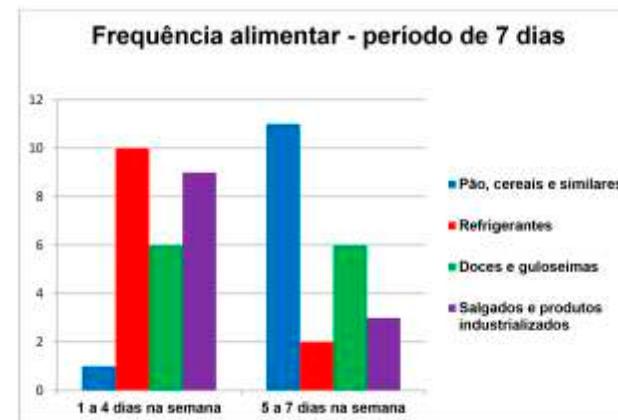


Gráfico 2: Ingestão de alimentos específicos durante a semana (4º ano). Fonte: MONTANHA, 2019

Constata-se que, o índice de ingestão de carboidratos (conforme gráfico 2) é demasiado elevado para a faixa etária pesquisada se comparado a ingestão de alimentos *in natura* ou de baixo índice calórico.

O fato de ser adepto de alimentos industrializados ou de alto índice calórico em detrimento de alimentos mais saudáveis é um fator relevante se considerarmos o avanço do sobrepeso e da obesidade infantil.

Os carboidratos são um dos principais vilões na dieta para o controle de calorias consumidas durante o dia. Pães, doces e guloseimas, refrigerantes e produtos industrializados são uma das principais fontes de carboidratos e gorduras saturadas, além de possuírem quantidades elevadas de sódio, gordura *trans* e glúten. Esses alimentos contribuem para o aumento de radicais livres no organismo, aumentando conseqüentemente o surgimento de doenças.

Agora o mesmo olhar deve ser lançado sob os alunos do 5º ano:

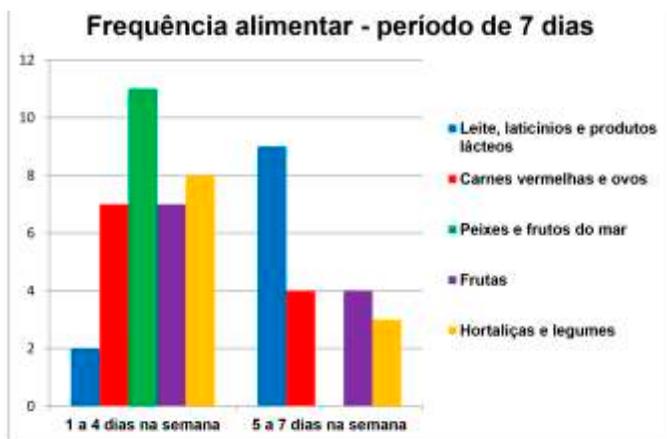


Gráfico 3: Ingestão de alimentos específicos durante a semana (5º ano). Fonte: MONTANHA, 2019

Como foi dito anteriormente, o consumo de alimentos de origem do mar é muito baixo (como é possível ver no gráfico 3).

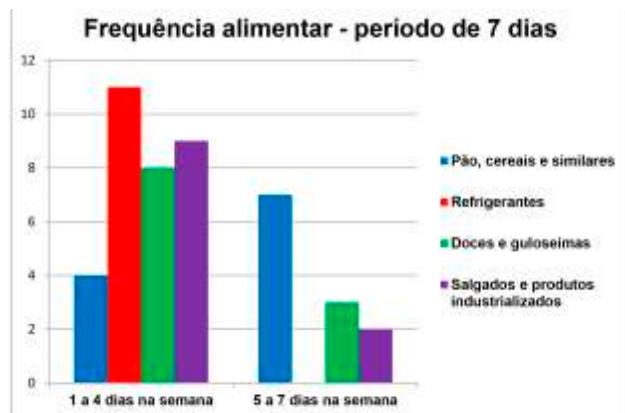


Gráfico 4: Ingestão de alimentos específicos durante a semana (5º ano). Fonte: MONTANHA, 2019

Se compararmos o gráfico acima com o gráfico 2 constata-se um alto índice de consumo de alimentos ultraprocessados e calóricos.

O que contribui para o consumismo demasiado de alimentos industrializados, doces e guloseimas são as propagandas insistentes dirigidas ao público infantil, com desenhos, símbolos e imagens de personagens infantis.

As crianças não conseguem fazer essa distinção e conseqüentemente aderem a esse consumismo desenfreado, já que não raciocinam e nem possuem capacidade crítica-reflexiva para combater esse tipo de apelo.



Gráfico 5: Quantidade de refeições durante o dia (4º e 5º ano). Fonte: MONTANHA, 2019

Se levarmos em consideração que nem sempre nos intervalos entre as refeições o consumo de água é satisfatório, haverá um consumo exagerado de alimentos, uma vez que o corpo humano tem a tendência de retirar dos alimentos a água em falta, então haverá um consumo maior de alimentos para recuperar a defasagem.

No gráfico a cima as quantidades de refeições diárias é bem variada. Mas ainda constam crianças que têm de 5 a até mais de 8 refeições durante um período de 24 horas. Outro ponto que deve ser levado em conta é a ansiedade cada vez mais presente na vida das crianças e jovens e que aumenta a quantidade de alimentos ingeridos, como forma de compensação para frustrações, estresse e vida agitada. As refeições nem sempre são de pratos coloridos ou com alimentos naturais e que possuem bastante fibras – responsável pela sensação de saciedade –, mas sim com cardápios contendo produtos embalados e até mesmo *Fast Food*, aonde refeições vem sendo substituídas por lanches ou similares.

No gráfico que se segue averigua-se que a percentagem de alunos que não leva lanche na escola é alta, no entanto, se comparado ao gráfico antecessor, o fato é preocupante, já que, embora não se leve lanche na escola, o índice de alimentação diária ainda é alto.

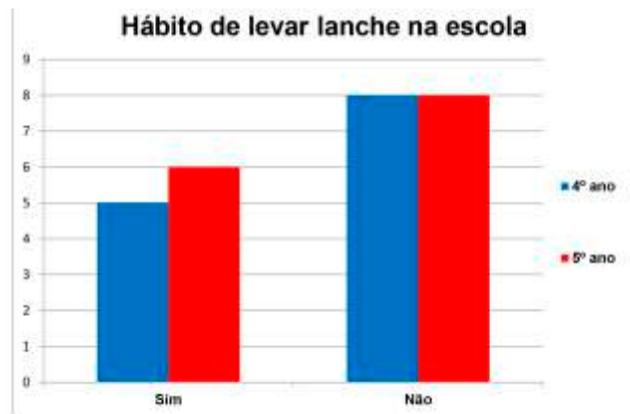


Gráfico 6: Quantidade de alunos que levam lanche na escola (4º e 5º ano). Fonte: MONTANHA, 2019.

No que concerne ao hábito de se levar lanche na escola, quase metade dos alunos tem essa tendência e isso somado aos dados do gráfico antecessor aumenta à ingestão de alimentos e consequentemente a quantidade de calorias ingeridas (com base na referência de calorias ideais para essa faixa etária).

Tudo isso contribui para um aumento nas estatísticas de sobrepeso, ainda mais se levarmos em consideração que na maioria das vezes e dos casos esses lanches quase nem sempre possuem origem *in natura* e sim: são industrializados.

São de suma importância boas horas de sono, uma vez que o corpo humano necessita desse repouso para recuperar as energias. Dormir pouco pode causar estresse e ansiedade, o que pode contribuir para uma maior ingestão de alimentos e se agravar em quadros de compulsão alimentar. Já em relação a horas dormidas os dados são satisfatórios. Os dados do gráfico a

seguir são bons se consideramos que a quantidade de horas dormidas está dentro da média.



Gráfico 7: Horas dormidas (4º e 5º ano). Fonte: MONTANHA, 2019.

Uma rotina de descanso não só ajuda no fator biológico, como também ajuda a criar uma rotina de descanso ajustada evitando, assim, riscos significativos de problemas como déficit de atenção e dificuldades de aprendizagem. Como noites mal dormidas afetam os níveis de hormônios responsáveis pela sensação de fome, crianças assim tendem a beliscar alimentos ou comer durante os intervalos das refeições.

Compulsão alimentar, a longo prazo, pode contribuir para baixo autoestima e aparecimento de doenças como bulimia e anorexia -, onde o quadro se agrava e se faz necessário acompanhamento psicológico, nutricional e físico.

Muitas crianças têm trocado a noite pelo dia, tudo em consequência a uso exagerado de computador, celular, televisão e outras tecnologias, que emitem luz branca em excesso e altera o aparecimento e sensação de sono, prejudicando seu desenvolvimento e aprendizado na escola.

Para tanto, pais devem ser mais firmes e prezar por boas horas de sono, durante a noite, a seus filhos.

Em relação à prática de atividades físicas, verificam-se índices preocupantes. O ideal não está sendo alcançado e muito embora haja alguma frequência de atividade física durante a semana, essa é muito pouco ou quase nula.

A prática constante de atividades físicas não só é necessária para combater a ociosidade e o sedentarismo, como é fundamental para a queima de calorias e gorduras localizadas, proporcionar um estilo de vida mais saudável, combater índices altos de glicose, colesterol e no combate/prevenção de doenças como hipertensão, fadiga, etc.

A queima de calorias é fundamental para o equilíbrio do metabolismo e função orgânica do organismo, contribuindo para o combate de doenças.

Muitas dietas investem em atividades onde as crianças gastam mais calorias/energias do que ingerem, essa é uma das principais técnicas para diminuir taxas de sobrepeso e reverter casos muito severos.

Há pouca prática de exercícios físicos regulares — e a frequência averiguada nos dados do gráfico a seguir apenas demonstra atividades estimuladas pelas aulas de educação física nas escolas, sem muito estímulo em ambiente extra-escolar — o que contribui para um aumento da taxa de sobrepeso, uma vez que aumenta a quantidade de gorduras armazenadas pelo corpo, decorrente do baixo gasto energético. E isso se deve a rotinas cada vez mais ociosas e pouco agitadas.

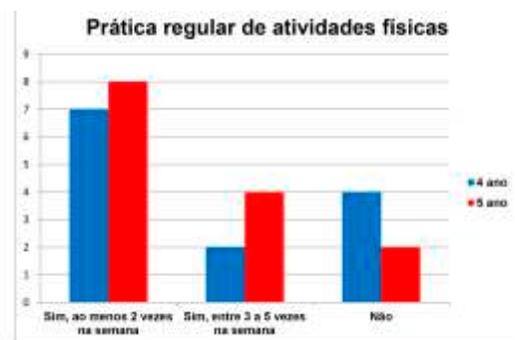


Gráfico 3: Frequência de atividades físicas na semana (4º e 5º ano). Fonte: MONTANHA, 2019.

É claro que, ao praticar exercícios físicos regulares a tendência será comer mais, então se faz necessário um acompanhamento nutricional, onde a criança será apresentada a uma dieta saudável e adequada tanto a sua faixa etária quanto ao seu perfil.

Essas práticas físicas podem ser executadas e incentivadas pelo professor de educação física, onde este pode fazer um acompanhamento ao decorrer do ano sobre o desempenho e alternativas para melhorar a vida ativa de cada criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca do sobrepeso averiguado na presente pesquisa tenho alguns pontos que valem ressalva para uma possível posteridade, onde possam ser utilizados para o melhoramento ou limitação de prejuízos nesse quesito.

O perfil da sociedade hodierna é muito complexo se comparado a alguns anos atrás. Novas tecnologias, o consumo demasiado de produtos e alimentos, a rotina cada vez mais agitada e sem tempo, o alto índice de criminalidade e o perigo em deixar as crianças soltas pela rua, aumentam significativamente as taxas de sobrepeso e os índices de sedentarismo nas crianças e jovens.

Está cada vez mais fácil encontrar alunos obesos e com doenças exclusivas ao público adulto. Tudo isso decorrente da baixa autoestima das crianças, o hábito de alimentação exagerada, o gosto/prazer por comer, ansiedade, falta de presença ativa dos pais, falta de afeto e aumento de compensação por alimentos.

Foi examinada uma consideração um tanto importante e que se levantou desde o início, ou seja, as crianças não possuem a noção do mal causado pela alimentação em excesso e pelos riscos da obesidade e sobrepeso. Os pais por outro lado, não dão a devida atenção para isso, sem se preocuparem como deviam, com a autoestima das crianças em não se enquadrarem no perfil

do mercado de beleza atual – que são pessoas magras. Parece um absurdo, mas é a realidade, que se desdobra na visão das crianças a medida que crescem, principalmente quando chegam a adolescência e puberdade.

Assim sendo, algumas medidas devem ser tomadas e a escola pode ser um agente contribuinte para divulgar e promover medidas que diminuam os índices de obesidade e sobrepeso e aumente a quantidade de informações disponíveis, agindo como uma propagadora nesse quesito.

Divulgação de materiais contendo informações de dietas saudáveis e adequadas para cada faixa etária, aos pais, é uma alternativa que pode ser adotada pela instituição de ensino. Aulas cada vez mais práticas e menos teóricas, onde os alunos possam se movimentar cada vez mais. Maior foco nas aulas de educação física, onde possa ser feito o acompanhamento de cada aluno, individualmente, para encontrar a melhor solução – se for obeso – ou os melhores exercícios para aquela criança.

Deveria haver um controle das propagandas transmitidas pela mídia, onde grande parte delas são direcionadas ao público infantil, com marketing agressivo, onde as embalagens dos produtos estampam rótulos com imagens de filmes, desenhos famosos, acompanhamento de brindes, etc. Pais podem fazer esse controle, impedindo que seus filhos assistam televisão em horários predefinidos, principalmente em altas horas da noite, onde as propagandas são mais vistas.

Outro fator que deve ser evitado é a procura crescente por alimentos já preparados e de consumo rápido, como *Fast Food* ou embalados industrializados.

O cardápio fornecido pela escola, elaborado por nutricionistas, deveria abarcar frutas e alimentos pouco consumidos, como peixes, legumes e outros, principalmente em regiões mais carentes, onde é difícil encontrar tais alimentos, já que nessas regiões aumenta conseqüentemente o consumo de outros alimentos – os industrializados em detrimento dos naturais ou de

preparação caseira.

Pais deveriam prezar por boas horas de sono a seus filhos, dar mais afeto e carinho, evitando compensar ausência com alimentos ou qualquer outro produto, prezar pela saúde de seus filhos, procurando nutricionistas e/ou profissional físico, etc.

Professores podem trabalhar com a transversalidade de tal assunto em sala de aula, informando a seus alunos, os malefícios de uma dieta em desequilíbrio e a importância de levar uma vida ativa e com a dieta de alimentos saudáveis e naturais.

Só assim, com a adoção de tais medidas e outras será possível alcançar um patamar onde a obesidade, sobrepeso e sedentarismo estarão em declínio.

Nesse sentido, citarei agora algumas propostas, ideias, projetos, programas, eixos e outros que abrangem o tema sobrepeso/obesidade, que estão em vigor atualmente e que podem ajudar escolas, família e outros agentes a procurarem ajuda ou informações adequadas.

A Estratégia Intersetorial de prevenção e controle da obesidade direciona as ações do governo nacional para refletir e implementar medidas pelos diversos setores da CAISAN – Câmara Intersetorial de Segurança Alimentar. Alguns eixos são abrangidos, tais como:

- 1- Disponibilidade e acesso a alimentos adequados e saudáveis;
- 2- Ações de educação, comunicação e informação;
- 3- Promoção de modos de vida saudáveis em ambientes específicos;
- 4- Vigilância Alimentar e Nutricional;
- 5- Atenção integral à saúde do indivíduo com sobrepeso/obesidade na rede de saúde;
- 6- Regulação e controle da qualidade e inocuidade de alimentos.

Alguns programas, que convém citar no presente trabalho e que têm como alvo o combate, a prevenção e o controle da obesidade e sobrepeso são:

- 1- Programa Saúde na Escola (PSE);
- 2- Programa Academia da Saúde;
- 3- Discussão da regulação da publicidade, práticas de marketing e comercialização de alimentos, especialmente voltado para o público infantil;
- 4- Renovação de acordo com a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação –ABIA para redução e eliminação de gordura *trans*;
- 5- Ações de promoção da alimentação adequada e saudável para crianças, por meio da divulgação e utilização do Guia Alimentar para População Brasileira, do Guia Alimentar para Crianças Menores de 2 anos e dos Alimentos Regionais Brasileiros;
- 6- Renovação de acordo de Cooperação entre o Ministério da Saúde e a Federação Nacional das Escolas Particulares (FENEP) para promoção da alimentação saudável nas escolas, com enfoque nas cantinas;
- 7- Ações de Vigilância Alimentar e Nutricional (VAN) para monitoramento de práticas alimentares e estado nutricional da população.

O Estado assume o compromisso com a universalidade, integralidade e equidade no acesso à alimentação adequada e saudável, por isso é um direito de todo cidadão e dever dos pais e demais agentes procurar combater o sobrepeso e a obesidade, com os meios vigentes que dá suporte a essas propostas.

As escolas mesmo, podem fazer uso do Guia Alimentar acima citado para promover, junto a elaboração do cardápio alimentar, uma dieta mais condizente a realidade do público alvo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rafael André; BRITO, Ahécio Araujo; SILVA, Francisco Martins. O papel da educação física escolar diante da epidemia da obesidade em crianças e adolescentes. **Educação Física em Revista**. v.4, n.2, p.6, mai/jun/jul/ago, 2010. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/download/1651/1159>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

BORGES, Claudia Regina et al. Influência da televisão na prevalência de obesidade infantil em Ponta Grossa, Paraná. **Cienc Cuid Saude**. p. 5-6, jul/set, 2007. Disponível em: <http://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/289/ARTIGO_InfluenciaTelevisaoPrevalencia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 fev. 2019.

COELHO, Raquel et al. Excesso de peso e obesidade: Prevenção na escola. **Acta Medica Portuguesa**. p. 3-4, 2008. Disponível em: <[https://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/12/1/Acta%20Med%20Port.%202008%20Jul-Aug%2021\(4\)%20341-4.%20Epub%202008%20Oct%2024..pdf](https://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/12/1/Acta%20Med%20Port.%202008%20Jul-Aug%2021(4)%20341-4.%20Epub%202008%20Oct%2024..pdf)>. Acesso em: 24 fev. 2019.

MACIEL, Victor. Saiba como a criança pode ter alimentação saudável na escola. **Ministério da saúde**. Fev, 2019. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45242-saiba-como-a-crianca-pode-ter-alimentacao-saudavel-na-escola>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

MELLO, Elza D. de; LUFT, Vivian C.; MEYER, Flavia. Obesidade infantil: como podemos ser eficazes?. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.80, n.3, p.1, 2004.

MISHIMA, Fernanda Kimie Tavares; BARBIERI, Valéria. O brincar criativo e a obesidade infantil. **Estudos de Psicologia**. p.6, set/dez, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n3/a09v14n3>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SANTOS, Andréia Mendes dos. O excesso de peso da família com obesidade infantil. **Revista Virtual Textos & Contextos**. n.2, p.6, dez, 2002.

SOUZA LEÃO, Leila S. C. et al. Prevalência de obesidade em escolares de Salvador, Bahia. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, São Paulo, v.47, n.2, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext>. Acesso em: 24 fev. 2019.



¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

EDUCAÇÃO HOSPITALAR HOSPITAL EDUCATION

RODRIGUES, Talytha Yasmim Crespin

RESUMO: O presente artigo aborda um interesse sobre pedagogia hospitalar, como é o funcionamento, quem faz parte, como é para um aluno e para um profissional, onde a escola entra e a família também. Por meio da realização dessa pesquisa científica podemos tirar de proveito a existência do processo educativo em ambientes hospitalares como um direito definido e garantido por lei para crianças e adolescentes hospitalizados impossibilitados de frequentar a educação formal, que é papel da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Hospital – Educação – ambiente - escola

ABSTRACT: This article addresses an interest in hospital pedagogy, how it works, who is a part, how it is for a student and a professional, where the school enters and the family as well. Through this scientific research we can take advantage of the existence of the educational process in hospital environments as a defined right and guaranteed by law for hospitalized children and adolescents unable to attend formal education, which is the role of the school.

KEYWORDS: Hospital - Education - environment - school

1. INTRODUÇÃO

Pedagogo hospitalar envolve afetividade e ludicidade, e como tais práticas podem promover o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de criança/ jovens, que por motivo de internação hospitalar, estão privadas de participar de seu meio sócio cultural escolar.

No Brasil a pedagogia hospitalar começou por volta de 1931 na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo que indica em seus relatórios anuais o atendimento pedagógico especializado a deficientes físicos. Mas, só em 1950 oficializou a primeira classe hospital, no Hospital Municipal de Jesus que atua até os dias atuais no Rio de Janeiro atendendo criança internadas com poliomielite, entre outras doenças atuais.

Infelizmente no nosso país não são todos os hospitais que trabalham com a pedagogia hospitalar: de 8000 hospitais apenas 850 trabalham com a pedagogia hospitalar. Questão controversa dado que a legislação reconheceu através, do Estatuto da Criança e do Adolescente hospitalizados, pela Resolução n°. 41 de outubro de 1995, no item 9, o: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar.” SOUZA, Sueli (2017).

Por meio da realização dessa pesquisa científica podemos tirar de proveito a existência do processo educativo em ambientes hospitalares como um direito definido e garantido por lei para crianças e adolescentes hospitalizados impossibilitados de frequentar a educação formal, que é papel da escola. De fato, essa educação é um progresso, pois por meio dela crianças e adolescentes podem dar continuidade aos seus estudos, mesmo hospitalizadas.

A pesquisa aborda um interesse sobre pedagogia hospitalar, como é o funcionamento, quem faz parte, como é para um aluno e para um profissional, onde a escola entra e a família também.

2. EDUCAÇÃO HOSPITALAR

A educação é direito de toda a criança e adolescente, mesmo aquelas que estão hospitalizadas tem direito a educação, como Matos e Muggiati afirmam: “[...] oferecer a criança hospitalizada, ou em longo tratamento hospitalar, a valorização de seus direitos à educação e a saúde, como também ao espaço, que lhe é devido enquanto cidadão do amanhã”. (MATOS; MUGGIATI, 2001, p 16).

A pedagogia hospitalar é importante para que os internos possam se sentir mais próximos a realidade e do seu cotidiano, mesmo que longe do ambiente familiar e escolar.

Estar internado em um hospital já não é agradável, pior ainda interromper os estudos pelos prolongados períodos de internação. Sendo assim, é preciso sempre levar em consideração os fatores externos e internos que estão envolvidos no processo de aprendizado do indivíduo, suas condições e “barreiras” físicas e emocionais.

A Pedagogia Hospitalar vem para ajudar os pacientes de forma que os efeitos negativos do quadro clínico e psicológico não afetem tanto. Por esse motivo, que Matos e Muggiati (2014) expõem que além do problema físico, junto com a doença vem uma série de outras situações quando a enfermidade se mostra multifatorial, ou seja, vários fatores, não apenas uma causa ou efeito. Dessa forma, não é justo que se realize um tratamento meramente físico, porque antes o doente era visto apenas pela sua enfermidade, de forma isolada e unilateral, sem que fosse tratado em todos os seus desdobramentos.

Para Ceccim (1997) a internação de uma criança ou jovem no hospital, além de provocar uma interrupção na rotina de vida, faz com que se sintam inseguros com medo e naturalmente retraídas, pelo fato também de encontrarem-se fora do ambiente natural em que vivem: sua casa, sua família e seus amigos. Certamente por isso muitas deixam se levar pelo pânico ou pela tristeza, o que poderá dificultar tanto na aceitação do tratamento como na sua

recuperação. Sendo assim, é preciso de um apoio maior do profissional com o aluno para sempre motivar a criança a continuar. Há vários métodos de avaliação é a avaliação formativa, no qual é avaliado o processo ensino-aprendizagem e conforme Arosa (2012), isso pode ser conseguido por meio de experiências cotidianas, diálogo, observação, relatórios de aprendizagem, registro de auto avaliação e portfólio. Caso a escola de origem envie o conteúdo, e a criança ou adolescente tenha condições físicas e psicológicas, o trabalho avaliativo pode ser como os demais alunos em sala de aula, com algumas alterações, se necessárias. Podendo ser trabalhado em diversos lugares dentro do hospital para mudar um pouco como brinquedoteca e jardins.

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire diz que sempre se preocupou em desenvolver sua prática educativa em um clima alegre. Parece contraditório falar em um “clima alegre” quando a aprendizagem acontece em um ambiente hospitalar, mas o professor pode propiciar ao aluno um ambiente agradável ao permitir que, mesmo fragilizado, possa participar como sujeito no processo de ensino-aprendizagem. Isso é possível quando existe uma relação horizontal, dialógica entre professor e aluno (aluno e professor), quando não há transferência de conteúdo, mas sim, a compreensão do objeto estudado obtida através dos materiais oferecidos pelo professor ao aluno (FREIRE, 2014 p.116).

Trabalhar em um hospital e com crianças que precisam de seu apoio e seu conhecimento não é nada fácil. Precisa-se do apoio da família do aluno para que juntos possam desenvolver atividades e trocas de conhecimentos. Pois não é o professor que ensina, mas o aluno também, e essa troca de ensinamentos acaba sendo essencial para ambos para que no final dessa experiência haja um bom resultado.

Os profissionais que desenvolvem as ações educacionais com crianças e adolescentes enfermos ou hospitalizados necessitam de uma formação ampla, com conhecimentos diversificados, instrumental específico e recursos

adequados para atender as dificuldades e limitações imposta por esse tipo de situação. É um atendimento emocional e humano tanto para o paciente quanto a família como diz Wallon:” O enxergar e acreditar na criança enferma, assim como qualquer criança é um primeiro passo para compreendê-la, respeitá-la e auxiliá-la em seu processo de desenvolvimento”(...) (WALLON, 1945.p11).

O pedagogo prepara o conteúdo e, dentro do próprio hospital, realiza as atividades propostas de forma adequada a cada paciente. A prática do pedagogo se dá através das variadas atividades lúdicas e recreativa. Atividades como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas e a continuação dos estudos no hospital.

É importante levar em conta o lugar onde serão feitas as atividades com os alunos, sempre buscando ampliar e mudar para não ficar cansativo para os pacientes e profissionais. O conteúdo a ser ministrado no ambiente hospitalar deve adotar uma metodologia que respeite a individualidade, a criatividade e as dificuldades de cada criança. Assim o início das atividades pedagógicas propriamente ditas, de acordo com Fontes (2005), A criança normalmente não se interessa de imediato pelo atendimento educacional em si. Inicialmente ela sente-se atraída pelas brincadeiras e pelo colorido dos espaços. Ao levar um brinquedo, um livro, um jogo, lápis e papel, o professor vai envolvendo a criança, até conquistar sua confiança.

Leis e documentos recomendam o funcionamento das classes hospitalares. Suas ações caracterizam-se pelo atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambiente de tratamento de saúde por ocasião de internação, no atendimento em hospital-dia e hospital semana, ou em serviços de atenção integral à saúde mental. É uma modalidade da Educação Especial, pois atende crianças e/ou adolescentes considerados com necessidades educativas especiais em decorrência de apresentarem dificuldades no acompanhamento das atividades curriculares por condições de limitações específicas de saúde. Tem por objetivo propiciar o acompanhamento curricular

do aluno quando este estiver hospitalizado, garantindo a manutenção do vínculo com as escolas, por meio de um currículo flexibilizado (BRASIL, 2002).

Ainda é preciso considerar que

[...] As crianças e os adolescentes internados têm faixas etárias diferenciadas, o quadro clínico é variável, a medicação a ser utilizada é diferente de um para o outro, os aspectos emocionais do processo de internação podem variar de criança para criança, a aceitação da doença é vista de diversas maneiras, tanto pela família como pelo paciente, o tempo de internação é variável, entre outros aspectos (...). Portanto, o trabalho desenvolvido pelos profissionais de diversas áreas precisa ser integrado, dinâmico, capaz de perceber as diferenças da rotina da internação pediátrica (SAGATIO, 2007 p 5).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações expressas no decorrer do trabalho podemos concluir que a pedagogia hospitalar é sim importante, pois, ajuda a integrar as crianças/jovens que estão impossibilitadas de sair do meio hospitalar por algum motivo. Possibilita que deem continuidade aos seus estudos de forma ininterrupta e Trabalha também a afetividade, a ludicidade, a socialização e o desenvolvimento cognitivo, para que essas crianças e jovens não percam a vontade de interagir com o meio em que vivem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

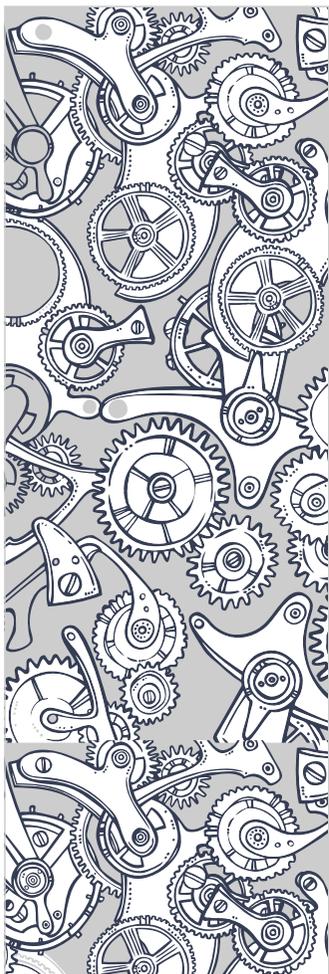
RELEVES, Audrey.; TAKARASHI, Regina. Educação em saúde ao ostomizado: um estudo bibliométrico. Rev.esc.enferm.USP vol.41 no São Paulo Junho 2007 disponível em <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000200010 > acesso em 18 de maio de 2019.

SMYK, Daniele. Educação Hospitalar: Relato de uma prática educativa transformadora. 2013. Disponível em
http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/13716_6289.pdf >
Acesso em 19 de maio de 2019.

SALES, Claudineia.; LIMA, Daniela. SOUZA, Hendy.; DELCHIARO, Eliana. Pedagogia Hospitalar: Metas e desafios para o pedagogo, Análise dos principais desafios enfrentados pelos pedagogos que atuam em hospitais e as metas que almejam alcançar. Disponível em >
<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-metas-desafios-para-pedagogo.htm> > acesso em 19 de maio de 2019.

SOUZA, Sônia. Semana pedagógica 2017: Pedagogia no contexto hospitalar. Disponível em >
<https://www.youtube.com/watch?v=RZhTkiwVt8M> > Acesso em 20 de maio de 2019.





A ESCOLARIZAÇÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

AUTIST SCHOOLIZATION IN REGULAR EDUCATION

MATTOS, Bruna Rafaela Nagatani
ALEIXA, Débora Vitória

RESUMO: Este trabalho apresenta fatores e características relevantes sobre o espectro autista e se o mesmo está inserido no ensino regular. Através de pesquisas e experiências em sala, apresento aqui as minhas conclusões.
PALAVRAS-CHAVES: Autismo; inclusão; ensino;

ABSTRACT: This paper presents relevant factors and characteristics about the autistic spectrum and if it is inserted in regular education. Through research and classroom experiences, I present here my conclusions.

KEYWORDS: Autism; inclusion; teaching;

1. INTRODUÇÃO

“Mas o que é realmente autismo? Essa pergunta não é tão fácil de responder, pois não se conseguiu, até hoje, uma definição e uma delimitação consensual das terminologias sobre ele. A multiplicidade das terminologias fenomenológicas e, relativamente seus sinônimos evidenciam a complexidade do problema e variedade dos

princípios de esclarecimento existentes até hoje.” (FACION, Raimundo apud. CUNHA 2005. Eugênio, AUTISMO E INCLUSÃO, 4ª edição p.19. 2008).

O autismo é um problema psiquiátrico que pode ser identificado a partir do primeiro até os três anos de idade. Apesar que é possível identificar logo nos primeiros meses de vida. As pessoas autistas tendem ter o seu desenvolvimento físico normal. Mas sua grande dificuldade é se relacionar com o meio à sua volta. Esse transtorno afeta a capacidade de aprendizagem e adaptação. (TENÓRIO, Goretti; PINHEIRO, Chloé 2018)

A partir do DSM (Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais, 5ª edição, 2014), classifica os graus de autismo como: leve, moderado e severo. Quanto mais próximo da autonomia que a criança estiver mais leve ela será e quanto mais auxílio ela precisar ao longo da vida, mais severa ela será.

A taxa média de domínio do Transtorno Autista em estudos dessa propagação é de cerca de quinze casos por 10.000 indivíduos, com relatos de taxas variando de 2 a 20 casos por 10.000 indivíduos, e é quatro a cinco vezes mais comum entre os meninos do que as meninas, independentemente de origem racial ou social, conforme o DSM-IV-TR. A respeito das causas do autismo, ainda não são totalmente conhecidas, alguns estudiosos acreditam que os fatores metodológicos decorrentes de alterações bioquímicas. (CUNHA, AUTISMO E INCLUSÃO, 4ª edição p.38, 2005).

2. OBJETIVOS:

Este artigo tem como objetivo buscar conhecimento sobre o assunto abordado e ser passado a diante para que outras pessoas possam usufruir do mesmo. Concluir se o aluno autista está mesmo integrado no ensino regular. Aprimorar conhecimentos e examinar como as escolas de ensino regular se adaptam com os alunos de inclusão. Não somente os autistas, mas sim, todos que estão no mesmo enquadramento.

¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

3. DESENVOLVIMENTO

O estudo está embasado em material bibliográfico pré-existente. Realizado uma revisão de literatura de artigos pesquisados na internet, livros e periódicos online, vídeos em canais na internet de mães, explicando a experiência de se ter um filho no espectro autista e vivências dentro da sala de aula com uma garota autista de doze anos, auxiliando e fazendo parte do seu desenvolvimento pessoal e intelectual.

O ensino regular é aquela escola que segue a educação comum, padrões e níveis de ensino com faixas etárias estabelecidas. Já o ensino especial volta para alunos com alguma deficiência, transtornos de aprendizagem ou desenvolvimento. Todos têm o direito a educação e consta na Lei nº 8.069/90 (BRASIL, Artigo 53 da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990) de se matricular em qualquer rede de ensino regular.

Na Lei nº 12.764/12 (BRASIL, A LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012) consta "Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista", identificando que o autista passe a ser considerada oficialmente pessoa com deficiência e tendo direito a todas as políticas de inclusão do país, incluindo especialmente a educação.

Inclusão é o ato de incluir ou acrescentar, ou seja, agregar pessoas em um meio que não faziam parte. Socialmente, a inclusão representa um ato de igualdade entre os diferentes indivíduos que vivem em determinada sociedade. Esta atuação permite que todos tenham o direito de integrar e participar de seu ambiente, sem sofrer qualquer tipo de discriminação e preconceito.

Existem três tipos de inclusão: social, escolar e digital.

Social: Formada por conjuntos de ações, muitas delas contidas por leis garantido a igualdade de todos.

Escolar: Baseia-se que todo cidadão tem direito de ter acesso a rede escolar, sem discriminação, sendo por gênero, etnia, classe

social, religião, etc.

Digital: a inclusão digital consiste no acesso da tecnologia, independente de classe social, etnia, poder econômico e religião o indivíduo possa aproveitar das vantagens das ferramentas tecnológicas.

3.1. INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA

A legislação brasileira garante a toda criança autista o ingresso em escola regular como forma de integração do estudante à vida em sociedade. Isso consta no capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), na Constituição Federal, na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, no Estatuto da Criança e do Adolescente e no Plano Viver sem Limites (Decreto 7.612/11). Recusar-se a ensinar crianças e jovens com necessidades educacionais especiais (NEE) é crime: todas as instituições devem oferecer atendimento especializado, chamado de Educação Especial. No entanto, o termo não deve ser confundido com escolarização especial, que atende os portadores de deficiência em uma sala de aula ou escola separada, apenas formadas de crianças com NEE. Isso também é ilegal.

A inclusão do autista no ensino regular é mais presente nos dias de hoje, é comum ter um auxiliar para que possa ampará-lo e distrai-los para que não se incomode com barulhos externos, como por exemplo a gritaria dos colegas de sala. Provas devem ser adaptadas para que ocorram maior desenvolvimento e compreensão dos assuntos abordados na sala de aula.

A inclusão social constitui em um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e o grupo buscam, em parceria, proporcionar a solução dos problemas. Existem pontos fundamentais para a inclusão de uma criança autista na escola, para isso é fundamental que todos os envolvidos, família, amigos e escola, os tratem normalmente, tentando aprender e respeitar na sua forma de ser.

Certamente deveria haver mudanças não só curriculares, mas fundamentalmente nas atitudes no que diz respeito às pessoas envolvidas neste processo. (NASCIMENTO, 2007, apud. VACH Fernanda, 2013).

O autor diz respeito que a escola em um todo deve se ajustar a incapacidade da criança, independente quais forem, e que as mudanças devem vir de todos que participarão desse processo de escolarização. O incentivo dos professores é essencial para que não só as crianças de inclusão, mas sim para todos os alunos, tenham interesses em participar das aulas curriculares e extracurriculares oferecida pela escola em que o mesmo está inserido.

Incluir não é só integrar [...] não é estar dentro de uma sala onde a inexistência de consciencialização de valores e a aceitação não existem. É aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos, em uma valorização do ser enquanto semelhante a nós com igualdade de direitos e oportunidades. É mais do que desenvolver comportamentos, é uma questão de consciencialização e de atitudes (CAVACO, 2014, p. 31, apud. SILVA, Kaliane, 2019).

Algumas leis amparam a inclusão das crianças autistas e outras deficiências no ensino regular. Uma dessas leis é a “Berenice Piana” (LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012) que estabelece que o autista tenha direito de um acompanhante especializado em caso de necessidades, e caso não cumprida o gestor escolar é punido por recusar-se a matricular o aluno.

Existem ainda diversas escolas que se recusam o direito da matrícula, ou casos de cobrança para um acompanhante especializado. Muitas vezes acabam não sendo profissionais totalmente especializados no assunto, em diversas ocasiões o estagiário auxilia a criança na sala de aula.

Em pesquisas, a partir de uma mãe, que viaja pelo Brasil para apresentar palestras sobre o Espectro Autista, se depara que, diversas escolas no interior do estado de São Paulo, as mães devem assumir o papel de moderadora escolar, na falta de profissionais especializados ou estagiários.

Incluir não é somente colocar o aluno na sala de aula, incluir é dar condições para que o aluno possa desenvolver o aprendizado, que é direito t o t a l m e n t e d e l e . Fazer com que as crianças de desenvolvimento típico tenham privilégio da presença do colega autista na sala de aula e vice-versa.

A inclusão escolar é primordial, se nós não lutarmos, para que as leis que favoreçam as crianças com deficiência, não iremos deixar uma sociedade inclusiva para todos.

3.2. OS DIFERENTES ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA

Os autistas têm diferentes maneiras de se comunicar, da linguagem e da comunicação nos contextos sociais. Na escola é de extrema importância essa comunicação entre o professor e o aluno, todos sabemos que nenhum autista é igual ao outro, existem casos do espectro mais leve, que é aquele que possuem mais autonomia e não tem atraso na linguagem e tem aqueles mais severos que necessitam de mais amparo e atraso na linguagem.

Antes de tudo é essencial que possamos entender a diferenciação entre a fala, comunicação e linguagem.

A **fala** é o ato da transmissão de sons, frases ou palavras. Sua construção pode ser causada por alguns aspectos, como a surdez ou problemas motores ou estruturais que atingem os órgãos que concebem os sons.

Crianças com TEA se comunicam normalmente, mas a diferenças no ritmo da fala, entonação da voz e das palavras ditas.

Já a **linguagem**, é a oralidade da criança. Através dela conseguimos competências em quatro áreas: fonológica (aprendemos a distinguir os sons de letras e sílabas), semântica (aprendemos a atribuir significado às palavras), sintática (aprendemos a organizar termos em uma frase coerente) e pragmática (aprendemos a adaptar e adequar a linguagem dentro de um contexto social).

A **comunicação** é o processo complexo onde ocorre a troca de informações por meio de combinações verbais.

Em minha experiência em sala, a aluna se comunica bem, não tem dificuldades para sua linguagem oral, mas, quando fala rápido é difícil compreender, então, peço que fale mais devagar para que seja mais fácil de entender.

Para autistas que têm dificuldades em se comunicar, existem as pranchas de comunicação alternativa, que é utilizado para aumentar o repertório comunicativo, que abrange habilidades de expressão e percepção. Para a confecção das pranchas de comunicação é utilizada uma coleção de símbolos e imagens gráficas que apresentam características comuns entre si.

O conteúdo utilizado pode ser variado, como alfabeto, animais, higiene, entre outros. O vocabulário é utilizado conforme a necessidade da criança.



i Prancha do “Eu quero”, a criança aponta o “eu quero” e em seguida o objeto que simboliza o desejo dela no momento.

Existem outros tipos de pranchas. Tanto como o professor confeccionar e digitais, sites que ajudam a desenvolver sua prancha e a criança utilizar em celulares e tablets. Os sites utilizados para esses recursos são: <https://www.pictoselector.eu/pt-pt> e o outro é o <http://www.arasaac.org>.

A partir desses sites, os professores podem atender as necessidades, e trabalhar de maneira mais acessível e inclusiva para o aluno.

A crescente e chegada dos alunos do público-alvo da educação especial tem promovido no ensino buscas que beneficiem a elaboração das práticas de ensino e estratégias para todos os educandos.

A admissão do TA (Tecnologia Assistida) na escola, favorece o aluno para melhor participação na sala de aula e realização das atividades em sala.

Tecnologia Assistida é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que dão mais autonomia, independência e qualidade de vida a pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida. As classificações de Tecnologia Assistiva foram desenvolvidas de acordo com as finalidades específicas e um catálogo foi criado para especificar os tipos de produtos elaborados. Entre eles, equipamentos e soluções para tratamento médico, mobilidade pessoal, ferramentas e máquinas. (Fonte: Portal Nacional de Tecnologia Assistiva).

Diante desse conceito, podemos entender que qualquer mecanismo que favoreça a autonomia, comunicação, atividade e participação de pessoas com deficiência, se trata da Tecnologia Assistida. Vale destacar que o TA não tem por objetivo eliminar ou compensar a deficiência, mas sim possibilitar a ampliação na habilidade na realização da atividade proposta.

3.2.1. A importância da escola e da família no processo de inclusão:

“É de fundamental importância o trabalho conjunto entre a família

e profissionais, também haverá sempre necessidade que essa família esteja presente em todos os momentos. A presença dela ajudará e muito na progressão, pois muitas vezes a família é o gancho que o profissional precisa para começar e poder terminar.” (Fátima Alves apud. CUNHA, Eugenio, AUTISMO E INCLUSÃO, 4ª edição p.87).

A inclusão não deve ser papel apenas da escola, pois esta não pode desenvolver a mesma sem a ajuda dos pais. A socialização do homem começa com os familiares, depois do ambiente familiar, a escola é sua segunda casa. Por meio deste processo, a criança começa a entender seu papel na sociedade e enxergar formas de interagir e aprender com o meio a sua volta.

Conforme Cavaco (2014 apud. OLIVEIRA, Eduarda 2015), a intervenção em seu ponto mais produtivo começa a partir do contexto familiar, dando continuidade em seguida nos demais ambientes onde a criança encontra-se inserida. Muitos fatores podem influenciar no comportamento da criança autista, o que implica também no seu possível desenvolvimento escolar e familiar, como afirma Batista e Bosa (2002, p. 36, apud. OLIVEIRA, Eduarda 2015).

O autor alega que o contexto onde a criança está inserida influencia no desenvolvimento e no comportamento dele. Para ele, a família é a base mais importante para a criança, e que se ela vai bem dentro de casa, isso influenciará no seu progresso de alfabetização.

O professor tem que se propor a ajudar a criança, uma conscientização de todos os educadores e membros da gestão escolar, com orientações, e diálogos para que haja uma parceria entre os colegas de trabalho a empenhar-se no mesmo propósito.

Para a escola realizar uma educação adequada, deverá ao incluir o educando no meio escolar, incluir também a sua família nos espaços de atenção e atuação psicopedagógica. Algumas dicas de brinquedos para melhor desenvolvimento que podem também podem ser trabalhadas em casa, são os

materiais Montessorianos, que são excelentes para a autonomia da criança, com limites e liberdade respeitando o desenvolvimento físico naturais, sociais e psicológicos.

Reuniões com os pais, relatórios, troca de informações e observação constante dos exames médicos, trazem bom andamento no processo escolar, assim, com o auxílio de uma psicopedagoga, podem trabalhar juntos, os pais e a escola.

O educando com autismo, evidencia dificuldades sociais que podem trazer a sensação inicial aos familiares e aos professores sentimento de métodos educacionais ineficazes. Porém, não deve ser interrompido, mas sim, continuado com paciência, amor e perseverança, pois os resultados surgirão.

A escola está inserida na educação entre família e a sociedade, onde se adquire princípios e regras estabelecidas para bom convívio. Ainda que seja normal existir diferenças comportamentais em casa e na escola, no autismo, isso pode ser um prejuízo. Torna-se extremamente difícil o aprendizado, quando a escola e a família não concordam no trabalho, originando-se em um comportamento diferenciado de uma das partes. Sendo assim, é crucial que os profissionais e a escola trabalhem da mesma forma, determinando os mesmos princípios que resultarão em uma junção harmoniosa na educação.

A escola e a família precisam ser concordes nas ações e nas intervenções na aprendizagem, principalmente, porque há grande suporte na educação comportamental. Isto significa dizer que a maneira como o autista comem veste-se, banha-se, escova os dentes, manuseia objetos e os diversos estímulos que recebe para seu contato social precisam ser consoantes nos dois ambientes. (CUNHA, Eugênio, AUTISMO E INCLUSÃO, 4ª edição, p. 89)

Não há como falar de inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com inclusão. E como se faz a inclusão? Sem rótulos e com atitudes de qualidade. Nos rótulos constam as limitações de quem está aprendendo. Devemos olhar para ele além do que ele é.

Quando estamos envolvidos em algo que amamos, nada nos incomoda. Quando direcionamos nossos afetos em temas que nos interessam, buscamos mais conhecimento, e quando estamos trabalhando em ambientes que nos trazem sentimento de acolhimento, temos disposição para executar as tarefas do dia a dia.

Do mesmo jeito os alunos inclusivos devem se sentir, vontade de desenvolver e aprender necessitam encontrar uma estrutura acolhedora. A sala de aula representa para o professor a sua prática. Envolve a dinâmica de conhecimento no processo de trabalho e ação.

Quando acreditamos no indivíduo, no seu potencial humano e na sua capacidade de reconstruir seu futuro, o incluimos, e nossa atitude torna-se o movimento que dará início ao seu processo de emancipação. Na verdade, a inclusão escolar inicia-se pelo professor. Percebemos que, com a necessidade da educação inclusiva, criam-se leis, mas, nem sempre, existem as possibilidades de preparação daqueles que trabalham na escola. (CUNHA, Eugênio. AUTISMO E INCLUSÃO, 4ª edição, p.101).

É comum vermos professores preocupados com a qualidade da sua disciplina, mas esquecendo do seu afeto com o próximo. Não podemos educar sem notarmos para o aluno com sua identidade, no seu papel social na conquista de sua autonomia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão bibliográfica feita, pesquisas e a vivência na sala de aula, conclui-se que, os autistas estão se integrando no ensino regular. Mas para ocorrer um notável êxito precisa-se de mais tempo, e profissionais totalmente dispostos a participar da experiência que é ensinar os alunos com autismo. Com base nos direitos humanos, todos devem ter uma educação de qualidade, independente das etnias, cor, gênero, religião, entre outros. Em diversas escolas as provas são adaptadas, possuem profissionais que trabalham para melhor

desempenho do mesmo, como por exemplo uma psicopedagoga. Pais participativos na vida do filho, isso é de extrema importância para o desenvolvimento do mesmo.

É admirável observar a criança se empenhar e manifestar interesse nos assuntos que são trabalhados na sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTISMO e Síndrome de Asperger. DISPONÍVEL em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf> > Acesso em 4 de março de 2019)

TENORIO, Goretti O que é autismo, causas e tratamentos DISPONÍVEL em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-autismo-das-causas-aos-sinais-e-o-tratamento/> > Acesso em 9 de março de 2019

VACH, Fernanda M- A criança autista na escola regular DISPONÍVEL em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-crianca-autista-na-escola-regular.htm> > Acesso em 22 de março de 2019

SAMPAIO, Eduarda- Autismo na escola: Pontos e contrapontos na escola inclusiva. DISPONÍVEL em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/autismo-na-escola-pontos-contrapontos-na-escola-inclusiva.htm>> Acesso em 1 de abril de 2019.

TEZANI, Thais - A relação entre gestão escolar e educação inclusiva: o que dizem os documentos oficiais? DISPONÍVEL em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/viewFile/9249/6131> > Acesso em 1 de abril de 2019.

CRUZ, Talita- Autismo e Inclusão, experiências no ensino regular, 4ª edição, 2014.

PRATA, Élide- Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular. DISPONÍVEL em: <<http://www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-E-lida.pdf> > Acesso em 2 de abril de 2019.

YOUNES, Karize- A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. DISPONÍVEL em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006 > Acesso em: 15 de abril de 2019.

FILHO, Luiz- A importância da família no cuidado da criança autista. DISPONÍVEL em:

<http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/saudeemfoco/article/view/719>
> Acesso em 15 de abril de 2019.

Werner, Andréa- Existe mesmo inclusão escolar no Brasil? (Lagarta vira pupa). DISPONÍVEL em: <<https://lagartavirapupa.com.br/existe-mesmo-inclusao-escolar-no-brasil/> > Acesso em: 29 de abril de 2019.

ROMERO, Priscila, O aluno autista – Avaliação, inclusão e mediação, 1ª edição. 2016.

CUNHA, Eugênio, Autismo e Inclusão, psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 1ª edição, 2017.



¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

FORMAÇÃO PARA PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL TEACHER TRAINING IN SPECIAL EDUCATION

ALMEIDA, Sonia R. Zanetti

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo conhecer e refletir sobre os princípios da educação inclusiva é o ponto de partida para qualquer escola que pretende conduzir seu projeto educacional a partir do princípio da inclusão. Devemos entender a importância de se ter um profissional atualizado, capacitado para crianças especiais.

PALAVRAS-CHAVE: Professores, Educação especial, inclusão

ABSTRACT: This article aims to know and reflect on the principles of inclusive education is the starting point for any school that intends to conduct its educational project from the principle of inclusion. We must understand the importance of having an up-to-date professional trained for special children.

KEYWORDS: Teachers, Special Education, Inclusion

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em educação especial, pouco se sabe efetivamente, as informações são desconectadas e a percepção acaba sendo mais

complexa. A preparação dos profissionais da área de educação tem sido muito questionada, pois a grande maioria dos professores não recebeu uma formação adequada para lidar com as crianças com necessidades especiais.

Conhecer e refletir sobre os princípios da educação inclusiva é o ponto de partida para qualquer escola que pretende conduzir seu projeto educacional a partir do princípio da inclusão.

Devemos entender a importância de se ter um profissional atualizado, capacitado para crianças especiais. Infelizmente esse cenário é carente. Já que é sabido pelo senso comum as dificuldades os professores têm para lidar com essas situações.

Partindo dessa carência, o presente trabalho tem como objetivo trazer a informações, através de levantamento bibliográfico, sobre a realidade do cenário da educação especial.

Indicar pelos estudos analisados, caminhos para enfrentar os problemas para alcançar uma inclusão efetiva e eficiente.

Também analisar a importância dos profissionais especializados em educação especial, mostrar como um profissional faz a diferença em uma sala de aula com um aluno em inclusão.

Para o levantamento dos dados dessa pesquisa, foi feita uma revisão bibliográfica, através de meios digitais, como blogs, sites educacionais, reportagens e/ou entrevistas com especialistas da área, materiais acadêmicos, entre outros, para dar subsídios a essa pesquisa.

2. BREVE HISTÓRIA

A deficiência está presente na história da humanidade, séculos atrás na maioria das vezes eram retiradas do convívio social porque apresentava alguma anomalia, isso para que as pessoas não fossem contagiadas pela sua “doença”, pois eram tratadas iguais aos doentes.

Não se têm indícios de como os primeiros grupos de humanos na Terra se comportavam em relação às pessoas com deficiência.

Tudo indica que essas pessoas não sobreviviam. Devido a diversos fatores como, falta de abrigo para os dias e noites de frio intenso e calor insuportável, a ausência de comida, era necessário ir à caça para garantir o alimento diário e, ao mesmo tempo, guardá-lo para o longo inverno e sabemos que para a maioria dos deficientes isso não seria possível. (CARVALHO apud GURGEL p1, 2017).

Entretanto, para que induzir uma reflexão e cada vez mais a inclusão, foi estabelecido o Dia da Criança Especial no Brasil, 09 de Dezembro. Assim ressaltando a importância de respeitar e preservar a relação de convivência entre as pessoas (MEC, 2011).

2.1. Educação especial

A Educação Especial é o ramo da educação voltado para o atendimento e educação de pessoas com alguma deficiência. Preferencialmente em instituições de ensino regulares ou ambientes especializados (como por exemplo, escolas para surdos, escolas para cegos ou escolas que atendem a pessoas com deficiência intelectual). São também considerados público-alvo dessas escolas crianças com transtornos globais de desenvolvimento ou com altas habilidades/super dotação de acordo com o art. 58 da Lei de diretrizes e bases da educação nacional, nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que diz:

“Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.”

Assim, os objetivos da educação especial são os mesmos da educação em geral. O que difere, entretanto, é o atendimento, que passa a ser de acordo com as diferenças individuais do aluno. Segundo Marina Abala, ela se desenvolve em torno da igualdade de oportunidades, atendendo às diferenças individuais de cada criança através de uma adaptação do sistema educativo. Dessa forma, todos os educandos podem ter acesso a uma educação capaz de

responder às suas necessidades. O Ensino Especial tem ganhado visibilidade nas últimas duas décadas, devido ao movimento de educação inclusiva, mas tem sido também alvo de críticas por sua exclusividade e por não promover o convívio entre as crianças especiais e as demais crianças.

Por outro lado, as escolas com educação especializada contam com materiais, tecnologia, equipamentos e professores especializados. Enquanto o sistema regular de ensino ainda precisa ser adaptado e pedagogicamente transformado para atender de forma inclusiva (ABDALA, 2017).

2.2. O Professor

É claro, que quando falamos em Educação Especial e Inclusiva, o foco de implementação de qualquer política, aplicação de legislação e condução de resultados é sempre o professor.

Esse profissional que, historicamente, tem pouco reconhecimento e salário frequentemente abaixo do “ideal” de mercado, tornou-se o grande herói – ou vilão – das salas de aula, com suas exigências altíssimas e sua predisposição à inclusão social e à criação de uma sociedade mais justa e evoluída.

Há uma série de requisitos, previstos em lei, que um professor apto a assumir uma turma de educação inclusiva deve ter.

A diretora de políticas de educação especial do MEC, Martinha Dutra, diz: “Muitas vezes, esse serviço é público, mas ele igualmente tem de ser supervisionado pela própria rede — se está funcionando ou não, se os alunos e alunas estão sendo bem atendidos, se as famílias estão satisfeitas”. “Tem de haver esse feedback para a comunidade escolar” (BELLINI apud MEC, 2017).

A educação especial deve ter sempre a perspectiva inclusiva. De acordo com o Artigo 13 da Resolução Nº 4, de 02 de Outubro de 2009 do MEC – Ministério da Educação, “são atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado:”

- Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- Elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- Organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;
- Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;
- Estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;
- Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- Ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;
- "Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares."

Claramente, uma das competências mais relevantes para o novo professor multifacetado da atualidade é o interesse e a habilidade de realmente conhecer seus alunos, suas particularidades, dificuldades e talentos. Essa competência, combinada ao treinamento especializado que complementa os estudos realizados durante a licenciatura pode preparar qualquer profissional da área de educação para os novos desafios que o aguardam em salas de aula de todo o país. Entre os cursos mais indicados para esses profissionais está o curso

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E EDUCAÇÃO ESPECIAL, uma pós-graduação de 735 horas para professores e profissionais da área de educação que aborda diversos aspectos da educação especial inclusiva, como por exemplo:

- Educação especial inclusiva e políticas públicas de inclusão
- Políticas públicas para saúde mental
- Fundamentos da educação especial
- Fundamentos da educação inclusiva
- Educação especial e os diferentes tipos de necessidades especiais
- AEE para deficiência física e mobilidade reduzida, deficiência visual: baixa visão e cegueira, deficiência auditiva e surdez, deficiências múltiplas e surdocegueira e deficiência intelectual, altas habilidades e superdotação.

De acordo com a Daniela Alonso, especialista em Educação Inclusiva e selecionadora do Prêmio Victor Civita Educador Nota 10, entrevista realizada pela Nova Escola (2013), pode-se classificar em 3 pontos importantes resumidamente citados abaixo.

O professor, como organizador da sala de aula, guia e orienta as atividades dos alunos durante o processo de aprendizagem para aquisição dos saberes e competências. O projeto pedagógico da escola direciona as ações do professor, que deve assumir o compromisso com a diversidade e com a equalização de oportunidades, privilegiando a colaboração e a cooperação.

O papel do educador é intervir nas atividades que o aluno ainda não tem autonomia para desenvolver sozinho, ajudando o estudante a se sentir capaz de realizá-las. É com essa dinâmica que o professor seleciona procedimentos de ensino e de apoio para compartilhar, confrontar e resolver conflitos cognitivos (NOVA ESCOLA 2013).

Para conhecer seus alunos, suas competências, suas necessidades

educacionais específicas e possíveis formas de aprendizagem, o professor precisa de tempo. Reconhecer que cada aluno pertence ao grupo dependerá da comunicação e da interação eficaz entre professor-aluno, aluno-aluno, assim como da observação constante durante todo o processo de aprendizagem

Durante muito tempo aprendemos que era preciso identificar o que os alunos não sabiam e quais eram as limitações. Quando conhecemos as características de determinadas deficiências reconhecemos suas restrições. Sabemos, por exemplo, que o aluno com deficiência visual não acessará as aulas pela visão, pois sua condição restritiva é sensorial. Muitas vezes, identificar as limitações pode ter um efeito paralisante. Por outro lado, se identificamos as competências, encontramos alternativas de ensino e condições favoráveis à participação nas aulas e à aprendizagem (NOVA ESCOLA 2013).

Educar na diversidade exige um direcionamento para o estudo de práticas pedagógicas que valorizem as diferenças e a diversidade nas salas de aula. Devem ser considerados dois importantes eixos na formação e atualização dos profissionais: o primeiro refere-se ao conteúdo e o segundo, à forma de desenvolvê-lo.

O programa curricular dos cursos de formação de professores prioriza o estudo das deficiências quanto às suas caracterizações e condições específicas. Esse programa mantém o modelo conhecido da Educação especial, que sobrepõe a formação do especialista à formação do professor comum

Nessa configuração, os conteúdos parecem apontar para a falta de temas pragmáticos no processo de ensino e aprendizagem; a ausência da articulação entre educação especial, rede de apoio e o ensino comum, e a carência das dimensões da perspectiva inclusiva. São visíveis no currículo as falhas de conteúdo relacionadas aos serviços de apoio inseridos na escola, à integração com a família, ao papel dos gestores, à gestão da sala de aula, etc (NOVA ESCOLA 2013).

2.3. O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO ESPECIAL

A rede de ensino público do Brasil avançou muito no quesito acesso, mas ainda existem aspectos que precisam ser melhorados como a qualidade e investimento na capacitação de professores em educação inclusiva para atender todas as necessidades dos alunos, como os autistas, por exemplo. Para inseri-los de verdade em escolas regulares, é necessário desenvolver uma boa rede de apoio entre alunos, docentes, escolas, famílias e profissionais de saúde.

Fabiana Burgos T. Garcia, especialista em educação especial na área de transtornos globais do desenvolvimento (TGD), cita na entrevista realizada pelo Centro Universitário UniDBSCO, alguns pontos no que deve ser feito para que a educação inclusiva seja garantida para a aprendizagem de todos os alunos em escolas regulares. Segundo ela a lei obriga a matrícula do estudante na sala regular, mas não garante o sucesso de sua escolarização. Isto deve ser garantido pelo sistema de ensino que por sua vez é falho. O estadual tem várias iniciativas como curso de especialização em educação especial gratuito na UNESP para os professores de Ensino Fundamental e Ensino Médio e também para os professores de sala de recursos. Também prevê a implantação de salas de recursos exclusivas para TGD, no entanto serão salas polo que atenderão mais de uma escola (podendo chegar a 10 escolas), isso não funciona, pois o estudante com Transtorno do Espectro Autista, por exemplo, necessita de apoio na escola o tempo todo, mesmo que seja de grau leve.

Segundo CAGLIARI, 2016, no caso do sistema municipal, Paulínia e Campinas, por exemplo, possuem salas de recursos ou apoio uma por escola, mas são multidisciplinares, ou seja, a maioria das vezes há 1 professor especializado em educação especial. Por exemplo, ele tem que atender cegos, surdos, deficientes intelectuais e TEA numa mesma classe.

Em escola privada complica ainda mais. Se sentem desobrigados de oferecer a sala de recursos, mas é previsto sim na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e a Nota técnica 15/2010 do MEC orienta, que

eles devem seguir a legislação vigente. Também não investem em formação do professor, querem cobrar dos pais custo extra para contratar um professor de educação especial e tantas outras barbaridades puníveis com multa.

A especialista também diz que o projeto pedagógico é obrigatório para todas as escolas e chamamos de PPP (Projeto Político Pedagógico). Nele, é necessário que exista um planejamento para a educação especial, pensando no público da própria escola, pensado pelos professores da sala regular, equipe gestora e, claro, pelo professor de educação especial e família, em conjunto. O ensino colaborativo é o caminho. Sem o envolvimento de todos não há inclusão. A família também é fator imprescindível. Assim incluiria de forma correta forma o projeto pedagógico inclusivo, melhorando assim esse cenário.

Na entrevista Fabia comenta as habilidades e conhecimentos que adquiriu ao fazer o curso de especialização em educação especial, em suas palavras diz:

“Bom, a educação especial dá ao professor o conhecimento legal e histórico, além de posicionar o professor com relação ao trabalho com a diversidade na sala de aula comum. Eu, por exemplo, sempre trabalhei em salas regulares onde haviam alunos com deficiência auditiva, alunos com TEA, deficiência visual, mas nenhuma orientação me era dada. Não fosse pela sensibilidade que já fazia parte da minha pessoa, não teria feito qualquer trabalho com eles, o que é muito comum acontecer. Assim como todos os estudantes, cada um tem necessidades especiais para aprender e é preciso identificá-las. Para isso, a presença de um professor de educação especial é primordial a fim de se estabelecer um Programa de Escolarização Individualizado (PEI) em conjunto com os professores da sala regular e equipe gestora da escola, para que as suas potencialidades sejam trabalhadas. Este deve ser o foco, suas potencialidades, suas habilidades e nunca suas dificuldades.” (CAGLIARI, 2016)

2.4. SITUAÇÕES PRÁTICAS

O sistema educacional brasileiro passou por grandes mudanças nos últimos anos e tem conseguido cada vez mais respeitar a diversidade, garantindo a convivência e a aprendizagem de todos os alunos.

As práticas educacionais desenvolvidas nesse período e que promovem a inclusão na escola regular dos alunos com deficiência (física, intelectual, visual, auditiva e múltipla), com transtorno global do desenvolvimento e com altas habilidades, revelam a mudança de paradigma incorporada pelas equipes pedagógicas. Essas ações evidenciam os esforços dos educadores em ensinar a turma toda e representam um conjunto valioso de experiências.

Assim como todos os estudantes, cada um tem necessidades especiais para aprender e é preciso identificá-las. Para isso, a presença de um professor de educação especial é primordial a fim de se estabelecer um Programa de Escolarização Individualizado (PEI) em conjunto com os professores da sala regular e equipe gestora da escola, para que as suas potencialidades sejam trabalhadas. Este deve ser o foco, suas potencialidades, suas habilidades e nunca suas dificuldades (CAGLIARI, 2016).

A especialista Fabiana Burgos T. Garcia, cita também que é preciso dizer que há vários "graus" e que por isso chamamos de TEA (transtorno do ESPECTRO autista), onde cada um é cada um, cada um tem suas características singulares, como nós, e que por isso, é preciso conhecer o estudante, e a família é um canal importante para isso, a fim de poder direcionar metodologias e estratégias mais adequadas de ensino. É relevante que todos tenham a consciência da importância de evoluir, com o objetivo de fazer uma revolução educacional de forma enriquecer o progresso da Educação Inclusiva. Todos são capazes de aprender, mas cada um num tempo e de uma maneira, assim como os neurotípicos (assim que chamamos os "normais"), para isso é preciso dedicação e busca por conhecimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na teoria a inclusão é linda, mas na prática é bem difícil. As dificuldades são encontradas tanto nas estruturas físicas da escola, quanto a falta de profissionais qualificados. A formação para a educação especial é de suma importância. Na prática não existe essa disponibilidade, ficando o professor livre para buscar sua base. Tempos atrás não se falava muito em inclusão. Os pais que tinham um filho com deficiência escondiam a criança em casa em porões, as crianças não viviam em sociedade, hoje temos materiais, tecnologia, equipamentos e professores que dedicam seu tempo para se especializar nesse campo tão reduzido.

Como seria diferente se todos esses alunos tivessem a oportunidade de estar com um profissional qualificado. Mas esse ainda é um processo que demandará tempo, a pesquisa ampliou o saber sobre o assunto, e identificou que precisa-se unir forças, falar mais e debater, para promover ao mesmo tempo maior conhecimento por parte dos professores, para assim melhorar o processo de inclusão desses alunos.

Além disso, a pesquisa deixa clara a importância de um profissional empenhando e qualificado.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Marina Alcazar. **O que é educação especial e qual diferença para a educação inclusiva.** 2017. Disponível em: <http://barcelonasuperficies.com.br/blog/educacao-especial/>. Acesso em: 17 de mar. 2019.

CARVALHO, Ananda dos Santos. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Práticas docentes frente à deficiência auditiva.** 30 p. Anhanguera, Guarulhos, 2017.

NOVA ESCOLA. 2013 **Educação inclusiva: desafios da formação e da atuação em sala de aula.** 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/588/educacao-inclusiva-desafios-da-formacao-e->

da-atuacao-em-sala-de-aula. Acesso em: 17 de mar. 2019.

MEC. 2011. **Cresce inclusão de estudantes com deficiência em sala comum. Dia Nacional da Criança com Deficiência.** 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/205-1349433645/16527-cresce-inclusao-de-estudantes-com-deficiencia-em-sala-comum>. Acesso em: 17 de mar. 2019.

CAGLIARI, Vanessa. 2016. **Professor de educação especial é essencial em escolas, afirma especialista.** Disponível em: <https://www.domboscoead.com.br/pos-graduacao/noticias/professor-de-educacao-especial-e-essencial-em-escolas-afirma-especialista/532>. Centro Universitário UniDBSCO. Acesso em: 18 de mar. 2019.

BELLINI, Felipe. 2017. **A Formação do Professor para Educação Especial.** Disponível em: <https://demonstre.com/formacao-do-professor-para-educacao-especial/>. Demostre - Educação Especial. Acesso em: 21 de abr. 2019.



¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

HIPERATIVIDADE HYPERACTIVITY

CORULLI, PÂMELA CRISTINA
ZANATTO

RESUMO: Esse trabalho tem como propósito o estudo da hiperatividade, apresentando seus efeitos e como isso afeta a aprendizagem de uma criança, e o impacto que é causado no período escolar por causa desse déficit de aprendizagem. Compreender que cada caso de hiperatividade é um diferente do outro, a criança é muito agitada, não presta atenção, tem dificuldades para compreender o que é pedido a ela. Depende muito, cada criança é um determinado grau uns não tão graves e outros avançados. Quando o caso de hiperatividade é avançado, um dos métodos utilizados é o remédio que controla a criança por certo período, e faz com que ela preste atenção nas atividades, brincadeiras, e etc.

PALAVRAS-CHAVES: Hiperatividade; TDHA; Família.

ABSTRACT: The purpose of this paper is the study of hyperactivity, showing its effects and how it affects a child's learning, and the impact that is caused during the school period because of this learning deficit. Understand that each case of hyperactivity is different from each other, the child is very agitated, does not pay attention, has difficulty understanding what is asked of her. It depends a lot, each child is a certain degree some not so serious and others advanced. When the case of hyperactivity is advanced, one of the methods used is the medicine that controls the child for a certain

period, and makes her pay attention to activities, play, and so on.

KEY WORDS: Hyperactivity; TDHA; Family.

1. INTRODUÇÃO

É comum encontrar na literatura o uso de diversos termos para a caracterizar a hiperatividade, bem como a falta de atenção e impulsividade. Apenas na década de 80 que, com a publicação do DSM-III o termo Transtorno do Déficit de Atenção ou Hiperatividade (TDAH) foi incorporado em trabalhos e livros (GONÇALVES, 2011 apud DESIDÉRIO, 2007).

O TDHA é considerado pelos especialistas atualmente como um problema/disfunção neuropsiquiátrico, onde as principais características são: a falta de esforço quando se apresenta uma atividade cognitiva; a falta de foco, que faz com que a criança mude de uma atividade para a outra sem que as termine; a atenção precária na comunicação do interlocutor e a falta de paciência. Avalia-se que aproximadamente de 3 a 6% das crianças que se encontram na educação infantil apresentem sintomas da TDAH. E, infelizmente, por possuir esses problemas, muitas crianças sofrem com comparações com membros da família, muitas delas causadas pelos próprios pais, fazendo com que a criança manifeste atitudes de baixa autoestima ou, até mesmo, demonstre um comportamento agressivo e afrontoso. (ESCUDEIRO et. al., 2003).

Esse trabalho, portanto, tem como finalidade compreender e apresentar, de maneira mais profunda, os sintomas e os problemas causados pela TDHA, e como esses sintomas afetam, tanto na aprendizagem da criança, quanto na sua relação social. A partir das ideias apresentadas o objetivo é compreender os impactos da hiperatividade tanto na educação, quanto na sociedade e na vida familiar.

2. DESENVOLVIMENTO

Desde o seu nascimento, a criança já se depara com diversos estímulos físicos, fazendo com que o seu senso de curiosidade e descoberta seja aguçado. Simão (2003) diz que:

“O comportamento típico e apropriado para a criança com três anos demonstram curiosidade, espírito de exploração e energia limitada, reagem prontamente a novos estímulos em seu ambiente geralmente são desembaraçadas, entusiasmadas e exuberantes” (p.237).

Mas quando esse comportamento fere o autocontrole relacionado à concentração, surge a chamada hiperatividade ou, cientificamente conhecida como TDHA (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Alguns sintomas necessários para a identificação do TDHA, como por exemplo a agitação é uma das coisas que atrapalha no rendimento escolar da criança e dependendo do caso, os coleguinhas da classe não querem nem ficar perto da criança que tem esse distúrbio neurológico, como afirma Brandão (1983):

“[...] Incapacidade de ficar quieta, distração fácil, por estímulos irrelevantes, impaciência, total desatenção a perguntas em tarefas, desobediência, impulsividade, tendência excessiva a manifestações verbais e um déficit auditivo parente” (p.198).

Crianças com TDAH sentem-se muito indispostas antes do tratamento, sentindo-se cansadas e sonolentas, até tentam fazer atividades, mas não conseguem por conta dessa indisposição. Kaplan; Sadock; Grebb (1997) ao falarem sobre os sintomas do TDHA descrevem que:

“O transtorno do déficit de atenção/hiperatividade (TDHA) é caracterizado por um alcance impropriamente fraco de atenção, em termos evolutivos ou aspectos de hiperatividade e impulsividade ou ambos, inapropriado à idade. A fim de satisfazer os critérios diagnóstico, o transtorno deve estar presente por pelo menos seis meses, comprometer o funcionamento acadêmico ou social e ocorrer antes dos 7 anos (p.12).”

Para comprovar a hiperatividade a criança é avaliada de várias formas, até chegar a um determinado resultado, ou seja, o diagnóstico, Guardiola; Low; Rotta, 2006 afirmam que:

“O diagnóstico é o resultado da análise de informações obtidas de várias fontes e em diversas situações, incluindo desde a queixa feita no consultório do profissional até as informações obtidas mediante entrevistas e escalas com os pais ou responsáveis, os professores e a anamnese da criança (p.30).”

A hiperatividade não é um caso fácil de lidar, é importante saber que a criança hiperativa apresenta mais dificuldades comuns na sua infância, só que de uma forma mais exagerada. Percebe-se a dificuldade de diagnosticar crianças na idade pré-escolar, porém com a ajuda da psicopedagoga e psicólogo, que avaliam o comportamento social, mental e pedagógico é

possível diagnosticar a hiperatividade. Brzozowski (2009), diz que:

“É de extrema importância o exame clínico detalhado que abarque informações oriundas de professores, pais e indivíduos que compõem a rede de apoio da criança: Uma investigação do funcionamento intelectual, social, emocional e acadêmico, exame físico assim como aplicação de instrumento de avaliação psicológica ou neurológica (p. 1165-1187)”.

Cada caso de hiperatividade é diferente um do outro, e um ponto muito importante que devemos observar e pensar sobre, que tem professores que entendem tanto a família quanto o seu aluno, e existem casos que o professor confunde, interpreta a situação de outra maneira. (BOARINI; BORGES, 1998, disseram que:

“Outro ponto a refletir é que, neste cenário de surpreendentes avanços tecnológicos e caóticas relações humanas, a educação escolar 'dança conforme a música', como se diz na linguagem popular. Assim, temos professores que, em geral, confundem trabalho com problema e muitas famílias que, por não entenderem ou não aceitarem dificuldades de seus filhos ou as próprias dificuldades, terceirizam suas tarefas ao invés de reconhecê-las e administrá-las, sinalizando uma crise da infância”. (p.4).

O professor é um intermédio que ensina e auxilia cada aluno, e a partir dele que surgem as primeiras informações, lições. E ao conviver todos os dias com os alunos vai identificando cada característica, cada personalidade.

Dias; et al 2005. Descrevem que:

“Os professores são frequentemente a primeira fonte de informação para determinar o diagnóstico do TDAH e, na maioria das vezes, são eles que solicitam uma avaliação profissional para seu aluno. Consequentemente, os trabalhos que investigam as experiências, as percepções e o conhecimento dos professores sobre o TDHA” (p.30).

A TDHA pode ser descoberta até os 7 anos, faixa etária onde a maioria dos casos são descobertos, pois ao perceber o comportamento diferenciado o professor segue o processo de encaminhamento da criança para o psicopedagogo da escola. Quando tratamos sobre o diagnóstico da hiperatividade, não há exames específicos. Para que o diagnóstico seja feito é necessário um acompanhamento psicológico, com avaliações de uma

psicopedagoga e de avaliações cognitivas, dependendo do caso necessita um acompanhamento neurológico. Estudos, além de comprovar a necessidade de um acompanhamento especializado, demonstraram que, a hiperatividade pode ser transmitida a partir dos pais. Rubinstein (1999) afirma que:

“É uma das dificuldades de aprendizado cuja causa pode ser orgânica, neurológica, psíquica, psicológica e também o fator hereditário pode contribuir. Para diagnosticar se uma criança é hiperativa ou não é necessário que faça uma avaliação por profissionais especializados (p.9)”.

A hiperatividade causa um impacto tanto na educação quanto na família, isso pode causar frustrações na criança. A falta de conhecimento sobre a TDHA pode causar um conceito errado sobre a criança hiperativa, e um desses principais erros é, como Andrade (2003) enfatiza:

“As dificuldades sociais do indivíduo com TDHA derivam em parte, do desempenho insatisfatório, e não do conhecimento insatisfatório. Ao menos nos hiperativos/impulsivos, o problema não estaria em não saber o que fazer, mas sim em não fazer aquilo que eles sabem que se espera deles” (p. 80-81).

Uma das maiores aliadas dos pais na superação do TDHA é a paciência. A paciência é uma das maiores provas, junto com a proteção familiar e o afeto, que se pode ter com a criança, fazendo com que a mesma persista em melhorar o seu desempenho a cada dia. Goldstein (1994) declara que “[...] para ajudar seus filhos a serem bem sucedidos na escola, os pais devem ser pacientes, persistentes e orgulhosos [...]”.

Entretanto, estudos afirmam que a hiperatividade é amenizada com o passar do tempo. Isso acontece por conta da maturidade, que é o processo de crescimento mental e psicológico da criança. O médico e neurologista Topczewski (1999) ao falar sobre isso afirma que:

“O comportamento hiperativo pode passar com o tempo, em virtude de o sistema nervoso central sofrer maturação; algumas crianças hiperativas podem chegar com esse distúrbio até o período escolar. Apesar de todas as dificuldades, as crianças hiperativas não possuem menos inteligências ou capacidade de aprendizagem do que as

outras necessitam apenas de atenção diferenciada, os pais devem procurar tratamento adequado para os filhos” (p.128).

Na adolescência a TDHA é amenizada, os sintomas são diminuídos e isso é um grande avanço pra quem passou por todo esse processo. Os autores Rohde et al (2004). decorrente a isso enfatizam que:

“A literatura indica que os sintomas de hiperatividade diminuem na adolescência, restando de forma mais acentuada, os sintomas de desatenção. Tem-se sugerido que o limiar para diagnóstico possa ser reduzido para, talvez, cinco ou menos sintomas em adolescentes, visto que estes podem continuar com um grau significativo de prejuízo no seu funcionamento global, mesmo com menos de seis sintomas de desatenção e/ou hiperatividade.” (p.2)

Agora, abordaremos um caso de insucesso, ou seja, quando a TDHA não tem seus sintomas reduzidos, onde o autor sobre o caso não é exposto. Podemos notar como é difícil de lidar com crianças hiperativas, elas são dispersas demais e toda brincadeira é de “momento”, ou seja, brinca só um pouquinho com determinado brinquedo e já não quer mais. Abaixo, Andrade (2003) faz um argumento sobre esse caso:

“Desde pequeno já é inquieto em casa, corre daqui pra lá. O dia todo, sem que nada detenha, nem se quer o perigo. Tira brinquedos de seu lugar esparrama todos pelo chão, quase nem usa, pega outros e outros sem entreter-se em nenhum. Interrompe permanentemente os adultos e as outras crianças, respondendo impulsivamente e de forma exagerada aqueles que amoestam. Seus companheiros da escola o evitam, mesmo assim ele sempre termina chamando-os para pedir-lhes ajuda nas lições que não conseguem terminar a tempo.” (p.26).

No caso dessa criança, a mãe percebeu quando a criança era bem pequena. Dependendo do caso a criança usa medicamentos para controlar toda essa agitação.

Com a medicação esses sintomas são amenizados, e durante todo o tratamento não sentem mais esses sintomas. O remédio age sobre os sintomas de desatenção, a criança consegue se concentrar muito mais para realizar o que é solicitado a ela. Os efeitos da dose duram algumas horas depois da ingestão.

Essas crianças conseguem realizar, com o uso do medicamento, até mais de uma atividade. O efeito também diminui a ansiedade das crianças, controla o

sono e assim as crianças conseguem produzir mais.

Há casos de crianças que tomam até remédio para a hiperatividade, mas só é necessário quando é bem avançado. Para Vygotsky (1989), muitas vezes o tratamento do TDHA não tem efeito significativo, pois o apoio não foi efetivo, visando apenas os pontos negativos da criança. Ele assegura que “é impossível apoiar-se no que falta a uma criança, naquilo que ela não é. Torna-se necessário, ter uma ideia, ainda que seja vaga sobre o que ela possui, sobre o que ela é” (p.102)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui - se que a hiperatividade não é uma doença, tem casos que é percebida quando se é bebê e em outros casos ela se manifesta até os 7 anos, mas na maioria das vezes os pais nem percebem, só ficam ciente que tem um filho hiperativo (a) quando a criança entra em seu período escolar, quando o professor depois de encaminhar a criança para um psicopedagogo da escola o chama para conversar.

Entretanto, uma das saídas é o uso do medicamento, que na maioria das vezes é administrado tardiamente, visto que essas crianças sofrem certo preconceito e exclusão pela turma, ele acaba sendo uma solução para “acalmar” as crianças.

Por outro lado os pais muitas vezes evitam a medicação pois temem pelos efeitos colaterais causados, a longo prazo e também por tomarem todos os dias.

Desse modo, os medicamentos são uma opção para desenvolver melhor a aprendizagem e amenizar isso com o tempo. E ajuda também na socialização das crianças, pois existem casos em que a criança é agitada demais e em outros pode ser quieta demais

Para isso os pais devem estar sempre atentos e dar a total atenção que a criança precisa, pois ao notar dificuldades sobre determinada coisa a criança se sente incapaz de realizar e ao pedir ajuda na maioria das vezes lhe é negado.

Cuidar e ajudar para que haja uma melhora no rendimento da criança nos aspectos, físico ou mental, é o melhor a se fazer. A criança só tem a evoluir.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Enio Roberto. Quadro clínico do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. **Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Porto Alegre: Artmed, p. 75-83, 2003.**

BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf; CAPONI, Sandra. Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade: classificação e classificados. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, p. 1165-1187, 2009.

DESIDÉRIO, Rosimeire; MIYAZAKI, Maria Cristina de OS. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH): orientações para a família. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11, n. 1, 2007.

ESCUDEIRO, Mônica Lavoyer. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: atribuição de causalidade e diagnóstico. **Revista Pediatria Moderna**, v. 37, n. 9, p. 477-482, 2001.

FARAONE, Stephen V. et al. A prevalência mundial de TDAH: é uma condição americana?. *Psiquiatria mundial*, v. 2, n. 2, p. 104, 2003.

GOLDSTEIN, Sam e GOLDSTEIN, Michael: tradução Maria Celeste Marcondes. *Hiperatividade: Como Desenvolver a Capacidade de Atenção da Criança*. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1994

GONÇALVES, Hosana A.; PUREZA, Janice R.; PRANDO, Mirella L. Transtor no de déficit de atenção e hiperatividade: breve revisão teórica no contexto da neuropsicologia infantil. *Revista Neuropsicologia Latinoamericana*, v. 3, n. 3, p. 20-24, 2011.

KAPLAN, H., SADOCK, B., & GREBB, J. (1997). *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 7ª Edição. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

RUBINSTEIN, Edith. **Psicopedagogia uma prática, diferentes estilos**. Casa do Psicólogo, 1999.

SIMÃO, A. N. P.; TOLEDO, M. M.; CIASCA, S. M. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. *Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade*. São Paulo: Revinter, p. 23-36, 2010.

TOPCZEWSKI, Abram. **Hiperatividade: como lidar?**. Casa do Psicólogo, 199

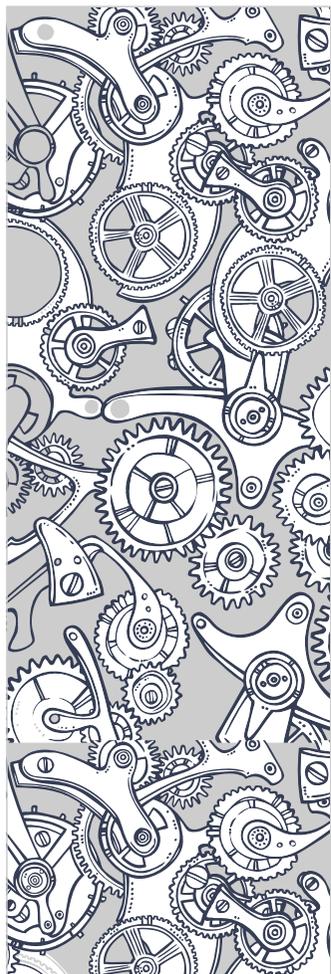
VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente A formação social da mente*. 1989.

BOARINI, Maria Lucia; BORGES, RoselaniaFrancisconi. HIPERATIVIDADE, HIGIENE MENTAL, PSICOTRÓPICOS: ENIGMAS DA CAIXA DE PANDORA. **Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo**, Maringá, p. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.madres.org/documentos/doc20110113140657.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

JOU, Graciela Inchausti de et al. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: Um Olhar no Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Rio Grande do Sul, p.30, set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v23n1/a05v23n1>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

ZAMBOM, Luís Fernando; OLIVEIRA, Margareth da Silva; WAGNER, Márcia Fortes. A TÉCNICA DA ECONOMIA DE FICHAS NO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE. **Psicologia.com.pt**, Porto Alegre, v. 0, n. 0, p.2-2, 10 out. 2006. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43457454/A_Tcnica_da_Economia_de_Fichas_no_Trans20160307-23049-kx408i.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1557186241&Signature=4hTIVnUj4Uzzajs2%2BXiopmu3a0c%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_Tecnica_da_Economia_de_Fichas_no_Tans.pdf>. Acesso em: 06 mai.2019.





A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS

THE IMPORTANCE OF PARENTS 'PRESENCE IN CHILDREN'S SCHOOL LIFE

BENTO, Paloma

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo mostrar a importância da presença dos pais na vida escolar dos filhos, visto que é importante conscientizar quão prejudicial é para os alunos a falta da presença dos pais na vida escolar dos filhos, afetando cognitivamente e socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Família – escola – pais - filhos

ABSTRACT: This article aims to show the importance of parents 'presence in their children's school life, since it is important to realize how harmful it is for students to lack parents' presence in their children's school life, affecting cognitively and socially.

KEYWORDS: Family - school - parents - children

1. INTRODUÇÃO

A família como primeira instituição social formadora da criança, também é responsável por promover o convívio social, o qual deve ter início no ambiente familiar. É necessário que família e escola caminhem juntas, com interação mútua, buscando se adaptar às mudanças necessárias, para uma eficácia na educação e no aprendizado.

Acompanhar a vida escolar dos filhos não

significa necessariamente apenas cobrar. O acompanhamento pressupõe muito mais do que isso. É necessário estimular, motivar, valorizar, ensinar, conversar, prestigiar, discutir. Nessa parceria entre pais e filhos, a cobrança é a última ferramenta a ser utilizada.

Quando a criança percebe que os pais se interessam por seus estudos e por suas experiências escolares, ela sente-se valorizada, desenvolvendo-se de forma segura e com boa autoestima. Essa demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos é parte fundamental em seu processo de aprendizagem.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa é mostrar a importância da presença dos pais na vida escolar dos filhos, visto que é importante conscientizar quão prejudicial é para os alunos a falta da presença dos pais na vida escolar dos filhos, afetando cognitivamente e socialmente.

2. A PRESENÇA DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS

O estudo está embasado em material bibliográfico pré-existente no Google acadêmico e artigos trazendo fundamentos teóricos de autores relacionados ao tema.

A escola e a família, assim como outras instituições, vêm passando por profundas transformações ao longo da história. Estas mudanças acabam por interferir na estrutura familiar e na dinâmica escolar de forma que a família, em vista das circunstâncias, entre elas o fato de as mães e/ou responsáveis terem de trabalhar para ajudar no sustento da casa, tem transferido para a escola algumas tarefas educativas que deveriam ser suas.

No interior de nossa própria cultura, sem sair de nossa própria cidade nem de nosso próprio bairro, um belo dia observamos nosso ambiente e nos damos conta de que tudo mudou tanto que mal somos capazes de saber como as coisas funcionam. Sentimo-nos, então, desorientados como se tivéssemos viajado para uma sociedade estranha e distante, mas sem esperança de voltar a

¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

recuperar aquele ambiente conhecido no qual sabíamos nos arranjar sem problemas. (ESTEVEVES, 2004, p. 24 apud SOUZA, 2009, p.5).

A experiência escolar tem mostrado que a participação dos pais é de fundamental importância para o bom desempenho escolar e social das crianças. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º discorre:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990)

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância de sua presença no contexto escolar também é reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que no seu artigo 1º traz o seguinte discurso:

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996).

Para a formação completa de uma criança é necessário um conjunto de forças que se completam afim de garantir um rendimento bom na vida escolar das crianças, ou seja, Pais e escola formam uma equipe que trabalha em prol do melhor aprendizado.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50 apud SOUZA, 2009, p.6)

A reportagem da revista digital REVISTA CLAUDIA (2016) trouxe uma propaganda da marca de canetas BIC que remete ao tema apresentado neste estudo. O slogan da propaganda diz: “Escrevendo e evoluindo junto com você”. Ainda nesta reportagem encontramos na ação, pais de alunos do 4º ano do colégio Santo Amaro – Rio de Janeiro que foram convidados para uma reunião na escola e surpreendidos com um super desafio: fazer a mesma prova de seus filhos.

Enquanto as crianças faziam o teste em uma sala, os pais estavam reunidos na sala ao lado para lembrar o que aprenderam no passado (ou, ainda, colocar em prática o que estudaram com os filhos). Na sequência, pais e filhos são colocados lado a lado para descobrir juntos a nota que cada um tirou.

Os pais relatam no vídeo estar em “pânico” e se sentindo no lugar ao contrário, sendo cobrados ao invés de cobrar.

Após a prova os alunos falam para os pais o quão importante é a presença deles. Um dos pais diz que às vezes os pais esquecem que o filho precisa da presença, contato, afeto, carinho, que faz muita diferença, não só nas notas, mas para a vida.

Neste estudo, também encontrei material sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos, na plataforma de vídeos do You Tube. A análise realizada mostrou que há pesquisas que indicam que mais da metade dos pais dizem que acompanham os estudos dos filhos. Mas os professores consideram que a frequência deles na escola é baixa. De acordo com a última prova Brasil 94% dos professores acreditam que possíveis problemas de aprendizagem estão relacionados a falta de acompanhamento da família. Dos alunos do 5º ano 15% não conversam com seus pais sobre a escola e para os alunos do 9º ano a porcentagem subiu para 22%.

A conclusão a que se chega ao assistir esse material sobre o tema no referido canal é que tudo começa pela escola não expulsar a família, pois isso tem sido feito. Os pais não frequentam a escola por ela não ser prazerosa, comecem por fazer que a escola seja um lugar prazeroso. Essa participação não é um direito nem dever e sim uma necessidade.

Alguns pais foram entrevistados em eventos nas escolas, eles dizem que é muito importante para a educação dos filhos a presença na escola, mas não somente na escola, em casa tem que participar também, dar força e apoio. O importante não seria a forma que o pai participa, mas sim a frequência dessa participação. (JORNAL FUTURA, 2014)

Como vemos, a atuação dos pais com a vida escolar é uma via de mão dupla, onde ambos os lados têm direitos e deveres tudo visando o melhor desempenho e a convivência social dos alunos, atuando sempre como facilitadores para formar seres humanos melhores.

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p. 6 apud SOUZA, 2009, p.8)

Quanto as responsabilidades na educação das crianças existem parâmetros a serem seguidos que são previstos na Constituição federal, a qual estabelece o dever dos pais no acompanhamento educacional de seus filhos não sendo isto, uma obrigação somente das escolas.

A legislação estabelece que a família deve desempenhar papel educacional e não incumbir apenas à escola a função de educar. O artigo 205 da Constituição Federal afirma: A educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Cada vez mais a família deve estar presente no âmbito escolar,

entretanto não somente na cobrança, mas uma participação efetiva, ou seja, dando motivação, valorização, conversas, numa parceria em que a última ferramenta deve ser a cobrança, neste processo todos os envolvidos têm a ganhar seja criança, escola ou família, neste processo só existem vencedores e quem mais ganha é a educação.

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou. (TEDESCO, 2002, p. 36 apud SOUZA, 2009, p.15).

A família e a escola em uma atuação conjunta, devem se atentar para preparar as crianças para a vida de um modo geral e não somente para as atividades educacionais, trata-se de uma atuação em união, unindo esforços para que a criança saia da escola pronta para sobreviver no mundo em que vivemos atualmente.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99 apud SOUZA, 2009, p.18)

Importante ressaltar ainda, que a família é considerada a primeira instituição social que uma criança conhece, é a família quem é responsável por diversas transmissões de valores, crenças, ideias e significados.

A família é também considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem-

estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem-estar da criança. A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. Ela tem, portanto, um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais. (KREPPNER,2000,p.16 apud DESSEN;POLONIA,2007,p.02).

Além do mais, a escola também conta com a presença dos pais para desenvolver um diálogo entre escola e pais, visando sempre a completa formação da criança, em uma parceria onde ambos atuam de maneira contundente, sendo realizada uma troca entre pais e escola para um complementar o outro no processo educacional do estudante.

Não só os pais contam com a escola, mas esta, igualmente, conta com eles. Por isso a instituição escolar precisa conversar com eles, dar orientações, promover palestras, saber o que está acontecendo com a criança em casa, como ela está vivendo ou reagindo a muitos e inevitáveis problemas existentes em qualquer família (doença, separação, mudança de emprego, modos de organização da casa, problemas financeiros, relacionamento entre o casal, nascimento de outros filhos). A escola também precisa compartilhar com os pais aspectos da conduta de seu filho na escola (relacionamento com colegas, aproveitamento escolar, atitudes, valores, respeito às normas, qualidade na realização das tarefas). Por isso, a interdependências, ou seja, o esforço comum e reciproco para promover o desenvolvimento da criança (MACEDO, 2005, p. 12 apud FEVORINI, 2009, p.39.).

O que ocorre na prática escolar, é uma transferência de responsabilidades, onde se procura diversos motivos, afim de justificar o fracasso dos pais e da escola, visando achar culpados ou situações em que possam ser fatos que prejudiquem o processo de aprendizagem, como por exemplo, desestrutura familiar, bairros violentos, falta de recursos e diversas formas de transferência de culpa para justificar um processo de ensino que não tenha dado certo.

É frequente ouvirmos depoimentos de professoras ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são “desestruturadas”, desinteressadas, carentes e, no caso, de comunidades de baixa renda, violentas. Tais condições constituem-se numa explicação “fácil” para o insucesso de algumas crianças. [...] Tal raciocínio preconceituoso só serve para atribuição de culpa a uma situação externa à escola e para um consequente afastamento do problema (SZYMANSKI, 2003, p. 68 apud FEVORINI, 2009, p. 36).

Assim, tanto pais culpam as escolas como também as escolas, muitas vezes por seus professores, buscam culpar os pais por um possível fracasso na educação da criança, ocorrendo dessa forma a transferência de culpabilidade, sendo que escola e pais não devem agir de tal maneira e devem sempre buscar agir em conjunto e encontrar os erros que ocorrem dos dois lados, para que possa haver a devida correção dos problemas encontrados.

Os professores esperam que haja continuidade de valores e atitudes entre a escola e o lar e quando isso não acontece tendem a culpar as famílias, acusando-as de falta de interesse na educação dos filhos e falta de cultura. [...] Notou-se um uso persistente e continuado, em todas as escolas, de formas de comunicação negativas, que deitam as culpas aos pais pelo fracasso dos filhos e que acentuam os problemas escolares (MARQUES, 2002, p. 3 apud FEVORINI, 2009, p.36).

Sendo assim, os pais juntamente com a escola devem usar de todas as ferramentas para que juntos possam alcançar o objetivo sem nenhum deixar de cumprir com suas obrigações para que seja efetivamente um processo de aprendizagem que atenda às necessidades para que o ser humano possa se formar em todos os aspectos.

CONSTITUICAO FEDERAL[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1998)

Sendo um direito da criança e um dever dos pais e do Estado através da escola agir com todos os esforços para a efetivação da educação.

ECA É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa bibliográfica realizada verifica-se que a demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos é parte fundamental em seu processo de aprendizagem e na sua vida social. Quando há participação da família na escola, esse processo se torna muito mais eficaz para a criança.

É importante ressaltar que a família e a escola precisam trabalhar juntas, cada uma fazendo sua parte, sem sobrecarregar ambas partes, tendo uma parceria entre família e escola. Importante apoiar, motivar, estimular e ter um diálogo com a criança. Ambos não só devem preparar a criança para a vida escolar, mas também para seu futuro após a escola.

Quando a criança se sente envolvida, ouvida, apoiada, prestigiada, se sente também mais estimulada a aprender e aproveitar todas as oportunidades que a escola promove.

Quando unidas e dispostas a oferecer o melhor aos alunos, família e escola podem promover mudanças significativas.

Dessa forma, a criança, a família e a escola ganham por tornarem o processo de aprendizagem não somente algo necessário ao indivíduo, mas também algo natural.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAL FUTURA. **A participação dos pais na vida escolar dos filhos - Jornal Futura - Canal Futura.** Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Eo1hLrwShR8>>. Acesso em: abril de 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: abril de 2019.

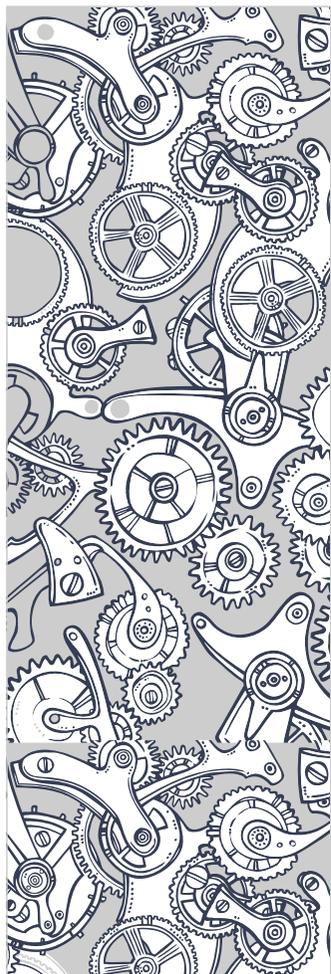
FEVORINI, Luciana Bittencourt. **O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório.** Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22022010-104135/publico/Fevorini_DO.pdf>. Acesso em: março de 2019.

REVISTA CLAUDIA. **Em campanha, pais são desafiados a fazer a mesma prova que os filhos.** Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/em-campanha-pais-sao-desafiados-a-fazer-a-mesma-prova-que-os-filhos/>>. Acesso em: março de 2019.

SOUZA, Maria Ester do Prado Souza. **Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>>. Acesso em: março de 2019.

SOUZA, Maria Ester do Prado Souza. **Relação Família/Escola e o Desempenho Escolar.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-6>>. Acesso em: março de 2019.





REFLEXÕES ACERCA DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO

REFLECTIONS ABOUT ATTENTION DEFICIT DISORDER

LUANA PRADO DE OLIVEIRA GODOI

RESUMO: O presente artigo pretende fazer uma análise acerca do Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), fazendo considerações sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Tem como objetivo expor uma visão geral sobre estes transtornos identificando as divergências entre os mesmos. Para tal, realizou-se um roteiro de pesquisa com a finalidade de relatar e esclarecer as semelhanças existentes entre eles.

PALAVRAS-CHAVE: TDA. TDAH. Transtornos. Déficit de atenção

ABSTRACT: The present article intends to make an analysis about Attention Deficit Disorder (ADD), by making considerations about Attention Deficit Disorder as well as Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). It aims to present an overview of these disorders, identifying the differences between them. For this purpose, a research itinerary has been required in order to report and clarify the existing dissimilarities between them.

KEYWORDS: ADD, ADHD, Disorders, Attention deficit.

1. INTRODUÇÃO

O TDAH, também conhecido como DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção) ou, em inglês, de ADD, ADHD ou de AD/HD, é um transtorno neurobiológico de causas genéticas, reconhecido oficialmente pela OMS (Organização Mundial da Saúde), através da CID-10 (Classificação Internacional de Doenças).

No site NOVARTIS encontramos que TDAH já é estudado a mais de dois séculos, recendo no decorrer deste período diferentes nomes, conforme o conhecimento sobre o transtorno se aprofundava; estando inclusive relacionado a problemas morais, deficiência e disfunção cerebral, entre outras características.

No Manual de Estatística e Diagnóstico de Transtornos Mentais 5 (DSM-5), o TDAH engloba uma lista com 18 sintomas, sendo nove deles relacionados à desatenção; 6 à hiperatividade; e 3 à impulsividade. O DSM-5 foi desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria e é adotado como ferramenta de diagnósticos de doenças neurológicas e neuropsiquiátricas em muitos países, inclusive no Brasil.

Para o diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, entretanto, não basta a manifestação pontual e isolada de um ou dois sintomas descritos no DSM-5. Em crianças, é necessário que haja a manifestação de no mínimo 6 sintomas de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade; e em adultos no mínimo 5, para que aí possa ser feito o diagnóstico do TDAH, após a avaliação de outros critérios. (NOVARTIS, TDAH. 2019)

O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e o TDA (Transtorno de Déficit de Atenção) são alterações no cérebro, na região frontal responsável pelo controle e inibição dos comportamentos inadequados, pela atenção concentrada, memória, autocontrole e planejamento.

Segundo a psicoterapeuta e diretora do IPDA (Instituto Paulista de Déficit de Atenção), Cacilda Amorim:

¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

O TDA / H corresponde a uma alteração na regulação voluntária do controle atencional. Importante saber que há dois mecanismos neurológicos de regulação da atenção. Um deles é diretamente ligado aos centros motivacionais, que são áreas mais primitivas do cérebro – em termos evolucionários. Quando há uma situação externa motivadora – ou alguma coisa que a pessoa gosta, que quer muito, estes centros são ativados. (AMORIM, Cacilda. 2019).

Portanto, a autora afirma que é fácil conseguirmos ter e/ou ficar focado naquilo que gostamos. Fato que não ocorre com as coisas que não são interessantes ou estimulantes para o indivíduo; neste caso os centros de recompensa do cérebro não são ativados. Esta é uma grande vantagem da evolução da espécie humana. O homem nasce com áreas cerebrais mais evoluídas que dos demais animais em geral, o que “permite controle voluntário sobre a atenção e motivação, independente do quanto o objeto do foco seja interessante, estimulante ou motivador.” (AMORIM, Cacilda. 2019)

2. DESENVOLVIMENTO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade.

O TDAH é reconhecido oficialmente por vários países e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em alguns países, portadores de TDAH são protegidos pela lei quanto a receberem tratamento diferenciado na escola. Ocorre em 3 a 5% das crianças, em várias regiões diferentes do mundo em que já foi pesquisado. Em mais da metade dos casos o transtorno acompanha o indivíduo na vida adulta, embora os sintomas de inquietude sejam mais brandos, fazendo com que as pessoas acreditem que o transtorno só exista com a

hiperatividade associada, o que não é verdade, pois de acordo com o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5ª edição (DSM-5), há três tipos:

Desatenção predominante

Hiperatividade/impulsividade predominante

Combinado

No caso do TDA não há a Hiperatividade/impulsividade; neste transtorno ocorre a desatenção e até mesmo o hiperfoco.

O Hiperfoco é um fenômeno interessante e pouco compreendido do TDAH. HIPERFOCO é um estado de concentração numa atividade ou situação, de forma muito intensa, que parece a princípio incompatível com quem tem um transtorno de atenção. Pois, como explicar que alguém não consegue se concentrar em alguns momentos e, noutro em seguida, está super focado? Contudo, não há nenhuma incompatibilidade. (AMORIM, Cacilda 2019)

O hiperfoco é uma característica marcante associada com o déficit de atenção, na realidade não se trata de uma déficit mas sim de um excesso de atenção, de estímulos, fazendo com que a pessoa preste atenção em todos os estímulos externos, no entanto não consegue focar exclusivamente em um.

As crianças e adultos com TDA/H geralmente tem dificuldades para prestar atenção em tarefas que a causam desinteresse. Sejam as crianças incapazes de focar em determinadas aulas, ou em adultos que não dão conta de fazer seus trabalhos escritos. Porém, existe um outro lado, que é a tendência de crianças e adultos com TDA/H de focalizar muito intensamente a atenção em atividades de seus interesse. Às vezes essa focalização é tão intensa que eles podem se tornar desligados do mundo que os cerca.

Para as crianças o objetivo do hiperfoco pode ser jogar um vídeo game ou ver TV. Para adultos, pode ser fazer compras, ou navegar na internet. Independente do atividade que prenda a atenção, o resultado acaba sendo o

mesmo, a não ser que alguém os interrompa, são horas perdidas enquanto atividades de maior relevância são negligenciadas.

Como a distração, o hiperfoco é tido como o resultado de níveis anormalmente baixos de dopamina, um neurotransmissor que é particularmente ativos nos lobos frontais do cérebro. A dopamina é como um mediador químico (C₈H₁₁NO₂) presente nas suprarrenais, indispensável para a atividade normal do cérebro. E essa deficiência de dopamina torna difícil a “troca de marchas” para enfrentar as tarefas chatas, porém necessárias.

“Crianças e adultos com TDAH têm dificuldade de mudar a atenção de uma coisa para outra, diz Russel Barkley, PH. D., um pesquisador e professor de psiquiatria na SUNY Upstate Medical University, em Siracusa, New York. Se eles estão fazendo algo de que gostem ou achem psicologicamente recompensador, eles tendem a persistir neste comportamento por mais tempo do que outros, que normalmente já teriam passado para outro assunto. O cérebro de pessoas com TDAH é ligado a atividades que dão recompensa imediata. Na visão de Larry Silver, M. D., um psiquiatra da Georgetown University Medical School em Washington D.C., tão intensa concentração é na verdade um mecanismo de compensação. É um modo de lidar com a distração, diz Silver. Alunos de faculdade com TDAH me contam que eles intencionalmente vão para um estado de intensa focalização para terminar suas tarefas. Crianças mais jovens fazem a mesma coisa de modo inconsciente quando estão fazendo algo prazeroso, como assistir um filme ou jogar no computador. Geralmente elas não estão conscientes de que estão focalizando tão intensamente.” (FLIPPIN, Royce 2011).

O TDA do tipo predominante desatenção tende a apresentar um diagnóstico mais difícil de ser concluído, por não incluir como característica comportamental principal a inquietude e impulsividade.

Desse modo, existe uma dificuldade relevante ao identificar o TDA em crianças e adolescentes no ambiente escolar, porque geralmente são alunos mais quietos, tranquilos, que não apresentam indisciplina, mas não conseguem focar em determinados assuntos e tendem ter problemas com a memória de

curto prazo, e conseqüentemente são taxados de preguiçosos, burros e desinteressados.

Isso Prejudica o aproveitamento escolar e é responsável por rótulos depreciativos que não correspondem ao potencial psicopedagógico dessas crianças.

A complexidade para identificar o TDA gera uma demora, e essa demora gera prejuízos significativos nos aspectos emocional e social do aluno, prejudicando mais ainda o processo de aprendizagem. Porque quando a criança ou adolescente é diagnosticada há uma grande probabilidade de ela já estar com a autoestima em decadência, e se achando incapaz, e atrapalhando consideravelmente o potencial do aluno.

As pessoas que convivem com o TDA precisam de atenção, tratamento e acolhimento. Isso porque esses indivíduos podem se sentir rejeitados e ter sua autoestima abalada devido aos sintomas causados pelo transtorno. Para se ter uma ideia, crianças que têm TDA podem ter dificuldade em conseguir brincar com outras crianças, podem tirar notas mais baixas e apresentar maior dificuldade para manter o foco. Da mesma forma, um adulto com TDA pode não ter um rendimento necessário para subir na carreira.

A falta de informação de familiares e educadores a respeito desse transtorno pode atrapalhar ainda mais a vida de quem o apresenta, por isso é necessário um olhar atento quando o aluno apresenta desatenção, afinal, nem sempre é falta de interesse ou preguiça.

Nesse momento é fundamental o preparo dos educadores estejam e apoio da família, que quando bem informados lidam melhor com esse tipo de situação, visto que o melhor tratamento para o transtorno é o apoio e suporte externo, das pessoas com quem a criança convive.

Para evitar esse tipo de equívoco, e evitar que os alunos sejam taxados negativamente, é preciso saber de fato quais os sintomas tanto do TDA

quanto do TDAH para saber diferenciá-los e identifica-los de forma rápida, válida e segura, poupando crianças e adolescentes de qualquer prejuízo sócioemocional.

2.1 CAUSAS

As pessoas com TDA/H apresentam alterações na região frontal e nas suas conexões com o restante do cérebro. A região frontal orbital é uma das mais desenvolvidas no ser humano em comparação com outras espécies animais e, é responsável pela inibição do comportamento inadequado, responsável também pela capacidade de prestar atenção, memória, autocontrole, organização e planejamento.

Os primeiros estudos por IRM (imagiologia por ressonância magnética) estrutural mostraram várias diferenças morfológicas significativas entre os cérebros dos sujeitos com TDAH e aqueles de sujeitos-referência, embora os resultados não tiverem sido sempre coerentes entre si. Uma meta-análise mostrou que as áreas do cérebro que apresentam as maiores reduções de área ou de volume nos sujeitos com TDAH, quando comparados com sujeitos-referência, incluem algumas regiões especificamente envolvidas no controle e na organização dos movimentos, bem como todo o volume de hemisfério cerebral direito. Contudo, a maioria dos estudos era baseada na abordagem de uma área de interesse específica e se concentrou em poucas estruturas cerebrais relativamente fáceis de medir. Uma meta-análise mais recente de estudos *morfométricos voxel a voxel* (sem viés no plano espacial) revelou que somente a perda de volume do putâmen direito era significativa em todos os estudos, embora essa conclusão permaneça provisória em vista do número limitado (sete) de estudos disponíveis. Mais recentemente, foram examinados aspectos antes despercebidos tais como a espessura, a curvatura, a profundidade das circunvoluções do cérebro, e a forma das estruturas cerebrais. Foram relatados um padrão atípico da superfície e uma diminuição de sua extensão, assim como anomalias na forma de certas estruturas pouco exploradas em estudos anteriores, como o *sistema límbico* e o *tálamo*. Finalmente, estudos recentes por *imagiologia de tensor de difusão*, técnica que possibilita uma exploração quantitativa da substância branca, mostram uma alteração da conectividade estrutural nas vias que ligam o *córtex pré-*

frontal direito aos *gânglios basais* assim como nas vias que ligam o *giro cingulado* ao *córtex entorrinal*. (CORTESE S, Castellanos 2010)

Já existem inúmeros estudos em todo o mundo – inclusive no Brasil – demonstrando que a prevalência do TDAH é semelhante em diferentes regiões, o que indica que o transtorno não é secundário a fatores culturais. As principais causas do TDA/H segundo apontam estudos e pesquisas são:

Hereditariedade: Observou-se a prevalência do Transtorno entre os parentes das crianças com TDAH. Os genes parecem ser responsáveis não pelo transtorno em si, mas por uma predisposição ao TDAH.

Porém, como em qualquer transtorno do comportamento, a maior ocorrência dentro da família pode ser devido a influências ambientais. Foi preciso, então, comprovar que a recorrência familiar era de fato devida a uma predisposição genética, e não somente ao ambiente. Outros tipos de estudos genéticos foram fundamentais para a certeza da participação de genes: os estudos com gêmeos e com adotados. Nos estudos com adotados comparam-se pais biológicos e pais adotivos de crianças afetadas, verificando se há diferença na presença do TDAH entre os dois grupos de pais. Eles mostraram que os pais biológicos têm 3 vezes mais TDAH que os pais adotivos.

Os estudos com gêmeos comparam gêmeos univitelinos e gêmeos fraternos (bivitelinos), quanto a diferentes aspectos do TDAH (presença ou não, tipo, gravidade etc...). Sabendo-se que os gêmeos univitelinos têm 100% de semelhança genética, ao contrário dos fraternos (50% de semelhança genética), se os univitelinos se parecem mais nos sintomas de TDAH do que os fraternos, a única explicação é a participação de componentes genéticos (os pais são iguais, o ambiente é o mesmo, a dieta, etc.). Quanto mais parecidos, ou seja, quanto mais concordam em relação àquelas características, maior é a influência genética para a doença. Realmente, os estudos de gêmeos com TDAH mostraram que os univitelinos são muito mais parecidos (também se diz “concordantes”) do que os fraternos, chegando a ter 70% de concordância, o que evidencia uma importante participação de genes na origem do TDAH.

(LEME, Luciana. 2011).

Substâncias ingeridas na gravidez: Pesquisas indicam que álcool e nicotina ingeridos durante a gravidez causam alterações na região frontal do cérebro do feto, deixando os mesmos mais suscetíveis a terem problemas de hiperatividade e desatenção.

Sufrimento fetal: Alguns estudos também associam o Transtorno com problemas de parto que acabam gerando sofrimento fetal. A relação dessa causa não é clara, mas considera-se a possibilidade de mães com TDAH estarem predispostas a problemas no parto.

Exposição a chumbo: Crianças pequenas que sofreram intoxicação por chumbo podem apresentar sintomas semelhantes aos do TDAH.

Problemas Familiares: Existem teorias que sugerem que problemas familiares podem ser a causa do TDAH nas crianças. Alguns estudos recentes se opõem a essa ideia. Acredita-se que problemas familiares podem ser consequências, não a causa do Transtorno, ou seja, pode agravar o quadro, mas não o causar.

Outras Causas:

Outros possíveis fatores já foram levantados, investigados e posteriormente desconsiderados como causa de TDAH, entre eles temos: corante amarelo, aspartame, luz artificial, deficiência hormonal e deficiências vitamínicas na dieta.

2.2 SINTOMAS

Geralmente os sintomas do TDA começa a se destacar aos 7 anos, no período de alfabetização. No entanto, pode ser difícil diferenciar entre o TDA e o comportamento normal de uma criança pequena.

A criança com déficit de atenção tende a se concentrar mais em atividades que a mesma tem mais interesse, e maior dificuldade de atenção

quando acham as atividades chatas. Geralmente são muito aéreas, têm dificuldade em memorização, e podem parecer desobedientes, porém não fazem isso propositalmente.

O DSM-IV permite o diagnóstico do tipo predominantemente desatento se o indivíduo apresentar seis ou mais dos seguintes sintomas de desatenção:

1. Frequentemente não dá a atenção devida a detalhes ou comete erros típicos de descuido na escola, no trabalho ou em outras atividades.
2. Frequentemente tem problemas em manter a atenção em tarefas ou atividades recreativas.
3. Frequentemente parece não dar ouvidos quando lhe dirigem a palavra.
4. Frequentemente não segue instruções e falha em concluir tarefas escolares, pequenas tarefas ou obrigações no trabalho (não devido a oposição ou não compreensão das instruções).
5. Frequentemente tem problemas organizando atividades.
6. Frequentemente evita, não gosta ou não quer fazer coisas que exigem tempo e esforço mental.
7. Frequentemente perde coisas necessárias para as tarefas e atividades (ferramentas, brinquedos, canetas, livros, etc).
8. Frequentemente se distrai.
9. Frequentemente esquece atividades do dia-a-dia.
10. Frequentemente esquece senhas, informações pessoais

2.3. TRATAMENTO

Para se iniciar qualquer tipo de tratamento, o primeiro passo é o diagnóstico fechado; pois quando se tem um bom diagnóstico se tem um bom tratamento. Isso acarretará um alívio considerável, á medida que o aluno se

sente amparado. “Finalmente tem um nome para toda essa confusão na minha vida”. Sim, é comum ouvir isso das pessoas com transtornos quando o descobrem; é assim que eles se sentem.

A medicação também é um ótimo tratamento. No entanto, existe um certo preconceito entorno da medicação por haver abusos na prescrição de medicamentos desnecessários por alguns profissionais e medicação incorreta. Mas quando o profissional avalia com precisão o indivíduo, além do acompanhamento periódico para identificar efeitos benéficos e daníficos ao paciente podemos ter bons resultados e progresso com o tratamento.

Quando utilizados de acordo com a prescrição médica e as recomendações de bula, os medicamentos são bastante seguros e têm potencial para reduzir a hiperatividade e impulsividade, além de melhorar a capacidade dos pacientes de concentração, trabalho e aprendizado. Ajuda a reduzir a sensação de turbilhão interior e a ansiedade. Pode proporcionar um alívio profundo e é bastante seguro quando usado de maneira apropriada. Por essa razão, é muito comum vermos pessoas que têm o transtorno dando relatos positivos sobre o quanto o uso de medicamento mudou a vida deles para melhor.

Um novo estilo de vida também é fundamental para cooperar com o dia-a-dia da criança ou adulto tanto com TDA quanto com TDAH. Uma das maiores dificuldades, principalmente do TDA, e um dos mais indispensáveis procedimentos a ser tomado, refere-se a organização. Através de ferramentas práticas que vão ajudá-los a se organizar, tais como listas, agendas, lembretes, planejamento, etc. Isso pode reduzir bastante o caos interior de alguém que tenha TDA, aumentando a produtividade e senso de controle.

Diferentes tipos de terapias também podem ajudar as pessoas com estes transtornos (TDA/TDAH) a viverem melhor conforme seu estágio de desenvolvimento. Juntos, família, profissionais da saúde e educadores podem encontrar a melhor alternativa para cada criança ou adulto. Alguns exemplos de terapias que podem ser desenvolvidas são: terapia comportamental, terapia

cognitiva, terapia psicoeducacional, abordagem psicopedagógicas, treinamento de habilidades sociais, entre outras.

3. DISCUSSÃO

Observou-se que as pesquisas e artigos a respeito do tema abordado ainda é bastante limitada. Encontra-se com mais facilidade conteúdos e pesquisas acerca do transtorno com a associação da hiperatividade. São poucas as fontes que relatam sobre o Transtorno de Déficit de Atenção com mais exclusividade, causando dificuldade em relatar, com maior objetividade o assunto.

Destaca-se com ampla relevância também, a ambiguidade quando se fala do Déficit de Atenção, não trata-se exclusivamente de um déficit, e sim de um excesso de atenção e estímulos dos quais se tornam complexo focar em algo que lhe foge o interesse, ou de algo que lhe exige muito foco. Além de podermos analisar com clareza que a associação rotineira e padronizada da Hiperatividade juntamente com o transtorno é uma desinformação que gera precipitação acerca do transtorno e das pessoas que convivem com ele.

Embora o TDA e o TDAH sejam os mesmos transtornos, é fundamental ter sempre em perspectiva o fato de que nem toda criança, adolescente ou adulto que apresenta sinais de agitação (hiperatividade), desatenção e/ou impulsividade tem TDAH. A maioria das crianças apresentam algumas dessas características em determinado momento da vida, o que de forma alguma caracteriza o TDA ou TDAH.

E que também nem toda criança com esse tipo de transtorno tem a hiperatividade associada.

Mas, fica claro que é desafiador a educação das crianças e adolescentes com TDA e com TDAH, sendo necessário o apoio consistente não só a eles, mas também à família e à escola. A carência de cuidados e condutas adequadas pode levá-los a prejuízos no rendimento escolar e nas relações

interpessoais.

4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Cacilda. *TDA – Sintomas do Déficit de Atenção sem Hiperatividade*. Disponível em <<https://dda-deficitdeatencao.com.br/artigos/tda-deficit-de-atencao-sem-hiperatividade.html>>. acesso em 21 de maio de 2019.

BELLI, Alexandra Amadio; MUSZKAT, Mauro; CRACASSO, Silvana P. Rede de apoio social na vida do indivíduo com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e seus cuidadores. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 32, n. 98, p. 200-204, 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 maio 2019.

BIA&NINO. TDA X TDAH. Disponível em ><https://www.youtube.com/watch?v=2Ps6Xc7BG5g>< Acesso em 07 abr 2019.

CORTESE S, Castellanos FX. *TDAH e Neurociência*. Em: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. Schachar R, ed. tema. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]. Publicado: Dezembro 2010 (Inglês). Consultado: 07/04/2019.

FLIPPIN, Royce. *Aprenda sobre TDAH*. Jul. 2011. Disponível em <<https://tdah-dourados.blogspot.com/2011/07/112-aprenda-sobre-o-tdah-foco-no.html>>. acesso em 21 de maio de 2019.

LE FIGARO, Nathalie Szapiro, MANOUKIAN. *Déficit de atenção. Uma questão de genética, e não de educação*. 2016. Disponível em <<https://www.brasil247.com/pt/saude247/saude247/264408/D%C3%A9ficit-de-aten%C3%A7%C3%A3o-Uma-quest%C3%A3o-de-gen%C3%A9tica-e-n%C3%A3o-de-educa%C3%A7%C3%A3o.htm>>. acessos em 16 de maio de 2019.

LEME, Luciana. *O que é TDAH?* Nov. 2011. Disponível em

<<https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>>. Acessos em 16 maio 2019.

NOVARTIS. TDAH Disponível em <<http://tdah.novartis.com.br/desatencao-e-hiperatividade-ao-longo-dos-seculos/#>>. Último acesso em 21 de maio de 2019.

SHIMIZU, V. T.; MIRANDA, M. C.. *Processamento sensorial na criança com TDAH: uma revisão da literatura*. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo , v. 29, n. 89, p. 256-268, 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 maio 2019.

TDA X TDAH. BIA&NINO. **Youtube**. 16 dez. 2014. 4min.50seg. Disponível em ><https://www.youtube.com/watch?v=2Ps6Xc7BG5g>< Acesso em 07 abr 2019.





AS CONTRIBUIÇÕES DE UMA BRINQUEDOTECA NO APRENDIZADO DAS CRIANÇAS

THE CONTRIBUTIONS OF A TOYS TO CHILDREN'S LEARNING

LAZARINI, Caroline Lauro

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo verificar a relevância dos jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem, e o papel da brinquedoteca nesse processo, para conscientizar as pessoas de qual a função da brinquedoteca e a importância do brincar no processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedoteca – aprendizagem – educação - ensino

ABSTRACT: This article aims to verify the relevance of games and play in the teaching and learning process, and the role of the playroom in this process, to make people aware of the role of the playroom and the importance of play in the teaching and learning process.

KEYWORDS: Toy library - learning - education - teaching

1. INTRODUÇÃO

Atualmente existem muitas discussões sobre o lúdico como forma de aprendizado escolar. Contudo a relação entre a brincadeira o jogo e o brinquedo na prática de ensino é muito importante,

pois, brincando as crianças também aprendem, às vezes até mais do que o modo tradicional, por que além de elas saírem da sala de aula elas se descontraem, e isso é algo prazeroso não sendo considerado um trabalho ou uma lição.

É aí que as brinquedotecas se tornam espaços de jogos, brinquedos e instrumentos para desenvolver a ludicidade da criança, podendo ser utilizada de forma livre ou com orientações de um profissional.

Deste modo, existe a necessidade de dar um novo significado a brinquedoteca, para que ela não seja utilizada apenas para passar o tempo e sim para a realização de atividades pedagógicas que contribuam para o aprendizado das crianças, valorizando o lúdico e o brincar como forma de aprendizado.

Para as crianças aprenderem elas precisam de tempo e espaço para as brincadeiras. As brinquedotecas surgem como possíveis espaços para essas brincadeiras, partindo desse princípio, o objetivo desse artigo é verificar a relevância dos jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem, e o papel da brinquedoteca nesse processo, para conscientizar as pessoas de qual a função da brinquedoteca e a importância do brincar no processo de ensino e aprendizagem.

2. AS CONTRIBUIÇÕES DE UMA BRINQUEDOTECA NO APRENDIZADO DAS CRIANÇAS

Foi utilizado o método de pesquisa descritiva, com a finalidade de analisar as contribuições de uma brinquedoteca no aprendizado das crianças, partindo de uma Revisão Bibliográfica.

Com o objetivo de levantarmos a importância da brinquedoteca, podemos começar discutindo a importância dos jogos que são um tipo de aprendizado, pois possuem regras e combinados que auxiliam na formação ética das crianças.

Muitos afirmam que o jogo tem como característica principal o prazer, mas Kishimoto (2009) apud Ortega (2016) afirma que quando brinca a criança

¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo imaginário. Sabemos o quão importante é a imaginação nessa fase, então devemos estimulá-los cada vez mais.

Não há maneira melhor de ensinar uma criança do que introduzi-las em um ambiente conhecido, desse modo prender a atenção e estimular a criança será mais fácil e dinâmico, segundo Macedo (2005) apud Ivo (2009), brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil.

O ato de brincar já está presente em suas rotinas, sendo uma de suas principais atividades diárias. Assim como Cunha (1992) apud Vieira (2010) indica que os brinquedos são convites para a interação, portanto devem merecer nossa atenção especial. Pois brincando podemos ver melhores resultados.

O brincar é o ponto fundamental para o desenvolvimento de uma aprendizagem que valorize o desejo de aprender e tendo a criança como um ser integral, como destaca Friedman (1997) apud Zorze (2012). Pode se perceber que o brincar é essencial para a aprendizagem.

Brincando a criança não se preocupa em aprender mas sim em se divertir, porém para ser efetivo o professor deve cuidar para que a brincadeira não se torne um trabalho, isso acontece quando o professor não dá a oportunidade de escolher para a criança, afirma Kishimoto (2011) apud Ortega (2016).

Para Vygotsky (1998) apud Mafra (2008) apud Zorze (2012) é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. Pois com um simples pedaço de madeira eles imaginam um universo inteiro, desenvolvendo sua imaginação, sua percepção de mundo e muito mais. Facilitando o desenvolvimento em sala.

Segundo Gusso e Schuartz (2005) apud Zorze (2012) o brincar promove a construção do conhecimento, pois o brinquedo apresenta uma função social, uma vez que permite o processo de expressão e comunicação da criança sobre si e o mundo que a rodeia.

Ainda segundo Kishimoto (2007) apud Ivo (2009), o brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos de realidade, já o jogo explicitamente ou implicitamente determina o desempenho de certas habilidades, para a autora a brincadeira é quando a criança realiza as regras do jogo se envolvendo completamente no lúdico, o brinquedo e a brincadeira se relacionam com a criança e não se confundem com o jogo.

Já Marfa (2008) apud Zorze (2012) afirma que o brincar estimula a curiosidade, a iniciativa, e a auto-confiança da criança, ou seja o brincar não é apenas um ato de distração ele é um ato essencial para o desenvolvimento infantil.

Sendo assim, conforme firma Friedman (1992) apud Vieira (2010) na brinquedoteca a criança tem chances de descobrir-se e descobrir também suas capacidades e habilidades específicas. Para o autor a brinquedoteca não é só um espaço para brincar, mas sim para desenvolver suas capacidades e habilidades.

Cunha (1992) apud Lima (2010) apud Zorze (2012) diz que a brinquedoteca é responsável por mediar a construção do saber, em situações de prazer, com gosto de aventura, na busca pelo conhecimento espontâneo e prazeroso, para o autor a construção do saber vem de situações prazerosas, e para as crianças as brincadeiras são prazerosas assim como os jogos juntamente das brinquedotecas.

Segundo Santos (1997) apud Klassmann (2013), a brinquedoteca é sempre um lugar prazeroso, onde os jogos, brinquedos e as brincadeiras fazem parte da magia do ambiente. É um dos lugares onde eles se sentem mais livres, para serem o que imaginarem.

Todas têm como objetivo comum o desenvolvimento das atividades lúdicas e a valorização do ato de brincar. Segundo Carniero (2006) apud Bida (2008), brinquedoteca não é apenas um lugar para brincar, mas também para desenvolver atividades, reforça dizendo que, a brinquedoteca prepara o espaço de “faz-de-conta” para seu ambiente seja impregnado de criatividade, de

manifestações de afeto e de apreciação pela infância, a tal ponto que a criança se sinta esperada e bem-vinda.

Erudina (2005) apud Lima (2010) reforça que o conceito se brinquedoteca como espaço destinado para otimização de brincar livre e espontâneo.

Para Noffs (2011) apud Pascoal (2015) brinquedoteca é o espaço onde a criança, utilizando o lúdico, constrói suas próprias aprendizagens, desenvolvendo-se em um ambiente acolhedor, natural e que funciona como fonte de estímulos, para o desenvolvimento de suas capacidades estéticas e criativas, favorecendo ainda mais sua curiosidade.

Cunha (1992) apud Vieira (2010) alega que a brinquedoteca é um ambiente planejado para incitar a criança a brincar, permitindo o acesso a uma diversidade de jogos e brinquedos, mas na visão de Maluf apud Santos (1997) apud Lima (2010), a brinquedoteca significa uma alteração de padrões perante a educação e não apenas um lugar onde se encontram alguns brinquedos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações expressas no decorrer do trabalho podemos concluir que a brinquedoteca contribui no aprendizado das crianças, pois existem nela jogos e brinquedos que auxiliam na prática de ensino.

Percebe-se que quando a brinquedoteca é utilizada de maneira correta e não apenas para ser mais uma sala de brinquedos onde se leva as crianças para passarem o tempo, ela oportuniza resultados positivos, associada ao ensino, pode aumentar e muito o aprendizado das crianças pois como citei no início brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JESUS, Anderson.; SOUSA, Tiago.; ORTEGA, Luciana. Jogos e Brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Disponível em

<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-cientificos/jogos-e-brincadeiras-no-processo-de-ensino-aprendizagem-na-educacao-infantil> . Acesso em Maio de 2019

IVO, Sofia. O brincar: Sua importância na vida da criança. Disponível em <http://www.sdpsicologia.com/artigos/o-brincar-sua-importancia-na-vida-da-crianca> . Acesso em Maio de 2019.

DELMÔNICO, Rosiane.; LIMA, Fernandes. Estudo sobre a importância da brinquedoteca no ambiente escola como espaço mediador de aprendizagens, sob o ponto de vista dos professores da Rede Municipal de Ensino do Cornélio Procópio. Disponível em <https://www.pedagogia.com.br/artigos/importanciadabrinquedoteca1/?pagina=4> . Acesso em Maio de 2019.

PASCOAL, Aline. Brinquedoteca e sua importância <https://pedagogiaseberi.wordpress.com/2014/11/11/brinquedoteca-e-sua-importancia-3/> . Acesso em Maio de 2019.



CONSUMISMO INFANTIL E AS CONSEQUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO

CHILD CONSUMISM AND THE CONSEQUENCES ON DEVELOPMENT

SILVA, Brenda Kauana da

RESUMO: Em uma sociedade identificada como “sociedade de consumidores” (BAUMAN, 2008), todas as pessoas, não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo são impactados pelas mídias de massa (Propagandas de TV, Youtube, Instagram e Face book) e estimulados a fazer parte das redes de consumo. Este artigo é voltado para o consumismo infantil e as consequências no desenvolvimento. Como base a teoria de Juliet Short e Susan Lins que abordam as questões contemporâneas do consumo e as problematizam e como referencial sobre o desenvolvimento intelectual e os processos de aprendizagem, as teorias de Jean William Fritz Piaget e Lev Semenovitch Vygotsky. Uma necessidade de apontar para caminhos que procurem minimizar e prevenir os prejuízos dessa comunicação mercadológica apelativa, direcionada ao consumo. Presente nas instituições de ensino, essas crianças com valores e critérios distorcidos necessitam de uma especial atenção. Os educadores precisam intervir positivamente com o apoio da família e o do estado, para restaurar e restabelecer a infância. Enfrentar os diversos problemas no desenvolvimento das crianças, na estrutura familiar e despertar a conscientização dos pais são alguns dos desafios enfrentados pelas

instituições de ensino e seu corpo docente, nesta busca por promover uma sociedade mais atuante, comprometida e combativa frente ao consumismo infantil.

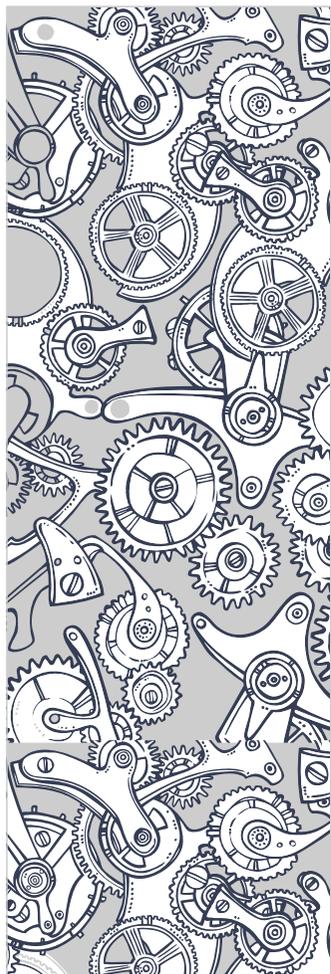
PALAVRAS-CHAVE: Infância - Consumismo - Comunicação Mercadológica - Sociedade

SUMMARY: In a society identified as a “consumer society” (BAUMAN, 2008), all people, regardless of gender, age, nationality, belief, or purchasing power, are impacted by mass media. (Youtube, Instagram and Face book) and encouraged to be part of consumer networks. This article focuses on child consumerism and developmental consequences. Based on the theory of Juliet Short and Susan Lins that address contemporary issues of consumption and problematize them, and as a framework for intellectual development and learning processes, the theories of Jean William Fritz Piaget and Lev Semenovitch Vygotsky. A need to point to ways that seek to minimize and prevent the harms of this appealing, consumer-driven marketing communication. Present in educational institutions, these children with distorted values and criteria need special attention. Educators need to intervene positively with family and state support to restore and restore childhood. Facing the various problems in children's development, family structure and raising parents' awareness are some of the challenges faced by educational institutions and their faculty in their quest to promote a more active, committed and combative society in relation to child consumerism.

KEYWORDS: Childhood - Consumerism - Marketing Communication - Society

1. INTRODUÇÃO

O consumismo infantil tem sido uma das preocupações em nossa sociedade, causando consequências no desenvolvimento destas crianças, a família tem o papel fundamental na educação e controle dos acessos às mídias e outros canais que influenciam nossas crianças. A escola vem reforçando e



¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

orientando sobre cuidados com consumismo e seus excessos. As causas e consequências que a mídia impõe sobre as crianças influência de forma negativa a construção do sujeito, com a intenção de formar grandes consumidores futuros.

A mídia tem um impacto maior nas crianças pela sua vulnerabilidade, uma vez que são incapazes de entender a diferença entre o meio e a mensagem, desta forma as mensagens são cada vez maiores para este público infantil, com a intensão de influenciar de forma fácil e rápida.

Portanto, partindo dessa premissa o objetivo da pesquisa é levantar dados acerca do consumismo infantil e seus impactos na sociedade, mediante levantamentos bibliográficos.

2. CONSUMISMO INFANTIL

O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou uma das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa (Propagandas de TV, Youtube, Instagram e Face book) e estimulados a consumir de modo inconsequente.

É um ato compulsivo, descontrolado de quem se deixa influenciar pelo marketing das empresas que comercializam produtos e serviços. É também uma característica do capitalismo e da sociedade moderna rotulada como “a sociedade de consumo. (Instituto ALANA, 2002)

Segunda a uma criança, pela peculiar fase de desenvolvimento psíquico, cognitivo e emocional em que se encontra, não pode ter uma relação consciente e consensual com as informações que recebe. Por ser criança, é vulnerável e desprovida de condições de tomar esse tipo de decisão, ficando assim mais suscetível que os adultos.

Infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras.

O consumismo infantil, embora seja uma questão quase sempre tratada como algo relacionado à esfera familiar acabou se tornando uma preocupação para os educadores que precisam lidar com crianças que desenvolveram critérios e valores distorcidos, o que representa de fato um problema de ordem ética, econômica e social. (Instituto ALANA, 2002)

2.1. AS CAUSAS DO CONSUMISMO INFANTIL

A visão do mercado de que, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação (consumidor de hoje e do amanhã) acaba transformando os pequenos em uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram (tratadas como 2 consumidores mirins) mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Hoje, sob a condição pós-moderna – que ele prefere chamar de modernidade líquida – vivemos em uma “sociedade de consumidores”. Onde o consumo se manifesta pela efemeridade dos produtos, diferentemente da “sociedade de produtores” na qual o valor dos produtos se expressava por sua durabilidade. Os conceitos da infância e do papel das crianças também sofreram reformulações diante da “sociedade dos consumidores”. (BAUMA, P.28, 2008).

Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal que não conhece

exceção.

Neste modelo de sociedade todos são potenciais consumidores, sem distinções o que acarreta a inserção precoce das crianças como agentes de consumo que precisam ser iniciados desde cedo a fim de assegurar a continuidade deste modelo de sociedade. Desta maneira, além de desempenharmos o papel de consumidores, assumimos o status de mercadoria. A mercantilização de nossa existência, de nós mesmos e de tudo que nos rodeia tem sido referida como modificação que significa grosseiramente transformar-se em commodity, tornar-se um bem de consumo

Essa imersão de nossos filhos na cultura comercial traz consequências que vão muito além do que eles compram ou não. O Marketing é formulado para influenciar mais do que preferências por comida ou escolhas de roupas. Ele procura afetar os valores essenciais como as escolhas de vida: como definimos a felicidade e como medimos nosso valor próprio. (LINN 2006, p.29 apud DEPORTE, 2010).

Entende-se através desta afirmação que o estímulo da criança para o consumo é de responsabilidade da mídia e da publicidade. As empresas e agências de publicidade vêm apostando neste mercado infantil, valendo-se da vulnerabilidade deste modelo de infância e atuando com a intenção fidelizar estes consumidores, transformando nossos pequenos em “crianças do consumo”.

A interferência da sociedade de consumo também no brincar das crianças, uma vez que a publicidade impõe o desejo de mais e mais brinquedos, sempre apresentando as novidades do setor. Brinquedos que em sua maioria, “brincam sozinhos”, passando a sensação de a realidade é tão perfeita que não é possível transformá-la (LINN, 2006).

Neste modelo de infância impostos a nossas crianças a televisão e os jogos eletrônicos, enquanto recursos lúdicos, não favorecem a autoria de pensamento. Não temos atividades que privilegiem ou estimulem a imaginação, uma vez que o espaço da brincadeira já está delimitado, ou seja, já vem pronto sem permitir que a criança tenha a possibilidade de criar, imaginar e

assumir a autoria da brincadeira. No entanto, quando uma menina brinca com a sua boneca ou um menino com seu carrinho, ambos imaginam e criam as falas e as cenas das estórias que estão vivenciando naquele momento. Porém quando jogam um videogame, essa estória já está pronta.

As recentes proliferações dos chips de computadores que fazem com que os brinquedos se movam ou façam barulhos fez com que as crianças se tornassem observadoras passivas em vez de participantes ativas das brincadeiras. (. . .) Entretanto, por desencorajarem brincadeiras imaginativas e ativas, os brinquedos que fazem somente uma coisa se tornam sem graça; as crianças usam-nos algumas vezes e logo estão prontas para outro brinquedo que faça outra coisa (LINN, 2006 p.91 apud PITOMBO,2011).

Short (2009), por sua vez, argumenta que esta aliança entre crianças, publicidade e consumo tem afetado diretamente o comportamento e as relações entre os integrantes da família. Fica nítida, a influência que as crianças exercem na hora de decidir o que os pais devem comprar. O autor argumenta, com base em seus estudos que a criança não somente tem voz ativa como determinam desde o modelo do carro, o que se come e o que se veste no ambiente familiar.

Ainda segundo Short (2009), este “mercado de influência” teria sua origem no poder de voz ativa e de consumo das crianças em seu círculo familiar, justificando a presença de campanhas publicitárias de produtos ou serviços destinados ao público adulto sendo vinculadas em canais de televisão voltados exclusivamente ao público infantil. A pesquisadora apresenta a seguinte ressalva “100% dos pais de crianças de 4 2 a 5 anos revelaram que seus filhos tiveram influência na compra de alimento e lanches rápidos”

2.2. FERRAMENTAS PARA PROMOVER O APELO AO CONSUMO

A publicidade na TV é a principal ferramenta para a persuasão do

público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente preparado para isso.

A comunicação mercadológica é uma atividade de comunicação comercial que se vale de anúncios impressos, comerciais televisivos, spots de rádio e banners na internet para a divulgação de produtos e serviços. O apelo para compra dos produtos pode estar presente nas embalagens, promoções, merchandising e na disposição dos produtos nos pontos de vendas.

As embalagens dos produtos contêm fotos, desenhos e textos que visam induzir o seu uso. A utilização de slogans e palavras que façam alusão ao universo infantil juntamente com a apresentação de personagens de filmes, desenhos ou simbologias infantis representam um apelo diferencial no momento da compra de produtos ou serviços.

Dentre as mais preocupantes temos as publicidades infantis que vemos inclusive nas escolas com as campanhas, ações comerciais e com os projetos das empresas, que levam estudantes por meio das escolas para conhecerem suas fábricas direcionando publicidade ao público infantil.

Durante as visitas proporcionadas por estes projetos as crianças permanecem em contato direto com a marca, seus produtos e logotipos. Esta experiência na fábrica explora o universo infantil para fazer com que as crianças vivenciem o conceito da marca e se tornem suas consumidoras e promotoras de vendas dentro do âmbito familiar

2.3. A PUBLICIDADE DIRIGIDA A CRIANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

O desenvolvimento de ações de marketing em ambiente escolar deve ser objeto de especial atenção. Crianças são extremamente vulneráveis a campanhas de marketing, particularmente quando estas são realizadas em seu ambiente escolar. Até completar 12 anos 5 de idade, nossos pequenos não têm

ainda plena compreensão das diferenças, eventualmente sutis mesmo aos adultos, entre publicidade comercial e intervenções com fins didáticos pedagógicos.

Em virtude disso, chamam à atenção as inserções de elementos associados a marcas, tais como cartazes e placas com logos, em ações promovidas pelas empresas dentro das escolas.

A escola representa o segundo espaço de socialização da criança depois da família. Este é um espaço privilegiado para a formação de valores e aspectos permanentes da personalidade em desenvolvimento, tais como a criação de desejos, sua individualização e na formação da linguagem e pensamento das crianças.

Qualquer intervenção alheia ao fim estritamente educativo, não adequado ao espaço pedagógico das instituições de ensino ou com fins comerciais, deve ser considerada com reservas.

A questão central está relacionada ao fato de que o anúncio de produtos e marcas em ambiente escolar pode sinalizar uma mensagem implícita aos alunos de que a escola e seus professores apoiam a empresa anunciante ou o consumo do produto ou serviço anunciado.

É um fato a ser considerado já que os pequenos, por não serem ainda capazes de entender diferenças entre o meio e a mensagem, passam a associar as marcas comerciais presentes no ambiente do ensino como parte do momento de aprendizagem.

A participação da comunidade escolar (pais, professores, diretores, entre outros) precisa ser efetiva e urgente na busca de soluções para a proteção dos direitos da criança frente aos abusos. É de responsabilidade da escola negar qualquer iniciativa das empresas de entrarem em seu espaço para promover suas marcas, produtos e serviços. Tais ações podem impedir os prejuízos ao desenvolvimento infantil.

Após a reforma do Código de Defesa do Consumidor no Senado o

Projeto de Lei avança no detalhamento da abusividade da publicidade infantil e segue para a Câmara de Deputados

A aprovação no Senado Federal de projetos que modernizam e atualizam o Código de Defesa do Consumidor veio acompanhada de uma nova regulação da publicidade infantil. O destaque desta reforma está no Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 283/2012 que trata da questão do superendividamento, bem como traz a regulação da publicidade infantil.

“Art. 1º A Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990 (Código de Defesa do Consumidor), passa a vigorar com as seguintes alterações: (...) Art.37.

§ 2º É abusiva, dentre outras: I - a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite à violência, explore o medo ou a superstição, se aproveite da deficiência de julgamento e experiência da criança, desrespeite valores ambientais, ou que seja capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa à sua saúde ou segurança; II - a publicidade que, dentre outras, contenha apelo imperativo de consumo à criança, que seja capaz de promover qualquer forma de discriminação ou sentimento de inferioridade entre o público de crianças e adolescentes ou que empregue crianças ou adolescentes na condição de porta voz direto da mensagem de consumo” (BRASIL. Código de Defesa do Consumidor. Brasília, DF: Senado Federal, 11 de março 2019.)

A Comissão de Constituição e Justiça de Cidadania (CCJC), cujo relator é o senador Ricardo Ferraço destacou em seu relatório a necessidade de uma atenção especial no que concerne à regulamentação da oferta e da publicidade infantil. Fato observado em sua análise das diversas PLs que tramitavam sobre o tema.

Neste novo texto o conceito de abusividade da publicidade direcionada ao público infantil está detalhado, incluindo a vedação ao apelo imperativo de consumo dirigido à criança e ao uso da criança e do adolescente como porta-voz, bem como a proibição de promover discriminação ou sentimento de inferioridade entre crianças e adolescentes.

A ideologia consumista rouba a infância, tira da criança uma parte fundamental do seu desenvolvimento. As crianças expostas a este consumo

desenfreado deixam de brincar, se comportam como se fossem adultos, e assim são imaturas e seu desenvolvimento é prejudicado.

Piaget e Vygotsky consideram a escola uma instituição fundamental para todo o desenvolvimento infantil, é o meio de interação e de avanço no desenvolvimento intelectual, afetivo e social da criança.

(...) concebem que tanto Vygotsky como Piaget descrevem a criança como um ser ativo e atento, habilitada para constantemente gerar novas hipóteses sobre o seu entorno. Essas duas teorias exercem uma grande influência na área da educação em todo o mundo, não são teorias pedagógicas (FORTINI,2011).

A competição e a desigualdade social são temas constantes no contexto escolar, onde as crianças que não se encaixam no padrão imposto pela sociedade são excluídas. A criança exposta a este modelo consumista, inconscientemente, acredita que necessita de um objeto para se inserir num determinado grupo. Paradoxalmente, este mesmo objeto é também utilizado como diferenciador entre as pessoas, causando assim exclusão daqueles que não possuem determinado objeto e competição entre os iguais.

Ambos entenderam o conhecimento como adaptação e como construção individual e compreenderam a aprendizagem e o desenvolvimento como autorregulados. Discordaram quanto ao processo de construção desse conhecimento, ambos viram o desenvolvimento e a aprendizagem da criança como participativa, não ocorrendo de maneira automática (SAYEGH,2006).

Juliet Schor (2009), em seu livro Nascidos para comprar, ressalta que a partir da segunda metade do século XX, nas décadas de 1980 e 1990, surgiu a aliança entre crianças e consumo. As campanhas publicitárias têm como objetivo fazer das crianças consumidoras. Para Schor (2009, p. 2) assim se manifesta:

Os arquitetos dessa cultura – as empresas de propaganda, o mercado e os publicitários de produtos de consumo – têm se voltado para as crianças. Embora elas tenham uma longa participação no do mercado consumidor, até recentemente eram consideradas pequenos agentes ou compradores de 3 produtos baratos. Elas atraíam uma pequena parcela dos

talentos e recursos da indústria e eram abordadas principalmente por intermédio de suas mães. Isso se alterou. Hoje em dia, crianças e adolescentes são o epicentro da cultura de consumo norte-americana. Demandam atenção, criatividade e dólares dos anunciantes.

De acordo com esta autora “a nova regra é que crianças e marqueteiros unam as forças para convencer os pais a gastarem dinheiro” (SCHOR, 2009, p.10). Diante do sucesso deste modelo, o marketing deixou de ser direcionado exclusivamente às mães e passou a enxergar nas crianças um consumidor potencial. Nascendo o marketing infantil.

No cenário brasileiro uma completa inversão de papéis, onde a realidade adulta torna-se também realidade infantil, e assim segue roubando a infância ou tornando-a mais complexa e dificultando seu desenvolvimento, como por exemplo, estimulando a obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, estimulando a competição e a desigualdade social. De acordo com a perspectiva sócio histórica de Vygotsky, o homem é produto da interação social. É preciso, portanto, que os educadores atuem essencialmente no sentido de proteger a infância. Gerando um ambiente protetor onde todas as pessoas envolvidas no processo educacional estejam conscientes da importância de cuidar adequadamente da criança.

Promovendo espaços para a diversão sadia, convivência com os amigos e com leis que reprimam aqueles que pretendem explorar as crianças, a fim de garantir-lhes o que necessitam em cada etapa de seu desenvolvimento. Somente com uma intervenção positiva dos educadores poderemos alcançar, o quanto antes, o objetivo de conduzir nossas crianças para a construção de um projeto de vida socialmente importante na perspectiva da cidadania e de uma reestruturação no cenário social brasileiro.

2.4. AÇÕES DE COMBATE A PUBLICIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O Instituto ALANA representa uma das principais frentes de luta contra a maçante publicidade voltada ao público infanto-juvenil. Entre várias de suas ações na defesa de nossos pequenos, o instituto disponibiliza modelos e petições para realizar as denúncias de abusos que podem ser encontradas na página do projeto Prioridade Absoluta. O Prioridade Absoluta tem o apoio da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), atuando como agente no intuito de facilitar o trabalho dos operadores do direito favor das crianças.

Com o lançamento deste projeto em novembro de 2013 o Instituto Alana conseguiu dar visibilidade ao artigo 227 da Constituição Federal que coloca as crianças em primeiro lugar nos planos e preocupações da nação.

De acordo com (KAMINSKI ,2010) . “Resultado deste esforço nacional, duas emendas de iniciativa popular – Criança e Constituinte e Criança: Prioridade Nacional – chegaram à Assembleia Nacional Constituinte, dando origem ao artigo 227, caput, da Constituição Federal”, assim definido:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. A Comissão Nacional Criança e Constituinte foi criada pela Portaria Interministerial nº 449, de setembro de 1986, constituindo-se numa articulação entre os Ministérios da Educação, Justiça, Previdência e Assistência Social, Saúde, Trabalho e Planejamento. 4 e que se constitui no substrato da Doutrina de Proteção Integral, também acolhida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (arts. 4º, caput e 5º).” (BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.)

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, assim como a Convenção Internacional dos Direitos da Criança, são diplomas internacionais

oriundos da Organização das Nações Unidas (ONU) e elaborados tendo como base a doutrina da proteção integral. Esta doutrina reconhece a situação de vulnerabilidade social experimentada pelas crianças e pelos adolescentes e, por isso mesmo, propõe a existência na legislação de regras destinadas à proteção especial dos mesmos.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 foi inovadora ao adotar a Doutrina da Proteção Integral na questão da infância e adolescência no Brasil. A referida doutrina teve seu crescimento primeiramente em âmbito internacional, em convenções e documentos na área da criança, dentre os quais se destaca a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança de 1989, aprovada por unanimidade pela Assembleia Geral das Nações Unidas. (LIBERO,2003)

Conclui-se que no Brasil quando o assunto é garantir o direito das crianças, em teoria, não faltam documentos: a Declaração Universal dos Direitos das Crianças

(1959), a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças (1990) e o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ficando a cargo de uma jurisprudência mais atuante que se faça aplicar o conteúdo de tais documentos.

O Projeto Criança e Consumo também do instituto Alana foi um dos escolhidos para se apresentar como uma das histórias de sucesso, durante o 20º Congresso Mundial da Consumismo Internacional. O evento é considerado o maior encontro internacional sobre direito do consumidor.

O Projeto criado em 2006 é multidisciplinar atuando em diferentes frentes quer recebendo denúncias ou atuando por meio de ações jurídicas, pesquisa, educação, influenciando a formulação de políticas públicas e o amplo debate na sociedade civil. No dia 4 de abril de 2014 foi publicada no Diário Oficial da União a resolução nº 163 do CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, em que considera abusiva qualquer comunicação mercadológica destinada à criança e ao adolescente (art. 1º). Como podemos verificar:

Art. 1º Esta Resolução dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente, em conformidade com a política nacional de atendimento da criança e do adolescente prevista nos arts. 86 e 87, incisos I, III, V, da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO (DOU), p. 4. Seção 1).

A Lei 8.078 de 1990, em seu artigo nº 37, no segundo parágrafo diz que toda e qualquer propaganda direcionada à criança e ao adolescente, com intenção de persuadi-los para o consumo de qualquer produto ou serviço. O CONANDA foi criado através da lei 8.248 de 1991, com competência, dentre outras, para elaborar as normas gerais da política nacional de atendimento dos direitos da criança e do adolescente, fiscalizando as ações de execução, observadas as linhas de ação e as diretrizes 9 estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera abusivo o direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança, pessoa de até 12 anos de idade, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Com a Resolução, fica proibido o direcionamento à criança de anúncios impressos, comerciais televisivos, spots de rádio, banners e sites, embalagens, promoções, merchandising, ações em shows e apresentações e nos pontos de venda. O texto versa também sobre a abusividade de qualquer publicidade e comunicação mercadológica no interior de creches e escolas de educação infantil e fundamental, inclusive nos uniformes escolares e materiais didáticos.

Todos os integrantes da comunidade escolar (pais, professores, diretores, entre outros) devem formalizar suas reclamações diretamente às empresas anunciantes, seja nas redes sociais ou nos canais de comunicação com o consumidor que elas obrigatoriamente devem disponibilizar. Além disso, também cabem denúncias aos órgãos competentes do Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente e do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor, como o Ministério da Justiça, os PROCON, o Ministério Público e

a Defensoria Pública.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Garantir o futuro das crianças está diretamente relacionado a mudança de comportamento desta atual geração, que necessita ser educada para o consumo que priorize o desenvolvimento sustentável. Cabe a todos instigar as crianças a descobrir o impacto de suas ações e refletir sobre seu papel na sociedade de maneira natural.

Concentrar os esforços da educação no sentido de direcionar as crianças para a cidadania, revertendo o cenário atual que doutrina, aliena e privilegia o consumo desenfreado.

No ambiente escolar já existem iniciativas com atividades pedagógicas voltadas para reforçar a relação entre o consumo e desenvolvimento infantil, tratando do impacto de escolhas que o atual modelo de consumista ocasionou. Neste sentido deve-se desenvolver programas, atividades, ações do cotidiano que atendam as crianças e adolescentes nas demandas próprias do seu desenvolvimento antes de serem apresentadas ao mundo do consumo, estimular as crianças a brincarem com os sonhos, as fantasias e as alegorias da infância com os quais constroem o aparato que enriquece seu pensar. Os agentes educadores precisaram estabelecer um ambiente onde as crianças tenham a liberdade de inventar, pensar e possam voltar novamente a sonhar. O sonho acorda as vontades e as vontades acordam a inteligência. É de crucial importância neste momento seguir rumo a novos horizontes, porém não escolher um caminho qualquer, mais um que aumente as possibilidades de aprendizagem.

É de suma importância a formulação de políticas públicas e a execução de ações específicas direcionadas à materialização dos direitos infante-juvenis, necessário um comprometimento efetivo com a criança e seu desenvolvimento, para que se estabeleça a ordem recomendada pela Doutrina da Proteção

Integral, com vistas à promoção da sua dignidade humana e o pleno exercício da cidadania.

O momento exige uma intervenção positiva da família, da sociedade e do Estado no sentido de se alcançar, o quanto antes, aquilo que é indicado como objetivo fundamental da República Federativa do Brasil: a construção de uma sociedade que será, a partir das crianças, livre, justa e solidária

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALANA, Instituto. (2002) **Consumismo infantil, um problema de todos.**

Disponível em:

<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/ConsumismoInfantil.aspx>. Data de acesso:

23 de fevereiro de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo.** A transformação das pessoas em mercadorias. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

GUEIROS, Julia. (2011) **Consumismo Infantil** Disponível em:

<https://psicologad>

[o.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/consumismo-infantil](https://psicologia-geral/desenvolvimento-humano/consumismo-infantil). Data de acesso:

25 de fevereiro de 2019

KAMINSKI, André. **Conselho Tutelar no Estatuto da Criança e do Adolescente.** Porto Alegre: Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível

em <http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/ctnoeca.pdf>, acesso em 28 de novembro de 2019.

LIBERATI, Wilson Donizete. **Adolescente e ato infracional. Medida socioeducativa é pena?** -São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2003.

LINN, Susan. **Crianças do consumo: a infância roubada.** Tradução Cristina

Tognelli. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

MARTELLI, Lindolfo A. **Manual para elaboração de artigo.** [Online]. Valinhos, 2014 p. 01-10. Disponível em: . Acesso em: 13 março de 2019.

MACHADO, Martha de Toledo. **A proteção constitucional de crianças e adolescentes e os direitos humanos.** São Paulo: Manole, 2003.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social.** São Paulo: Plexus, 1994.

RENNER, Estela. (2008) **Criança, a alma do negócio.** Disponível em: <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Biblioteca.aspx?v=8&pid=40>.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para compra:** Uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo. Trad. Eloisa Helena de Souza Cabral – São Paulo: Editora Gente, 2009.



¹Artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo Integrador do curso de Graduação em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Botucatu – Botucatu/SP.

²Aluna do 5º semestre do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Botucatu no ano letivo de 2019.

SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO SUSTAINABILITY IN EDUCATION

OLIVEIRA, Daiana
Martins de

RESUMO: O presente artigo procura mostrar uma visão de mundo para as causas e os danos profundos que estão afetando o meio ambiente. Com o mundo cada vez mais urbanizado, os avanços da tecnologia, o consumismo excessivo, as pessoas acabam fechando os olhos para o que realmente de fato esta acontecendo com toda essa mudança- tensões nos limites planetários. Ensinar e praticar sustentabilidade nas escolas, é de extrema importância, pois são os alunos de hoje que irão ser os responsáveis pelas ações econômicas, políticas e administrativas do futuro. São as relações que as crianças possuem com o mundo ao seu redor, o conhecimento, o contato direto com a natureza, que irá fazer com que essa geração seja formada por cidadãos conscientes em busca de um futuro ecológico mais sustentável. Agora é preciso pensar em termos globais e buscar agir de forma rápida e consciente, em busca de um futuro ecológico mais sustentável.

PALAVRAS- CHAVE: Sustentabilidade na Educação, Criança e Ambiente.

ABSTRACT: The present article seeks to show a worldview to the causes and the profound damages that are affecting the environment. With the world increasingly urbanized, advances in technology, excessive consumerism, people end

up turning a blind eye to what is really happening with all this change - tensions on planetary boundaries. Teaching and practicing sustainability in schools is extremely important because it is the students of today who will be responsible for the economic, political and administrative actions of the future. They are the relationships that children have with the world around them, knowledge, direct contact with nature, that will make this generation to be formed by conscious citizens in search of a more sustainable ecological future. Now it is necessary to think in global terms and seek to act in a fast and conscious way, in search of a more sustainable ecological future.

KEYWORDS: Sustainability in Education, Children and Environment.

INTRODUÇÃO

O tema Sustentabilidade vem sendo debatido atualmente, por conta da preocupação das condições ambientais. Falar sobre sustentabilidade é olhar para a degradação das condições ambientais do planeta, e o quanto isso pode nos afetar e também as novas gerações.

O objetivo da pesquisa é buscar informações, para primeiramente compreender as causas e os impactos que a falta de sustentabilidade traz para a sociedade e o meio onde vivemos, e também saber como o tema é trabalhado nas escolas, ou seja, métodos e práticas usadas pelos professores e alunos, de forma que auxilie na busca do caminho certo para um futuro ecológico mais sustentável.

Atualmente, os problemas estão afetando o meio ambiente, sendo assim é importante ensinar e praticar a sustentabilidade nas escolas, pois é essa geração que será responsável pelas ações futuras da nossa sociedade.

É notório que uma das principais formas de ensinar a sustentabilidade é estimular o consumo consciente, ou seja, fazer entender que existem formas diferentes e sustentáveis, de se consumir algo, pensando no próximo, uma forma de desenvolvimento sustentável.

Portanto, o tema se apresenta relevante no contexto atual, e a conscientização deve ser evidente logo nos primeiros anos de vida, tanto na

escola quanto no âmbito social.

2. SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO

O presente trabalho utilizou o método de pesquisa explicativa de trabalhos já existentes e informações, a fim de abordar as principais causas, situações e métodos a serem trabalhados do tema, para que o leitor entenda de forma clara o conteúdo apresentado.

As evidências nos levam explicar que atualmente a sustentabilidade deve ser levada o mais sério possível. Baseado nos estudos de campo, e coletas de informações, A BRACELPA afirma que anualmente mais de 400 mil toneladas de papel são produzidos no mundo, e 10,260 mil toneladas são produzidas no Brasil (BRACELPA- Associação Brasileira de Celulose e papel Ibá).

Estes são apenas alguns números para mostrar a grande quantidade de desperdício de algo que pode ser digital, já que estamos no ápice da tecnologia, o que pouparia consideravelmente algo feito de forma exagerada.

O termo “desenvolvimento sustentável” foi usado pela primeira vez em 1987, por Gro Harlem Brundtland, ex-primeira-ministra da Noruega e que atuou como presidente de uma comissão da Organização das Nações Unidas. Ela publicou um livro (*Our Common Future*) onde escreveu em partes: "Desenvolvimento sustentável significa suprir as necessidades do presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades" (FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "O que é sustentabilidade?"; *Brasil Escola*).

O estudo da sustentabilidade nas escolas é definido como um processo que envolve práticas e ensinamentos, dentro do ambiente escolar, voltados para o desenvolvimento sustentável do planeta, sendo elas: reciclar matérias, reutilizar, plantar árvores e principalmente evitar o consumo excessivo, pois um dos valores da sociedade contemporânea é o consumismo. Levando em conta também que a sociedade pode estar consumindo mais do que

a terra é capaz de repor.

É importante os alunos reavaliarem informações sobre a degradação ambiental, assim eles vão percebendo que é possível haver outros problemas. Assim acabam se tornando alunos críticos tendo uma visão mais ampla e mais segura sobre a realidade que vivemos.

Alguns temas e discussões estão vinculados a sustentabilidade, são eles: educação ambiental, a importância do contato com a natureza, consumismo e bem-estar.

A educação ambiental tem como finalidade formar indivíduos que se preocupam e conhecem os problemas ambientais, e que busquem ideias e respostas para conservação e preservação dos recursos naturais e a sustentabilidade, abordando os aspectos econômicos, sociais, políticos, ecológicos e éticos.

“Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial a sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.” (Política Nacional de Educação Ambiental – lei n 9795/1999, Art 1. Brasília, 27 de abril de 1999).

Educação ambiental também procura conscientizar adultos e crianças a utilizar de forma adequada os recursos naturais, sobretudo aos educadores que tem grande responsabilidade na formação de seus alunos. E a melhor forma de se trabalhar educação ambiental nas escolas é primeiramente colocar as crianças em contato com a natureza.

O principal eixo de atuação da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas. Isto se consubstancia no objetivo de criar novas atitudes e comportamentos diante do consumo na nossa sociedade e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos (Jacobi, 1997, p.197).

Através do eixo educação ambiental, as instituições entram com um papel fundamental, com ações dinâmicas e capacidades de compreender os processos da vida de um ser humano e o ambiente em que vive.

Como podemos ter uma educação não-ambiental se desde o dia do nosso nascimento até o dia de nossa morte vivemos em um ambiente? [...] A única maneira de se entender o conceito de natureza na teoria educacional é por meio de sua ausência. [...] Tudo se passa como se fôssemos educados e educássemos fora de um ambiente (GRÜN, 2003, p. 2-3, apud TIRIBA, 2010, p.2).

Educação ambiental é o processo que liga ser humano e o ambiente, ou seja, a uma grande necessidade de se compreender, respeitar e ter conhecimento de como a natureza “funciona”, e toda sua biodiversidade.

A educação ambiental engloba também o saber sobre a importância do contato com a natureza. Quando a criança entra em contato com a natureza, ela já começa a desenvolver sentidos, habilidades, sistema imunológico, criatividade entre vários outros aspectos.

Diante ao grande espaço que a natureza possui, as crianças se sentem livres para correr, brincar, imaginar, e principalmente descobrir coisas novas que só a natureza pode oferecer, como por exemplo: animais, sons, cores, cheiros e etc.

As crianças declaram sua paixão pelos espaços ao ar livre, porque são modos de expressão desta mesma natureza, pois a cooperação, a tendência a se associar, a estabelecer elos são características essenciais dos organismos vivos: todas as formas de vida sobre a Terra evoluíram juntas por bilhões de anos, num movimento de coevolução que é a dança da vida em andamento (ESPINOSA, 1983 apud, BOFF, 1999 p. 6).

Outro aspecto relevante do contato com a natureza é que os pais podem ensinar como cuidar do meio ambiente, para que seus filhos desde pequenos possam saber a importância de se preservar o meio onde vivem, assim criando hábitos de um ser humano consciente. Isso pode ser desenvolvido através de atividades simples em família, como por exemplo: brincar e cuidar dos animais de estimação, reciclar o lixo de casa e explicar a importância disso e

até mesmo optar por transportes alternativos.

Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar porque lá as crianças colhem suas primeiras sensações, impressões, sentimentos do viver. Sendo assim, a dimensão ambiental não poderia estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural, ambas deveriam estar absolutamente acopladas (TIRIBA, 2010 p.2).

O contato da criança com a natureza também pode ser trabalhado em ambiente escolar. Como por exemplo: levá-los ao parquinho de areia, passeios ao ar livre, explorar a área externa da escola, criar brincadeiras de interação entre outras...

A Natureza “é o princípio ativo que anima e movimenta os seres. [...] força espontânea capaz de gerar e de cuidar de todos os seres por ela criados e movidos”. Marilena Chauí (2001: 209). Ter aula apenas em sala de aula acaba se tornando algo muito monótono para uma criança, e também acaba prejudicando no próprio desenvolvimento das mesmas.

De fato o contato das crianças com a natureza traz muitos benéficos, tanto para eles quanto para a própria natureza. Quanto mais uma criança aprende em contato com a natureza, mais ela se tornara um adulto consciente e responsável.

Sustentabilidade também tem enfoque no consumismo e seu vínculo com o bem-estar, sendo que um dos valores da sociedade contemporânea é o consumismo, e isso está se agravando ao passar do tempo, trazendo problemas tanto para quem consome demais, quanto para o meio onde vivemos.

O principal alvo desse consumismo excessivo são as crianças. São os mesmos que sempre estão em contato com o consumismo, e quem mais contribui para isso é a mídia. “A cidade se oferece em forma de vitrine e ser cidadão é habitar esse mundo com o desprendimento de quem vai às compras” (PEREIRA, 2003 p. 85). A criança precisa brincar, explorar, conhecer, ter afeto, e o consumismo acaba tomando isso da vida de uma criança.

O consumo nem sempre é necessário para as pessoas, mas acaba se tornando um vício, fazendo com que se sintam bem em poder possuir um determinado produto e isso faz com que o consumo seja resultante de bem-estar, e também status, ou seja, na maioria das vezes não se dá importância para o consumo em si, mas sim, para o que a sociedade vai pensar sobre, a importância não é o “ter” e sim mostrar o que se tem.

O consumo, então, funciona como compensação para as insatisfações e frustrações geradas pela insuficiência de proximidade afetiva, por um estilo de vida que valoriza o ter, em detrimento do ser (BOFF, 1999).

Isso faz com que a sociedade desvie o olhar do problema que isso vem causando no meio ambiente. E as consequências são irreversíveis, diante desse fato, isso prova o que o mundo está vivenciando hoje, como: problemas climáticos, perda da biodiversidade e poluição.

O movimento de dizer não à destruição da vida na Terra implica práticas pedagógicas que assumam a educação como prática da liberdade, apostem nas interações afetivas e criativas e, ao mesmo tempo, tenham intencionalidade política, transformadora: são estes os caminhos que nos levarão a dizer não ao consumismo e ao desperdício de recursos naturais, renováveis e não renováveis (FREIRE, 1976, apud, TIRIBA 2010 p.10).

Talvez a principal dificuldade encontrada seja a forma de abranger o maior número possível de crianças e adultos para passar as devidas recomendações e deveres para manter um ambiente sustentável, entretanto, passando de um em um, teremos grandes chances de expandir o tema, até que sustentabilidade seja o foco de todos os seres humanos, e chegue a conclusão de que vivemos em um mundo na onde é crucial retirar do meio e ao mesmo tempo devolver, garantindo assim que a espécie humana e a vida útil na terra se prolongue por muito tempo.

2.1. PROJETOS DE SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO.

Desenvolver projetos que incentivam o conhecimento ambiental e atividades conscientes, autossustentáveis e saudáveis, sempre integrando os hábitos diários com atitudes ambientalmente conscientes é de extrema importância.

E as principais ações incluem: Formar professores e membros das comunidades sobre a importância da preservação do meio ambiente, hortas e sustentabilidade, e alternativas locais para práticas ambientais. Criar alternativas de envolvimento da comunidade para conscientização sobre o desenvolvimento sustentável. E Promover práticas de sustentabilidade em escolas, com foco em atividades lúdicas para alunos e adoção de hábitos saudáveis e sustentáveis.

A sustentabilidade pode ser aplicada em várias ações no dia a dia do ser humano, e alguns projetos já realizados trazem grandes vantagens para um futuro ecológico mais sustentável.

Pensando sobre o uso de materiais nas escolas, podemos notar que a maioria das instituições, os alunos possuem uma caneca ou garrafinha para tomarem água, assim a instituição deixa de ter copos descartáveis, sendo que o plástico é um dos maiores inimigos da natureza, causando danos às espécies e à vida humana.

Outro trabalho que é visto regularmente é a horta comunitária, onde os próprios alunos plantam alimentos e colhem para levarem diretamente ao refeitório da escola e na maioria das vezes os pais também são convidados para fazerem parte deste projeto.

O Projeto de Lei PL 11240/18 torna obrigatória a instalação de lixeiras para coleta seletiva nas escolas públicas e privadas do Brasil, tendo como objetivo separar vários tipos de resíduos (papel, plástico, metal e vidro), para que sigam seu caminho para reciclagem ou destinação final

ambientalmente correta.

As lojas de Sebos (livrarias) estimulam o consumo consciente através de livros usados, isso faz com que as crianças entendam que existem formas inteligentes de se consumir, e que não agrida o meio ambiente em que vivemos, já é um grande avanço, além desse projeto reforçar bastante a importância da leitura para a formação dos alunos.

Quando se trata de meio ambiente é de extrema importância falar e conhecer sobre materiais recicláveis e sua utilização, pois incentiva os próprios estudantes a construir objetos que podem além de soltar a imaginação e criatividade, pode contribuir para sustentabilidade do planeta, bem estar dos seres vivos e dos humanos.

A aprendizagem e consumo consciente, desenvolvida pelo Instituto Akatu, a Edukatu é uma plataforma de aprendizagem direcionada para alunos e professores do Ensino Fundamental que incentiva a troca de conhecimentos sobre o consumo consciente. Através de circuitos de aprendizagem, o aluno é desafiado a solucionar problemas relativos ao tema, discuti-los com outros internautas da plataforma, além de promover ações práticas na própria escola e nas comunidades do entorno que são impactadas pelo projeto.

A empresa Papel Semente criou um negócio sustentável, com foco na preservação da natureza e no fortalecimento social, que promete combater esse problema. Isso se trata da produção de um papel artesanal e ecológico que recebe sementes de diversas flores em seu processo de fabricação. Assim, depois de usado, o papel pode ser plantado. Entre as sementes disponíveis estão: agrião, manjeriço, rúcula, salsa e até o angico-vermelho, árvore típica da Mata Atlântica (Redação HypeNews).

Além desses projetos, podem existir vários outros no sistema escolar, mas é preciso buscar a fundo e vivenciá-los, para saber se a sustentabilidade não chega a ser apenas um objeto de estudo, e se todos os alunos são incluídos nessas práticas.

O desenvolvimento é feito ao longo prazo, o foco de primeira instância é de forma teórica ensinar alunos a importância de se sustentar o que chamamos de terra, e qual os efeitos que isso causará na vida, a prática virá conseqüentemente e involuntariamente, dentro de instituições, praças e até mesmo dentro da própria casa, a questão que deve ser considerada, é saber aproveitar o início do aprendizado, por isso, a sustentabilidade nas escolas é algo tão importante, e seu desenvolvimento garantirá o futuro humano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar o trabalho foi de suma importância para evidenciar a importância da sustentabilidade escolar, visto que as crianças de hoje, são os adultos de amanhã, ou seja, uma mudança radical agora poderá gerar grandes frutos a serem colhidos mais tarde.

Sempre esteve evidente a degradação das condições ambientais do nosso planeta e o quanto isso está afetando as crianças, mas não é trabalho apenas do professor conscientizar e ensinar sobre sustentabilidade, e sim um trabalho em conjunto (pais, professores, empresas, políticas públicas e cidadãos), assim as chances poderiam ser maiores de promover o bem-estar de uma forma geral. Portanto, a união de forças é essencial para o bem-estar das crianças e da sociedade, outro passo é fazer um consumo consciente, ou seja, viver com o que é realmente necessário e ir em busca do caminho certo para um futuro socioeconômico e ecológico mais sustentável.

Podemos sim encontrar projetos relacionados a sustentabilidade nas escolas, mas ainda parece não ser o bastante, é preciso estar presente e saber a fundo se o tema sustentabilidade não se torna apenas um objeto de estudo, e principalmente saber se os alunos participam dessas práticas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: **Ética do humano, compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999. 20p.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores). 20p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 20 p.

GRÜN, Mauro. **A outridade da natureza na educação ambiental**. 2003. 14 p.

JACOBI, P. et al. (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998. 205 p.

PEREIRA, Rita R. **Nossos comerciais, por favor! Infância, televisão e publicidade**. Tese (Doutorado em educação). PUC-RIO, Departamento de Educação. Rio de Janeiro: 2003. 105 p.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. Tese de Doutorado, Departamento de Educação, PUC-RIO, 2005. 20 p.

BALARDIM, Graziela. Sustentabilidade nas escolas: A importância do exemplo para a formação de cidadãos conscientes. **Clipescola**, 2018. Disponível em: ><http://www.clipescola.com/sustentabilidade-nas-escolas/>>. Acesso: 13 de maio de 2019.

7 atividades de sustentabilidade na escola. **Novos alunos**, 2016. Disponível em: ><http://novosalunos.com.br/7-atividades-de-sustentabilidade-na-escola/>>. Acesso: 13 de maio de 2019.

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. **"O que é sustentabilidade?"**. Disponível em:> <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/quimica/o-que-e-sustentabilidade.htm>>. Acesso: 13 de maio de 2019.

_____. **"O que é sustentabilidade?"**; **Brasil Escola**. Disponível em: ><https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/quimica/o->

que-e-sustentabilidade.htm.>. Acesso: 13 de maio de 2019.

THOMÉ, C. A.; MENDONÇA. R. Sustentabilidade na escola: como ensinar princípios para as crianças. **Conexão planeta**, 2018. Disponível em: ><http://conexaoplaneta.com.br/blog/sustentabilidade-na-escola-como-ensinar-seus-principios-para-as-criancas/>>. Acesso: 13 de maio de 2019.

SUSTENTABILIDADE na prática: 4 projetos ambientais inovadores. **Mercado em foco**, 2018. Disponível em: ><https://mercadoemfoco.unisul.br/sustentabilidade-na-pratica-4-projetos-ambientais-inovadores/>>. Acesso: 20 de maio de 2019.

MEIO Ambiente. **Melhores dias**, 2019. Disponível em: ><https://melhoresdias.org.br/areas-de-atuacao/meio-ambiente/>>. Acesso: 20 de maio de 2019.

AFINAL o que é sustentabilidade. **Pensamento verde**, 2018. Disponível em: ><https://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/afinal-o-que-e-sustentabilidade/>>. Acesso: 20 de maio de 2019.

5 Projetos incríveis que provam que é sempre possível ser mais sustentável. **Hypeness**, 2019. Disponível em: ><https://www.hypeness.com.br/2015/10/5-projetos-incriveis-que-provam-que-e-sempre-possivel-ser-mais-sustentavel/>>. Acesso: 13 de maio de 2019.

NOTÍCIAS. **Câmara**, [s.d.]. Disponível em: ><https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/MEIO-AMBIENTE/570756-ESCOLAS-PODEM-SER-OBRIGADAS-A-INSTALAR-LIXEIRAS-DE-COLETA-SELETIVA.html>>. Acesso: 20 de maio de 2019.



CARÊNCIA AFETIVA E OS IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

AFFECTIVE DEFICIENCY AND THE IMPACTS ON THE LEARNING TEACHING PROCESS

ROGANI, Barbara
RIBEIRO, Leila;
OLIVEIRA, Pyetra

RESUMO: Partindo do fundamento de que o ser humano, desde seu nascimento, se baseia em laços afetivos, logo, o mesmo é um grande componente para o desenvolvimento do mesmo. Desta forma, o presente artigo tem por objetivo estudar os impactos da carência e afetividade no processo de ensino aprendizagem de uma criança.

PALAVRAS-CHAVE: afeto – carência – ensino - criança

SUMMARY: Starting from the foundation that the human being, from birth, is based on affective bonds, therefore, the same is a great component for the development of the same. Thus, this article aims to study the impacts of lack and affectivity in the teaching-learning process of a child.

KEYWORDS: affection - neediness - teaching - child

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, cada vez mais se faz presente a falta de afetividade entre as pessoas. Desse modo, o objetivo dessa pesquisa é destacar que a carência afetiva é um dos grandes motivos que contribuem para problemas de desenvolvimento emocional, social e cognitivo de uma criança.

Este trabalho foi feito com a justificativa de conscientizar os leitores sobre quão prejudicial pode se tornar a falta de afeto, deixando clara a

importância da afetividade em vida familiar e escolar, para que assim, a criança se desenvolva integralmente da melhor forma possível, se sentindo amada, acolhida e segura, de modo que possa ter um resultado satisfatório em seu processo de ensino e aprendizagem.

O estudo foi feito através de pesquisa revisional e traz os fundamentos teóricos de autores sobre a afetividade e sua relação com a aprendizagem. O artigo foi estruturado em quatro seções. Na primeira, fala sobre o conceito de afetividade. Na segunda, é abordada a importância do afeto familiar no desenvolvimento da criança. A terceira traz uma apresentação sobre a carência afetiva, seguida pela quarta seção, que relata os impactos da carência afetiva no ensino e aprendizagem.

2. CONCEITO DE AFETO

“Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.” (FERREIRA, 2009, p. 61 apud BONFIM et al. p. 5).

O afeto pode ser definido pelo englobamento de sentimentos, ele realiza um papel fundamental em todas as relações, além de intervir decisivamente na percepção, emoções, memórias, autoestima, ações, entre outros, se tornando assim, um integrante fundamental da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana. Desse modo, podemos concluir que o afeto tem uma ligação com as vivências do ser humano, onde o mesmo é afetado por elas, seja de forma positiva, ou negativa.

Segundo Tassoni (2000, p. 4) a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

2.1. A IMPORTÂNCIA DO AFETO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

“O afeto é a mola propulsora dos laços familiares e das relações interpessoais movidas pelo sentimento e pelo amor, para ao fim e ao cabo dar sentido e dignidade à existência humana.” (MADALENO, 2008, p.66 apud SIMÕES.)

A afetividade está presente em nossa realidade e a família tem um papel afetivo fundamental para o bem estar de seus componentes, tanto que, a proporção de afeto que recebemos, pode influenciar diretamente em nossa saúde mental, comportamento e desenvolvimento.

Um bebê tem suas primeiras relações afetivas estabelecidas com a mãe durante sua gestação, mas, após o nascimento, essas relações se estendem ao restante da família. É um mundo completamente novo para a criança, cheio de descobertas a serem feitas e é por meio de relações de afeto que essa experiência poderá se tornar prazerosa, construindo a personalidade da criança e a ajudando positivamente em seu desenvolvimento cognitivo.

Para Rossini (2001, p.09 apud Witt, 2018, p.21)

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela está em nós como uma fonte geradora de potência, de energia. Dizemos que, até os 12 anos, a vida do ser humano é extremamente afetiva e, a partir daí, o futuro adulto já tem estabelecida suas formas de afetividade. A afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, as ações, na sensibilidade corporal – é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade.

Portanto, dentro de um âmbito familiar afetivo, aprendemos lições e valores que nos preparam para agir diante das situações impostas pela sociedade, nos fazendo evoluir cognitivamente e como pessoa.

2.2. CARÊNCIA AFETIVA

Durante muitos anos a família exercia um modelo tradicional conservador, onde o pai era o provedor da família com o papel de sustentar seus familiares, e a mãe ficava encarregada de cuidar da casa e dos filhos. Com o passar do tempo, o modelo de família passou por várias transformações, hoje em dia a mulher conquistou seus direitos e tem se tornado tão presente na sociedade quanto o homem, com isso, as mães também se tornaram profissionais e saem de casa para trabalhar.

No entanto, não que seja motivo de desculpa, mas alguns pais estão se tornando cada vez menos presentes na vida de seus filhos por causa de trabalho e outros afazeres. Saem para trabalhar, deixam os filhos na creche, ou na escola, voltam para casa tarde da noite e, o pouco de tempo que sobra, dedicam a outras atividades da casa. Assim, coisas que parecem tão simples, como por exemplo, sentar para conversar, perguntar como foi o dia da criança, brincar, ajudar com a lição de casa, ter um simples gesto de carinho e amor, ficam de lado nesse mundo de correria que os pais acabam criando. Dessa forma, os pais acabam fazendo com que seus filhos desenvolvam uma carência emocional, fazendo os se sentirem menos importantes e abandonados.

Certa vez, um filho de nove anos perguntou a um pai, que era médico, quanto ele cobrava por consulta. O pai disse-lhe o valor. Passado um mês, o filho aproximou-se do pai, tirou algumas notas do bolso, esvaziou seu cofre de moedas e disse-lhe com os olhos cheios de lágrimas: Pai, faz tempo que eu quero conversar com você, mas você não tem tempo. Consegui juntar o valor de uma consulta. Você pode conversar comigo? (CURY, 2003, p.26 apud CANÇADO, 2013)

Outro fator que pode desencadear a carência afetiva em uma criança é que, cada vez mais, os pais deixam que os problemas de casal interfiram no relacionamento com seus filhos. Brigas e separações, falta de união e amor

acabam atingindo as crianças e fazem com que os pais se distanciem ainda mais delas, proporcionando-lhes experiências traumáticas que acabam se manifestando de forma negativa futuramente. CHALITA (2001, p.20 apud PEDROSO; BONFIM, 2017, p.4) diz que:

[...] a família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo a cumplicidade com os filhos. [...] A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família. É essa a célula mãe da sociedade, em que os conflitos necessários não destroem o ambiente saudável.

Portanto, uma criança com pais ausentes, e com uma vida escassa de afetividade, tende a ter consequências preocupantes. A mesma pode vir a sofrer com oscilações de humor, personalidade, comportamento e emoções, com sua vivência em sociedade e principalmente com o seu desenvolvimento cognitivo.

2.3 IMPACTOS DA CARÊNCIA AFETIVA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

De início, a escola é o primeiro ambiente socializador fora do círculo familiar da criança, e nesse momento, o desenvolvimento cognitivo e a afetividade estão interligados com o modo de interação dessa criança com suas novas experiências.

Segundo Mutschele (1994), a criança, ao entrar na escola pela primeira vez, precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar-se uma nova experiência, e esta deverá ser agradável, para que haja um reforço da situação.

De acordo com Cunha (2008, p. 67 apud BONFIM et al. p.6)

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais

que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes.

Com as diversas mudanças em que a sociedade vem sofrendo, é importante ressaltar que, muitas vezes, o aluno chega na escola totalmente desmotivado, carente, com sentimentos de exclusão e a conduta do professor será decisiva não apenas no bem-estar, mas também no interesse em que ele apresentará pelo conhecimento pedagógico.

Uma criança que já vem de um lar onde o afeto não se faz presente, tende a sofrer nessa nova etapa da vida. Sua relação com as demais pessoas e novos conhecimentos pode se tornar um tormento, pois, a partir do momento que o aluno se sente incapaz, tem sua autoestima baixa e problemas de personalidade, seu rendimento escolar começa a ser afetado.

“[...] o não aprender trata-se de uma inibição ou sintoma, caracterizando essa reação como uma interdição da satisfação através do afastamento da realidade e busca de satisfação à nível da fantasia, favorecendo a fixação e impedindo o desenvolvimento”. (PAIN, 1985 apud JACOB; LOUREIRO, 1996, p. 155). Jacob e Loureiro (1996) ressaltam em seus estudos que alunos que são caracterizados como nervosos, impulsivos, emotivos, com baixa tolerância a frustrações, isolados e imaturos, entre outros comportamentos negativos, apresentam dificuldades de aprendizagem, concluindo que tal fato decorre de uma experiência de vida carente de afeto.

É nesse instante que o professor tem um grande papel. Segundo Woolfolk (2000, p.47 apud BRUST, 2009, p.25)

Os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firme, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem estar.

Como professor, você pode estar disponível para conversar sobre problemas pessoais sem exigir que seus alunos o façam.

SILVA (2001) enfatiza a importância do professor para que os alunos se sintam mais seguros, criando assim, um ambiente de aprendizado tranquilo, onde a afetividade se faz presente no cotidiano da sala de aula, seja pela postura do professor, pela dinâmica de seu trabalho, ou nas interações entre os sujeitos.

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções, e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. (SALTINI, 2008, p.100 apud MELLO, 2013, p.7)

O afeto é essencial para que se tenha uma educação de qualidade, quando a criança repara que a professora gosta dela, e que a mesma apresenta certas qualidades como: paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, a aprendizagem torna-se mais eficaz, obtendo resultados satisfatórios e formando alunos por inteiro.

Os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência desse componente. Assim, num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranquilos, constroem uma autoimagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar. O professor que possui a competência afetiva é humano, percebe seu aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade (RIBEIRO e JUTRAS, 2006 apud SILVA; NERIS, p.6).

Conclui – se então que a afetividade é necessária para que o aluno se sinta como parte importante e seguro para aprender o que lhe é ensinado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo possibilitou um estudo mais profundo do tema, concluindo o quão importante é a afetividade na vida de uma criança. O psiquiatra infantil, Dr. César de Moraes, em seu vídeo “A importância do afeto no desenvolvimento de crianças e adolescentes” afirma que “O afeto é uma estância essencial, se começa muito cedo e vai percorrer todo o nosso processo de desenvolvimento da personalidade”. Como citado anteriormente, o afeto é de grande relevância para o desenvolvimento da criança, não apenas para o desenvolvimento de sua personalidade, mas também para o seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

Foi constatado que, atualmente, a maioria das crianças estão nascendo e crescendo em um mundo onde, para seus pais, o tempo é dinheiro e as demonstrações de carinho são mínimas e superficiais. Toda essa ausência afetiva, seja ela, por motivos de pais que passam muito tempo no trabalho, ou que, mesmo com tempo, são frios em suas relações e não dão valor a saúde emocional de seus filhos, vem prejudicando o psicológico, social e cognitivo das crianças. No vídeo “Afetividade: A importância do afeto na primeira infância” é discutida a importância da afetividade desde o nascimento da criança, as formas de afeto e as maneiras de agir diante de algumas situações em que a criança precisa dos pais presentes.

Dentro do ambiente escolar, vimos que essa carência afetiva traz consequências para a aprendizagem do aluno e que, para haver aprendizagem, o sujeito precisa estar emocionalmente bem, motivado e seguro, do contrário,

dificilmente ele conseguirá interagir com o meio e se desenvolver.

Os professores com um olhar mais atento e carinhoso podem ser a salvação desses alunos carentes e com dificuldades de aprendizado, no filme “Como estrelas na Terra” podemos ver como o papel do educador é importante, pois o professor enxerga o aluno, o trata com respeito, o valoriza e entende suas dificuldades, a ponto de se dedicar, dar afeto e ajudar no desenvolvimento do aluno, se preocupando também em ir atrás e procurar ter a ajuda da família no processo. Sendo assim, a família e a escola precisam refletir e entrar em união para que a criança não esteja desprovida desse laço afetivo que tanto influencia em seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Ed Positivo; 2009 p. 61.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. Disponível em:

<<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.PDF>>. Acesso em: março de 2019

SIMÕES, Thiago Felipe Vargas. **(Des)afeto e família**. -. Disponível em:

<http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6112>. Acesso em: março de 2019.

WITT, Hort Albert. **Afetividade nas escolas**. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=nSB6DwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: março de 2019.

CANÇADO, Décio. **O valor da emoção**. Disponível em:

<<http://clicfolha.com.br/imprimir-materia/27024/o-valor-da-emocao>>. Acesso em: março de 2019.

PEDROSO, Cláudia Maria dos Santos; BONFIM, Evandro Luiz Soares. O

impacto da tecnologia no ambiente familiar e suas consequências na escola. E-FACEQ. Ano 6, n. 10, p. 1-5, ago. 2017.

BONFIM, Lilian Meire Leite Vieira et al. Importância da afetividade e sua influência na aprendizagem.

Disponível em:

<<https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo1.pdf>>. Acesso em: março de 2019.

BRUST, Josiane Regina. *A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.* 2009. 40f. Dissertação de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

SILVA, José Rone Rabelo; NERIS, Leonardo Santos. **A importância da relação afetiva entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem:** um desafio contemporâneo para a educação. Disponível em: <<http://iiabcg.org.br/wp-content/uploads/2016/09/A-IMPORT%C3%82NCIA-DA-RELA%C3%87%C3%83O-AFETIVA-ENTRE-PROFESSOR-E-ALUNO.pdf>>. Acesso em: março de 2019.

MORAES, César. **A importância do afeto no desenvolvimento de crianças e adolescentes.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sbQ2MSf1ie4>>. Acesso em: abril de 2019.

Como estrelas na Terra. Direção de Aamir Khan; Amole Gupte. Índia, 2007. (165 minutos).

dificilmente ele conseguirá interagir com o meio e se desenvolver.

Os professores com um olhar mais atento e carinhoso podem ser a salvação desses alunos carentes e com dificuldades de aprendizado, no filme “Como estrelas na Terra” podemos ver como o papel do educador é importante, pois o professor enxerga o aluno, o trata com respeito, o valoriza e entende suas dificuldades, a ponto de se dedicar, dar afeto e ajudar no desenvolvimento do aluno, se preocupando também em ir atrás e procurar ter a ajuda da família no processo. Sendo assim, a família e a escola precisam refletir e entrar em união

para que a criança não esteja desprovida desse laço afetivo que tanto influencia em seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Curitiba: Ed Positivo; 2009 p. 61.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.PDF>>. Acesso em: março de 2019

SIMÕES, Thiago Felipe Vargas. **(Des)afeto e família.** -. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6112>. Acesso em: março de 2019.

WITT, Hort Albert. **Afetividade nas escolas.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nSB6DwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: março de 2019.

CANÇADO, Décio. **O valor da emoção.** Disponível em: <<http://clicfolha.com.br/imprimir-materia/27024/o-valor-da-emocao>>. Acesso em: março de 2019.

PEDROSO, Cláudia Maria dos Santos; BONFIM, Evandro Luiz Soares. O impacto da tecnologia no ambiente familiar e suas consequências na escola. E-FACEQ. Ano 6, n. 10, p. 1-5, ago. 2017.

BONFIM, Lilian Meire Leite Vieira et al. Importância da afetividade e sua influência na aprendizagem.

Disponível em:

<<https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo1.pdf>>. Acesso em: março de 2019.

BRUST, Josiane Regina. *A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.* 2009.

40f. Dissertação de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

SILVA, José Rone Rabelo; NERIS, Leonardo Santos. **A importância da relação afetiva entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem:** um desafio contemporâneo para a educação. Disponível em: <<http://iiabcg.org.br/wp-content/uploads/2016/09/A-IMPORT%C3%82NCIA-DA-RELA%C3%87%C3%83O-AFETIVA-ENTRE-PROFESSOR-E-ALUNO.pdf>>. Acesso em: março de 2019.

MORAES, César. **A importância do afeto no desenvolvimento de crianças e adolescentes.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sbQ2MSf1ie4>>. Acesso em: abril de 2019.

Como estrelas na Terra. Direção de Aamir Khan; Amole Gupte. Índia, 2007. (165 minutos).



UNIFAC
Associação de Ensino de Botucatu

Revista
Reticências 

